



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A REGULAÇÃO COOPERADA DAS APRENDIZAGENS

Fábio Miguel Prata Dias

Aluno n.º 35650

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Helena Luísa Martins Quintas
Professora Mestra Teresa Cristina Moura Vitorino

2012



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A REGULAÇÃO COOPERADA DAS APRENDIZAGENS

Fábio Miguel Prata Dias

Aluno n.º 35650

Relatório

Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Helena Luísa Martins Quintas

Professora Mestra Teresa Cristina Moura Vitorino

2012

A REGULAÇÃO COOPERADA DAS APRENDIZAGENS

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.



Copyright

Fábio Miguel Prata Dias

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível devido ao apoio de algumas pessoas que foram fundamentais. A todos agradecemos de uma forma especial.

À minha orientadora Professora Doutora Helena Luísa Martins Quintas pela disponibilidade na orientação deste estudo, pelos pareceres e por todo o apoio, fundamentais para a conclusão do mesmo.

À minha coorientadora Professora Adjunta Teresa Cristina Moura Vitorino, pela importante orientação. Pelo seu interesse, motivação, disponibilidade e reflexão. Pelos conselhos e críticas que ajudaram a melhorar este estudo, pois sem eles não teria sido possível. E, acima de tudo, por ser a professora que é.

À Professora Doutora Maria Eugénia de Jesus, por me ter acolhido na sua sala de aula, ao longo de um ano e meio de estágio. Por tudo o que proporcionou, tanto a nível de desenvolvimento profissional, como pessoal. E, acima de tudo, por ser a pessoa amável, compreensiva e dedicada, que é.

Ao grupo de crianças onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, por nos terem feito crescer e pela importante participação neste estudo.

Aos encarregados de educação, que participaram neste estudo. As suas contribuições enriqueceram o relatório realizado.

Às amigas e colegas Ana Valente, Adriana Marques e Tânia Oliveira, nossas colegas ao longo deste percurso, que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste relatório.

Ao amigo André Cuco, que sempre nos acompanhou ao longo de uma vida.

Aos outros amigos, pelo apoio e motivação.

À Marta Guerreiro, minha namorada, por nos ajudar nos momentos mais difíceis. Pela sua dedicação, compreensão e amizade profunda, imprescindível na realização do relatório.

Aos meus pais, pelo apoio dado ao longo deste ciclo e realização de relatório.

À nossa avó materna, que apesar de falecida, contribuiu bastante no sentido de sermos as pessoas que somos hoje.

Índice

Índice de Quadros	vii
Resumo	ix
Abstract.....	x
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Uma imagem do percurso formativo ao longo da Prática de Ensino Supervisionada	3
1.1 Gestão do processo educativo	5
1.1.1 Organização metodológica.....	5
1.1.2 Gestão integrada do currículo	8
1.1.3 Estratégias de motivação dos alunos.....	8
1.1.4 Estratégias potenciadoras de fatores de mudança	8
1.1.5 Gestão da turma.....	9
1.1.6 Avaliação do processo educativo	10
1.2 Alunos e aprendizagem.....	10
1.2.1 Características individuais dos alunos.....	10
1.2.2 Avaliação dos alunos.....	11
1.2.3 Comportamentos e atitudes dos alunos	11
1.2.4 Relação com os alunos	12
1.3 Colaboração no processo formativo	12
1.3.1 Reflexões positivas de colaboração.....	12
1.3.2 Inquietações pessoais	13
1.3.3 Sentimentos de agrado e desagrado	13
1.3.4 Avaliação do desenvolvimento profissional	14
1.3.5 Avaliação do desenvolvimento pessoal.....	15
1.4 Síntese final sobre o papel da PES no nosso desenvolvimento como futuros professores	15
Capítulo 2 - Metodologia.....	18

1. Opções metodológicas	19
2. Questões de investigação e objetivos do estudo	19
3. Delineamento da investigação e técnicas e instrumentos de recolha de dados	20
Capítulo 3 - Análise e interpretação de dados	23
1. Fundamentação teórica	24
1.1 Os instrumentos do Movimento de Escola Moderna	24
1.2 A avaliação vista como reguladora	25
1.3 O Diário de Turma e o Conselho de Cooperação Educativa	26
1.4 O Plano Individual de Trabalho (PIT)	26
2. Apresentação e análise dos dados	27
2.1 Perspetiva oficial da professora, quanto ao modo de operacionalização do PIT ..	28
2.2 Caracterização do ambiente educativo - turma	30
2.3 Perspetiva da professora quanto ao trabalho do PIT, tendo em conta o Diário de Turma	32
2.4 As rotinas da professora, encarregados de educação e alunos, quanto ao trabalho do PIT	33
2.5 Competências promovidas com a utilização do PIT	38
2.6 Síntese final sobre a análise de dados efetuada	40
Considerações finais	42
Referências bibliográficas	43
Anexos	45

Índice de Quadros

Quadro 13 – Pertença do PIT, segundo o projeto curricular de turma	28
Quadro 14 – Objetivos do trabalho do PIT, segundo o projeto curricular de turma	28
Quadro 15 – Modo de funcionamento do trabalho do PIT, segundo o projeto curricular de turma	29
Quadro 16 – Avaliação do trabalho do PIT, segundo o projeto curricular de turma.....	29
Quadro 17 – Formação académica da professora.....	30
Quadro 18 – Percurso profissional da professora.....	30
Quadro 19 – Dificuldades gerais sentidas pela professora	31
Quadro 20 – Dificuldades sentidas pela professora ao nível da escola.....	31
Quadro 21 – Dificuldades da professora na relação com os membros da comunidade educativa.....	31
Quadro 22 – Caracterização da turma, segundo a professora.....	32
Quadro 23 – O Conselho de Turma.....	32
Quadro 24 – Modo de operacionalização do PIT	33
Quadro 25 – As rotinas da professora, quanto ao trabalho do PIT.....	34
Quadro 26 – As rotinas dos encarregados de educação, segundo a docente	35
Quadro 27 – As rotinas do encarregado de educação X.....	35
Quadro 28 – As rotinas do encarregado de educação Z	35
Quadro 29 – Ideias, quanto ao modo de trabalho, segundo o encarregado	36
Quadro 30 – Ideias, quanto ao modo de trabalho, segundo o encarregado Z.....	37
Quadro 31 – Trabalho feito pelo aluno A referente à escola.....	37
Quadro 32 – Trabalho feito pelo aluno A referente ao ATL.....	37
Quadro 33 – Trabalho feito pelo aluno A referente a casa	37
Quadro 34 – Trabalho feito pelo aluno B referente à escola	37
Quadro 35 – Trabalho feito pelo aluno B referente ao ATL	37
Quadro 36 – Trabalho feito pelo aluno B referente a casa	37

Quadro 37 – Rotinas dos alunos, segundo a docente	38
---	----

Resumo

O presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, realizado para a obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico, está subordinado ao título “A regulação cooperada das aprendizagens”. Teve como principal objetivo analisar e compreender como é que no 1.º ciclo do Ensino Básico se utiliza o Plano Individual de Trabalho, instrumento que permite que os alunos, através da auto e hetero correção, desenvolvem as suas competências avaliativas.

Tendo em vista o objetivo proposto, procedeu-se à análise documental do Projeto Curricular da turma onde realizámos a nossa Prática de Ensino Supervisionada, com a intenção de conhecer a perspetiva da professora cooperante quanto à função pedagógica atribuída ao PIT.

Após aval da direção do agrupamento de escolas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas à docente, a dois alunos e respetivos encarregados de educação, com a intenção de entender a visão dos atores educacionais, quanto ao trabalho pedagógico que a utilização do PIT permite.

Para a concretização do capítulo sobre o percurso formativo do autor deste relatório foram analisadas reflexões individuais produzidas e extraídos excertos das reflexões efetuadas no decurso da Prática de Ensino Supervisionada (PES), tendo-se procedido à respetiva análise de conteúdo e categorização.

Com este trabalho pretende-se demonstrar o nosso percurso formativo no decorrer da PES e evidenciar as potencialidades pedagógicas do PIT.

Palavras-chave: avaliação em educação, ensino básico, Movimento da Escola Moderna, percurso formativo de docentes, PIT, regulação das aprendizagens.

Abstract

The present Report on Supervised Teaching Practice, undertaken for the ascription of the master degree on the 1st and 2nd Basic Teaching cycles, is subordinated to the title “The cooperated regulation of teaching”.

It had the main objective of analysing and understanding how in the 1st Basic Teaching cycle the Individual Working Plan (IWP) –an instrument that allows the students to develop their evaluating competences through correction and self-correction – is used.

In the view of the purposed objective, we carried on the documental analysis of the Curricular Project from the class where we performed our Supervised Teaching Practice, with the intention of knowing the cooperating teacher’s perspective in regards to the pedagogic function attributed to the IWP.

Following the consent by the schools group direction, semi-structured interviews were undertaken to the professor, to two students and respective tutors, aiming to understand the educating actors’ view, regarding the pedagogical work allowed by using the IWP.

To prepare the chapter on the training trajectory of this report’s author, produced individual reflections were analyzed and excerpts of the reflections done during the Supervised Teaching Practice (STP) were extracted, performing the respective content and categorization analysis.

With this work we wish to demonstrate our training trajectory while the Supervised Teaching Practice took place and to highlight the pedagogical potentialities of the IWP.

Key-words: basic teaching, evaluation in education, IWP, learning regulation, Modern School Movement, training trajectory of professors.

Introdução

Hargreves e Fullan (1992, cit. por Gonçalves, 2009) dizem que “a carreira docente configura-se como um processo de formação permanente e de desenvolvimento pessoal e profissional do adulto-professor, que compreende não apenas os conhecimentos e competências que o mesmo constrói na formação, mas também a pessoa que ele é, com todas as suas crenças, idiossincrasias e história de vida, e o contexto em que exerce a atividade docente” (p. 2). Nesta perspectiva, é importante considerar o presente relatório, não apenas como um instrumento de avaliação, mas também como um instrumento de aprendizagem para o autor enquanto futuro professor.

Tendo em conta os objetivos gerais propostos para a realização do presente trabalho, optou-se por intitular o nosso relatório de: “A regulação cooperada das aprendizagens”, visto que se queria verificar como se processa o trabalho pedagógico que é realizado com a utilização do Plano Individual de Trabalho (PIT), no contexto do 1.º ciclo do Ensino Básico, com um grupo de crianças de 7/8 anos de idade. O nosso estudo limitou-se ao campo da auto e da hétéro correção dado que, durante a formação no 1.º ciclo do ensino básico, mais propriamente na Prática de Ensino Supervisionada (PES), tivemos a oportunidade de observar que a professora cooperante faz uso do instrumento denominado PIT, através do qual, os alunos e as alunas realizam a sua auto e hétéro correção e desenvolvem competências avaliativas. Como uma das maiores dificuldades que tínhamos se situava ao nível das competências em avaliação, tomámos, então como propósito estudar o PIT, de modo a expandir e consolidar saberes profissionais neste campo de intervenção educacional.

O trabalho está dividido em três capítulos: o capítulo 1, subordinado ao título “Uma imagem do percurso formativo ao longo da PES”, traça o nosso desenvolvimento como aprendiz de professor, com o auxílio das reflexões que efetuámos ao longo da prática pedagógica; o capítulo 2, “Metodologia”, apresenta os objetivos específicos do trabalho e descreve as opções metodológicas tomadas; o capítulo 3, “Análise e interpretação dos dados”, apresenta uma análise interpretativa de dados que recolhemos de várias fontes que nos permitiram aprofundar a importância do PIT enquanto instrumento de autorregulação das aprendizagens por parte dos alunos, e concluir sobre a sua importância no processo da aprendizagem neste nível de ensino. Por fim apresentam-se as considerações finais, nas quais se analisa a concretização dos objetivos

que nos propusemos alcançar, e refletirmos sobre o que pensamos ter aprendido com a realização do presente relatório.

É nossa intenção que o presente relatório transmita, com rigor, o processo de análise que empreendemos e que, de forma fiel, coloque em evidência as potencialidades do PIT na aprendizagem dos alunos, mas também na construção de rotinas de ensino no nível de ensino para que nos estamos a formar como profissionais.

**Capítulo 1 - Uma imagem do percurso formativo ao longo da Prática de Ensino
Supervisionada**

Introdução

Atendendo a que um dos pontos a considerar neste relatório era o nosso percurso formativo, optou-se por partir das reflexões semanais/quinzenais que foram realizadas ao longo da PES e, com base nestas, refletirmos sobre as experiências que vivemos e que estruturaram a nossa trajetória de desenvolvimento enquanto futuro professor do 1.º ciclo do Ensino Básico. Em termos metodológicos realizámos uma análise de conteúdo destas reflexões. Numa primeira fase, usámos como modelo de análise a grelha de categorização construída e utilizada por Quintas(1998) na sua tese de mestrado, que considerámos adequado ao foco de análise que nos propúnhamos estudar. O modelo contempla as seguintes categorias: “Gestão do processo educativo”; “Alunos e aprendizagem”; “Colaboração no processo formativo”. Tal como se apresenta no Quadro 1, estas categorias foram organizadas em subcategorias devidamente operacionalizadas.

Grelha de análise das reflexões semanais/quinzenais do autor do relatório

Categorias	Subcategorias	Operacionalização
Gestão do processo educativo – Excertos de reflexões alusivas às opções de gestão do processo educativo, nomeadamente quanto à organização metodológica, transversalidade das atividades pensadas e criadas, motivação e aspetos de mudança. Situações ligadas à gestão da turma e avaliação do processo educativo.	Organização metodológica	Alusão à criação e gestão de atividades de ensino/aprendizagem, objetivos, momentos e ordem das atividades e sua diversificação em função dos diferentes níveis de aprendizagem, etc.
	Gestão integrada do currículo	Referência a estratégias e/ou atividades que possam ser utilizadas tendo em conta diversas áreas curriculares.
	Estratégias de motivação dos alunos	Indicação de estratégias utilizadas para motivar os alunos.
	Estratégias potenciadoras de fatores de mudança	Narrativas que informem sobre comportamentos e atitudes, quer dos professores-estagiários, quer dos alunos, como consequência da aplicação de estratégias de ensino.
	Gestão da turma	Situações ligadas a aspetos organizacionais, que acabam por estar ligados a situações de controlo, moderação de comunicação, tempo e trabalho.
	Avaliação do processo educativo	Verificação de situações em que o professor-estagiário se avalia a si próprio, tendo em conta o processo educativo do mesmo e dos alunos.
Alunos e aprendizagem – Excertos de reflexões alusivas aos alunos em si, tendo em conta a participação, características individuais, avaliação, comportamentos e atitudes e relação entre o professor-estagiário e estes.	Características individuais dos alunos	Situações de indicação de características individuais dos alunos, nomeadamente os interesses e motivação.
	Avaliação dos alunos	Comentários realizados quanto à avaliação, num modo geral, dos alunos.
	Comportamento e atitudes dos alunos	Reflexões realizadas quanto às reações dos alunos face a situações decorrentes da gestão do professor-estagiário.
	Relação com os alunos	Alusão à relação entre o professor-estagiário e os alunos.
Colaboração no processo	Reflexões positivas de	Indicação de situação de colaboração e respetivas reflexões

formativo – Excertos de reflexões centradas no professor-estagiário, nomeadamente no trabalho colaborativo (parceiro de estágio, professores cooperantes e orientadores da unidade curricular), os seus receios (sensações de medo), sentimentos de agrado e desagrado. Avaliação feita a nível profissional e pessoal.	colaboração	positivas ou negativas.
	Inquietações pessoais	Referência a inquietações pessoais decorrente de toda a prática pedagógica.
	Sentimentos de agrado	Referência a situações de agrado, decorrentes da prática pedagógica.
	Sentimentos de desagrado	Referência a situações de desagrado, decorrentes da prática pedagógica.
	Avaliação do desenvolvimento profissional	Indicação de reflexões relacionadas com o desempenho profissional do professor-estagiário, durante o seu desenvolvimento.
Avaliação do desenvolvimento pessoal	Indicação de reflexões relacionadas com o desenvolvimento pessoal do professor-estagiário.	

Com a orientação da grelha anteriormente referida selecionaram-se excertos das reflexões feitas, ao longo de toda a PES (Anexo 1) sendo, posteriormente, feita uma análise de conteúdo (Anexo 2) e respetiva categorização (Anexo 3). Foi objetivo partir desta análise para a caracterização do percurso formativo, tendo sempre em conta o aspeto reflexivo contido nas reflexões feitas no âmbito da PES. A apresentação dos pontos seguintes foi elaborada tendo em conta os quadros presentes no Anexo 4.

1.1 Gestão do processo educativo

No que se refere à gestão do processo educativo, e de acordo com a matriz de análise que utilizámos, analisam-se as referências contidas nas reflexões escritas que abordam situações, alusivas às opções de gestão do processo educativo, nomeadamente quanto à organização metodológica; à gestão integrada do currículo; as estratégias de motivação dos alunos; as estratégias potenciadoras de fatores de mudança; à gestão da turma e avaliação do processo educativo.

1.1.1 Organização metodológica

Quanto à organização metodológica, e tal como se apresenta no Anexo 4, aprecia-se, globalmente, o percurso realizado. Primeiramente surgiram questões ligadas à observação, mais propriamente como as professoras faziam a sua própria organização metodológica.

É dito numa das primeiras reflexões que

“é o facto de os alunos de semana em semana mudarem de lugar. O objetivo da professora passa por alunos, com diferentes tipos de capacidades e de utilização de estratégias, se puderem ajudar mutuamente (...) esta estratégia pode ser bastante positiva, pois incentiva à comunicação dos alunos, levando-os a discutir estratégias”.

Desta forma podemos dizer que a intenção passou muito por observar os profissionais em ação, tentando compreender sempre como atuavam, sendo a observação extremamente importante para o professor-estagiário.

De seguida, surge a questão da planificação de atividades, pois foi o momento seguido à observação de aulas. Simão (2001), diz que esta é a primeira fase do trabalho do professor estagiário, na qual

“o estudante decide o que se vai fazer numa determinada situação de aprendizagem e como a vai fazer. É uma espécie de "pensamento em tempo futuro" que guia a conduta do estudante; O estudante realiza a tarefa controlando continuamente o curso da ação, efetuando deliberadamente mudanças (por exemplo substituição de um conceito ou de um procedimento por outro) quando as considera imprescindíveis para garantir o atingir dos objetivos a alcançar” (p. 2).

Numa das reflexões é dito como se procedeu para planificar as atividades, sendo referido que *“Assim, comecei por ver as competências essenciais que iriam ser trabalhadas com a atividade, depois vi os tópicos específicos, (...) tentei criar uma estrutura que tivesse uma certa lógica”*. É claro que esta situação se cinge apenas a aspetos iniciais de uma planificação, mas foi o primeiro contacto com o ato de planificar. Mais tarde é dito que as planificações devem ser *“o mais pormenorizado que for possível”* e que a realização pormenorizada e atempada das planificações *“contribui bastante para um melhor desempenho nas aulas lecionadas”*.

Os seguintes aspetos mencionados são decorrentes de atividades já realizadas, levando a reflexões importantes. Numa das reflexões após a aula realizada é dito que a planificação pode ser alterada se as circunstâncias se alterarem, mesmo que seja apenas num determinado momento. O que realmente interessa é que os objetivos daquela atividade continuem a fazer sentido.

Este não foi o único aspeto que surgiu após aulas realizadas. É ainda dito que *“tive a oportunidade de confrontar a professora, com a necessidade de começarmos a*

utilizar o dicionário como ferramenta de grande utilidade que é". Esta reflexão surgiu após ser pronunciado o descontentamento quanto à não utilização, na área da Língua Portuguesa, desta ferramenta de trabalho. Contudo, ainda estritamente ligado a atividades é referido, em alguns momentos, a utilização de ferramentas que até aí eram desconhecidas. É o caso do sítio da internet *Edistorm*¹, que permite a organização rápida de *brainstorms*.

Ainda na planificação de um trabalho mais direcionado para os alunos, é dito que *"Penso que o trabalho cooperativo é uma boa estratégia e os professores têm tentado colocá-la em prática"*. Sendo assim, pode-se garantir que durante o percurso formativo se obtiveram evidências de que o trabalho cooperativo, devido às suas potencialidades, deve ser promovido de forma quase sistemática em sala de aula.

Outra situação que surgiu aquando da realização das reflexões escritas foi a questão do tempo. Em termos organizativos, a realização atempada das tarefas e a boa gestão do tempo podem muitas vezes levar, ou não, ao sucesso de uma atividade.

Por fim, já numa fase mais adiantada da PES, tivemos a oportunidade de entrar em contacto com a avaliação e a realização de testes de avaliação. Em alguns momentos, é dito nas reflexões que a avaliação deve ser feita atividade a atividade, embora no 2.º ciclo, muitas vezes seja efetuada tendo em conta apenas os testes de avaliação. Numa das reflexões é descrito como se procedeu para a realização dos enunciados das provas de avaliação:

"a professora cooperantes propôs que realizássemos o teste de avaliação que os alunos e alunas iriam realizar. Penso que esta proposta foi interessante e permitiu que tomasse consciência dos passos a realizar na criação do enunciado. Deste modo passo a citar o que fizemos: identificámos os conteúdos trabalhados até então; criámos uma estrutura lógica tendo em conta a ordem do trabalho efetuado com os alunos e alunas; procurámos possíveis questões; e estruturámos a cotação tendo em conta os passos pedidos em cada alínea do texto".

¹ www.edistorm.com

1.1.2 Gestão integrada do currículo

As situações ligadas à gestão integrada currículo quase nunca são referidas nas reflexões semanais/quinzenais. Apenas existe um momento em que se refletiu sobre este assunto e que passamos a citar:

“A professora, enquanto fazíamos jogos tradicionais disse que podíamos ter interligado estes com a Matemática. Neste seguimento a professora cooperante e eu, durante a 8.ª semana de Prática de Ensino Supervisionada, interligámos os jogos tradicionais e a numeração romana, bem como o trabalho no Magalhães. Conseguimos fazer uma boa interligação entre atividades ligadas à Expressão Motora, a Matemática e as Tecnologias de Informação.”

Mencionamos esta situação, pois a interligação funcionou bastante bem e ainda se conseguiu utilizar os mesmos recursos para o trabalho de diferentes áreas curriculares. Ficou ainda a noção de que o trabalho deve ser visto como contínuo e não existe a necessidade de trabalhar área curricular a área curricular.

1.1.3 Estratégias de motivação dos alunos

O “jogo” é uma estratégia de ensino muito eficaz, no sentido de levar os alunos a realizarem uma determinada aprendizagem. Eles assumem o desafio tendo em conta a competição e o divertimento e enquanto o fazem, acabam por estar a trabalhar uma determinada área, de acordo com o que o professor tem em mente, embora também esteja presente objetivo do próprio jogo. Esta conclusão é visível quando se observa o quadro referente às estratégias de motivação dos alunos, em que é dito que nos “*jogos didáticos, (...) os alunos (...) pareciam muito mais motivados em aprender, talvez porque para eles apenas se trata-se de um momento divertido, mas para mim exista algo mais, que era eles conhecerem as profissões presentes no jogo.*” Esta foi a única estratégia de motivação identificada nas reflexões semanais/quinzenais.

1.1.4 Estratégias potenciadoras de fatores de mudança

Consideraram-se os pontos apresentados no quadro 4, no Anexo 4, tendo em conta que estas estratégias devem ser mantidas no leque de estratégias a utilizar pelo professor, pois mostraram-se ser extremamente eficazes, podendo contribuir para a

mudança dos alunos. O autor do presente relatório diz que *“penso que o momento dedicado à discussão é essencial, porque os alunos têm de pensar sobre o que fizeram, levando os alunos a olhar para a ficha como um instrumento e não como um fim.”*. Sendo assim, o que se considerou distinguir uma ficha de trabalho de um instrumento de avaliação é o momento da discussão.

A questão de que *“o texto poderia ter sido trabalhado de melhor forma. Isto, porque ele fala sobre um abrigo de burros, podendo os alunos pesquisar sobre o tema, sendo assim atribuído um carácter mais de estudo do meio, ao momento”* surgiu após a realização de uma aula de Língua Portuguesa, no 2.º ciclo. No sentido de interligar áreas curriculares ou mesmo expressando um carácter mais lúdico, deve existir ligação entre os textos trabalhados na sala de aula e as vivências dos alunos.

As outras situações referidas passaram pela utilização de estratégias que marcaram a prática pedagógica e contribuíram bastante para o sucesso das planificações, nomeadamente a utilização de trabalhos de pesquisa e *peddypapers* em Estudo do Meio/Ciências da Natureza.

1.1.5 Gestão da turma

A questão da gestão da turma, por si só, deve ter em conta o professor, mas também deve ser centrada nos alunos, no sentido de que eles tenham o melhor desempenho possível. Muitas vezes se refletiu sobre processos realizados e como estes se tinham desenvolvido junto dos alunos, levando a reflexões maioritariamente negativas, mas não no sentido de as aulas não terem corrido da melhor forma, mas sim no sentido que existiram aspetos que deviam ser melhorados. Algumas das reflexões apresentadas dizem respeito à formação de grupos, experimentação de atividades e implementações de momentos preponderantes para a realização de aprendizagens. A formação dos grupos muitas vezes não corria da melhor forma, pois alguns grupos não trabalhavam da forma desejada. Assim, a experimentação das atividades foi assumida como preponderante para uma melhor gestão da turma, enquanto a realização do sumário, no final da aula, foi vista como importante, pois sintetizávamos as aulas partindo do que os alunos tinham vivenciado.

1.1.6 Avaliação do processo educativo

Relativamente à avaliação do processo educativo, concluiu-se que existem vários momentos, nas reflexões semanais/quinzenais, onde se incidu nas opções, como é o caso de “*qual a finalidade do uso da apresentação em powerpoint que criámos?(...) podíamos ter poupado imenso tempo na criação da apresentação, utilizando apenas algumas folhas A4*”. Outras em que foram tiradas conclusões, tendo em conta o processo educativo, como é o caso de “*A gestão do tempo é uma das skills que necessito de desenvolver.*”.

É interessante verificar que as reflexões têm em conta tanto o “eu”, como professor-estagiário, como a criança, como aluno. No anexo 4, correspondente às reflexões semanais/quinzenais, conseguimos verificar isso, mostrando que foi dada atenção às ações realizadas pelo professor-estagiário, mas também as respostas dadas pelos alunos às suas ações.

1.2 Alunos e aprendizagem

A categoria de análise “alunos e aprendizagem” inclui excertos que se referem aos alunos, à sua participação, características individuais, avaliação, comportamentos e atitudes e relação professor-estagiário/alunos. Desdobra-se nas seguintes subcategorias: características individuais dos alunos; avaliação dos alunos; comportamento e atitudes dos alunos; relação com os alunos. Passemos à análise de cada uma delas tendo como referência a análise que efetuámos às nossas próprias reflexões individuais.

1.2.1 Características individuais dos alunos

É dito, numa reflexão, que “*soube que um dos alunos frequentou a E. B. 1 do Alto de Rodes, a antiga professora é a Professora Manuela e o aluno quer ser jogador de futebol, não dando importância à escola.*”. Isto demonstra que existe uma preocupação em conhecer-se o *background* de certos alunos, no sentido de entender como se pode proceder com um dado aluno.

Também é referido que “*estes meninos muitas vezes se sentem sozinhos (...) mas fora da sala de aula (no recreio) noto que estes estão muitas vezes isolados dos*

restantes colegas”, o que permite concluir que se realizavam observações fora da sala de aula, com intenção de conhecer melhor os alunos.

Para finalizar, as características individuais dos alunos citadas nas reflexões semanais/quinzenais, demonstram uma preocupação no modo como os alunos estão inseridos num determinado meio, no entanto não existem conclusões sobre competências, aprendizagens efetuadas ou dificuldades de aprendizagem.

1.2.2 Avaliação dos alunos

Nas suas reflexões, o professor-estagiário procurou, em vários momentos, incidir no tema da avaliação dos alunos. Nessas reflexões são identificadas noções diretas e indiretas da avaliação dos discentes, ou seja, reflexões que incidem diretamente sobre os alunos e reflexões que incidem sobre o professor, mas que acabam por estar ligadas aos alunos. Esta segunda situação pode ser vista quando dizemos que sobre a “*Avaliação (...) sinto-me demasiado inseguro.*”

Relativamente à primeira situação, são feitas alusões a apenas uma competência revelada pelos alunos como “*o aluno que nunca lia começou a ler.*”; casos ligados ao grupo, como “*o grupo está a tornar-se cada vez mais unido.*”; casos ligados à avaliação formativa, como “*esta necessidade de fazer uma avaliação sistemática é importante, pois permite-nos ter uma noção mais pormenorizada da construção das aprendizagens dos alunos.*”; e casos de heteroavaliação, como “*Heteroavaliação dos alunos e alunas (...) devia ser suportada em evidências maiores que apenas os testes de avaliação.*”. Assim, concluiu-se que, ao longo da PES, se incidiu em vários tipos de avaliação, não existindo uma constante. A noção que prevalece é a de que adquirimos princípios em vários tipos de avaliação.

1.2.3 Comportamentos e atitudes dos alunos

Nesta subcategoria conclui-se que as reflexões feitas referem, predominantemente, a forma como o professor atua perante determinadas situações, com o objetivo de que os alunos demonstrem o comportamento desejado. São apresentadas estratégias que utilizámos ao longo da prática, como “o diálogo socrático”, dar maior atenção, manter o contacto físico ou dramatizar sentimentos. Isso fica presente quando é dito que “*Tentei criar um diálogo socrático (...), Também tentei dar-*

lhes maior atenção, (...) tentava manter contacto físico com os dois (mão sobre o ombro) ” e “por vezes o professor também tem de dramatizar, mas esta dramatização deve ser feita com sentido”.

1.2.4 Relação com os alunos

Na descrição da relação com os alunos, ficou-se com a sensação de que a relação entre o professor-estagiário e os alunos foi de crescimento. Muito devido aos receios do professor-estagiário, a relação não se assumiu sempre igual. No início, mantínhamos distantes: *“A minha relação com os alunos tem-se mantido um pouco distante”*. Mas, com o passar do tempo, fomos ganhando confiança e tentámos manter uma relação mais aberta com os alunos: *“A minha interação com os alunos já não se cinge apenas a situações ocasionais do tipo pergunta/resposta, já existe diálogo em vários momentos da aula”*. Por fim, *“os miúdos vão ganhando cada vez mais confiança comigo”*, levando a um clima de confiança.

1.3 Colaboração no processo formativo

Na categoria “colaboração no processo formativo” são incluídos excertos de reflexões centradas no professor-estagiário, nomeadamente no trabalho colaborativo, os seus receios, sentimentos de agrado e desagrado e avaliação feita a nível profissional e pessoal. Esta categoria desdobra-se nas seguintes subcategorias: reflexões positivas de colaboração, inquietações pessoais, sentimentos de agrado, sentimentos de desagrado, avaliação do desenvolvimento profissional e avaliação do desenvolvimento pessoal. Segue-se então o tratamento da informação efetuado, quanto às nossas próprias reflexões individuais.

1.3.1 Reflexões positivas de colaboração

A partir dos excertos apurados sobre reflexões positivas de colaboração, conclui-se que a relação entre o professor-estagiário e as professoras cooperantes teve momentos em que transpareceu a ideia de boa colaboração. É necessário referir que estes excertos dizem respeito à professora cooperante do 1.º ciclo, não só quanto ao modo como soube apoiar *“a cada semana que passa, tenho melhorado bastante e isso*

acontece, em grande parte, devido à forma como eu e a professora cooperante nos conseguimos relacionar”, mas também quanto à sua acessibilidade a qualquer questão colocada: *“A professora mostrou-se acessível a qualquer questão que lhe coloquei”*. São também referidas as reflexões feitas com a própria, que muitas vezes se demonstravam reflexões positivas para o trabalho que se estava a efetuar: *“eu disse que pensava que a aula não estava a correr muito bem (...).De imediato a professora levantou-se e arranjou uma estratégia simples para que eles parassem de se distrair.”*

1.3.2 Inquietações pessoais

Ao observarmos o quadro referente às inquietações pessoais, fica a sensação de que estas são uma resposta aos típicos receios de um professor nos primeiros dias de aulas:

“surgiram-me algumas dúvidas, tais como: como será o ambiente educativo; serei eu capaz de corresponder ao que é pedido; que instrumentos deverei utilizar na minha observação; o que pensarão os pais de mim; deverei ter uma relação mas próxima dos alunos ou mais distante; será a professora acessível; e serei capaz de observar o essencial”.

No entanto, as inquietações sentidas não se cingem apenas a receios típicos de um professor em início do seu percurso profissional, mas também às fragilidades do futuro professor, mais precisamente quanto às falhas no percurso educacional: *“A História e Geografia de Portugal é, em concordância com Língua Portuguesa, aquela onde me sinto mais inseguro em termos de estratégias a utilizar em sala de aula.”*

1.3.3 Sentimentos de agrado e desagrado

No plano afetivo, as reflexões semanais/quinzenais fazem alusão a sentimentos de agrado e de desagrado. É interessante verificar que os sentimentos de agrado estão maioritariamente ligados à relação mantida com a comunidade educativa, como é dito *“O primeiro contacto correu muito bem. Os auxiliares estavam informados quanto à minha chegada e a professora cooperante estava inteirada sobre qual seria o meu trabalho inicial.”* Mais propriamente em relação à professora cooperante: *“a professora cooperante entendeu a minha situação.”* Sobre os sentimentos de desagrado, estes falam sobre aspetos relacionados com a realização de atividades, como o seguinte: *“a*

questão do tempo e experimentação. Este sentimento fez com que ainda me fosse mais difícil concentrar na elaboração das tarefas.”.

1.3.4 Avaliação do desenvolvimento profissional

Como futuro profissional, considerou-se que seria importante realizar uma boa avaliação do nosso desenvolvimento profissional. Nos excertos apurados nas reflexões surgem algumas alusões quanto ao percurso profissional.

Inicialmente foi referido que *“a professora tenta realizar comigo um trabalho que vai ao encontro das minhas exigências e ao nível em que me encontro”*, ou seja, o trabalho exigido foi progressivamente aumentando progressivamente de dificuldade e de exigência, para a concretização dos objetivos. Seguidamente, *“ nunca demonstrei grande atenção para com a variável política e como ela consegue ser bastante relevante na educação”*. No entanto, com o decorrer do estágio verificámos que quando existem novos responsáveis pelo departamento da Educação as orientações são modificadas. Isso ficou muito visível, quanto aos materiais, pois numa dada altura tínhamos oportunidade de tirar fotocópias no local de estágio, mas no ano a seguir já não, porque houve cortes no orçamento.

Com o passar do tempo, retirámos algumas conclusões, que são de destacar. Já no terreno, tivemos sempre em conta que *“É necessário experimentar todas as situações que vamos propor aos alunos”*, *“As situações a trabalhar com os alunos têm de ter uma sequência lógica”*, *“A gestão do tempo é preciosa”* e *“a organização de grupos de trabalho é muito importante”*.

Considerou-se como extremamente importante que *“existe muito a melhorar e a aprender, e que ainda cometo erros que necessitam de ser melhorados”*. Isto significa que, na situação de estágio, o futuro professor toma consciência de que tem de continuar a melhorar sempre.

Por fim, durante a prática pedagógica nunca houve a real noção do trabalho dito “burocrático”, que o professor faz fora da sala de aula e como este deve agir em casos que envolvam, por exemplo, a proteção de menores. Estas conclusões vão ao encontro ao que é dito por Simão (2001, cit. Monereo *et al.*, 1995), nomeadamente que “o estudante analisa a sua própria atuação com a finalidade de identificar as decisões cognitivas que podem ter sido tomadas de maneira inapropriada ou ineficaz, para estar em condições de corrigi-las em ocasiões posteriores” (p.2).

1.3.5 Avaliação do desenvolvimento pessoal

Enquanto realizámos a nossa licenciatura em Educação Básica tivemos a oportunidade de aprender, com muitos professores das didáticas. Inconscientemente, isso levou a que considerasse o livro como uma ferramenta demasiado tradicional, incapaz de ser eficaz nos tempos que correm. No entanto, com a nossa prática, vimos que o livro pode ser *“um instrumento natural para os meninos”*, desde que o professor tenha em conta que *“o livro pode e deve ser visto como um instrumento, sendo por vezes capaz de ser muito útil para os alunos esclarecerem certas dúvidas.”*

Por fim, e numa lógica de análise sobre o desenvolvimento profissional, é dito que

“o professor que realmente procura dar resposta a todos os alunos e alunas é aquele que identifica sempre pontos negativos, quanto às estratégias utilizadas. Por vezes sinto-me frustrado por ver que nem tudo corre tão bem como o que tinha planificado, mas de certo modo fico contente por ter sempre presente esta preocupação de dar resposta aos alunos e alunas.”

É neste sentido que o professor-estagiário vai sempre querer agir, procurando eliminar as falhas e enfatizar as partes positivas nas suas planificações, no sentido de contribuir para um melhor desenvolvimento profissional.

1.4 Síntese final sobre o papel da PES no nosso desenvolvimento como futuros professores

Quanto ao papel da PES no nosso desenvolvimento como futuro professor, existem vários aspetos que devem ser referidos. Como aspeto global, ficou-se com uma maior noção de que cada criança é uma criança, com a sua própria personalidade e necessidades. Hargreves e Fullan (1992, cit. por Gonçalves, 2009), dizem que a *“carreira docente configura-se como um processo de formação permanente e de desenvolvimento pessoal e profissional do adulto-professor, que compreende não apenas os conhecimentos e competências que o mesmo constrói na formação, mas também a pessoa que ele é, com todas as suas crenças, idiossincrasias e história de vida, e o contexto em que exerce a atividade docente”* (p. 1). Sendo assim, esta síntese final pretende transmitir conclusões sobre este processo de formação.

A relação mantida com a professora cooperante do 1.º ciclo, e a forma como ela trabalhou, levou a que as nossas aprendizagens se realizassem de forma mais constante, pois é uma pessoa que está sempre atenta às necessidades dos outros e conhece as dificuldades que o professor-estagiário mais tem.

Os alunos foram os maiores aliados neste estágio. Quando nos sentimos inseguros, eles eram os primeiros a nos encorajar a continuar. Sempre que necessitámos de uma resposta, eram eles quem a tinham. Quanto a nós, consideramos que demos o nosso melhor para que eles pudessem sempre aprender, utilizando atividades criativas e a melhor organização que sabíamos propor.

Pensamos que tomámos consciência de como se planifica de forma consistente, tendo sempre em conta os objetivos para aquele determinado/a módulo/aula/atividade. Conseguimos criar planificações pormenorizadas e de fácil leitura para os nossos professores cooperantes, dando-lhes sempre uma perspetiva de sequência de trabalho.

A PES contribuiu, ainda, para ficarmos com a noção de que o ensino, por áreas curriculares, influencia muito a ligação entre professor e encarregado de educação. No 2.º ciclo existe o diretor de turma que é o responsável por comunicar aos encarregados de educação aspetos relativos à educação dos alunos, não existindo uma ligação com os vários professores responsáveis pelas áreas curriculares. Esta organização leva a que muitos professores nunca cheguem a conhecer os pais dos alunos. O sistema, como está organizado no 1.º ciclo, é bastante mais eficiente nesse sentido.

Esta unidade curricular permitiu ainda que realizássemos enunciados de testes de avaliação nas áreas da Matemática e História e Geografia de Portugal. O *feedback* foi sempre positivo e conseguimos realizar tudo de acordo com as orientações das professoras cooperantes.

O único estágio específico realçado é História e Geografia de Portugal, visto que era uma das áreas onde nos sentíamos mais inseguro, mas onde aprendemos bastante. Houve uma grande evolução no nosso desempenho, devido às reflexões feitas pelas professoras cooperantes. Estas conseguiram orientar-nos, no sentido de criarmos melhores estratégias a serem realizadas na sala de aula. Mesmo tendo um percurso mais ligado à área das Ciências, sentimo-nos bastante confiantes no que era feito em História e Geografia de Portugal.

Jesus (2012), citando Fuller e Brown (1975), diz que os dois autores “construíram um modelo de carreira com três estádios, sendo o primeiro o da sobrevivência, no qual os docentes em início de percurso profissional se sentem

permanentemente avaliados, se preocupam sobretudo com a sua afirmação como professores e com a própria adequação e capacidade para responderem às expectativas neles depositadas por alunos, colegas e superiores” (p. 4). Atendendo ao modelo citado, o percurso que realizámos demonstra que ainda nos encontramos na fase de sobrevivência.

Em suma, desenvolvemos competências gerais que nos tomam capazes de começar a trabalhar no terreno. Apesar dos receios demonstrados, conseguimos trabalhar de forma colaborativa com os nossos pares, de forma a concretizar os objetivos propostos no âmbito da PES. Tomámos consciência das nossas fragilidades e tentámos fazer uso das nossas potencialidades. Adquirimos rotinas de trabalho, em termos metodológicos, e tentámos conhecer os vários atores da comunidade educativa em que nos inserimos.

Capítulo 2 - Metodología

Este capítulo surge dada a à necessidade de explicitar os procedimentos metodológicos adotados, no sentido de concretizar o objetivo geral proposto com a realização deste relatório, a saber, conhecer o impacto do Plano Individual de Trabalho (PIT), como instrumento potenciador da regulação cooperada das aprendizagens, no campo da auto e hétero correção, em contexto do 3.º ano do 1.º ciclo no Ensino Básico, num grupo de crianças de 7/8 anos de idade.

1. Opções metodológicas

O estudo, tendo em conta o seu objetivo geral e os seus objetivos mais específicos, deve ser encarado como sendo de natureza qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994) “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p.47). Assim, torna-se importante mencionar a escolha do contexto onde foi realizada a prática supervisionada no 1.º ciclo, como essencial na realização do presente estudo, visto que é um ambiente que conhecemos bastante bem e onde encontrámos elementos da comunidade educativa que, connosco, sempre refletiram sobre qualquer dúvida que surgisse.

Sobre as técnicas de investigação, Almeida e Pinto (1995) referem que “são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa” (p.85). Os autores dizem que “a utilização de tais técnicas impõe-se pela necessidade de produzir, ao longo de todo o ciclo teórico, certos resultados, que teremos de considerar parciais por referência ao resultado final integrado na pesquisa” (p. 86), levando a que a metodologia seja “a organização crítica das práticas de investigação” (p. 92).

2. Questões de investigação e objetivos do estudo

Em conformidade com as motivações e o propósito definidos para a concretização deste trabalho de investigação, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

- Que motivos levam a professora a utilizar o PIT com os seus alunos e alunas?
- Como se organiza o trabalho do PIT?

- Que evidências do trabalho do PIT surgem no trabalho feito dentro e fora da sala de aula?

Este conjunto de questões levaram-nos a definir o objetivo geral da investigação e os seus objetivos específicos. Tal como já está referido anteriormente, o objetivo geral do presente trabalho é o seguinte:

- Conhecer o impacto do PIT como instrumento potenciador da regulação cooperada das aprendizagens, no campo da auto e hétéro correção, em contexto do 3.º ano do 1.º ciclo no Ensino Básico, num grupo de crianças de 7/8 anos de idade.

Os objetivos específicos que desdobram o objetivo geral são os seguintes:

- Entender a operacionalização do PIT na perspetiva oficial (PCT);
- Caracterizar o ambiente educativo;
- Entender a interpretação dos atores da comunidade educativa (professora, alunos e encarregados de educação) quanto à funcionalidade do PIT;
- Averiguar que competências são promovidas nos alunos com a utilização do PIT.

3. Delineamento da investigação e técnicas e instrumentos de recolha de dados

O estudo realizou-se, numa primeira instância, tendo em conta a perspetiva oficial. Nesse sentido, foi importante a análise do Projeto Curricular de Turma² (PCT), pelo que se procedeu a uma leitura cuidadosa do documento, sendo posteriormente retirados excertos que falavam sobre o PIT. Considerámos este foco de análise imprescindível, pois os documentos oficiais transmitem o que está legalmente estipulado, o que torna importante partir daqui para os restantes objetivos traçados.

Seguidamente, recolhemos informações pertinentes para a concretização dos objetivos estipulados junto da professora cooperante. Procurámos ainda recolher informação junto de alunos, de encarregados de educação, e também fizemos uma análise de alguns PIT. Se tivermos em conta que partimos da análise do PCT, que é um documento oficial, é fácil entender as razões que nos levaram a ter em conta, neste estudo, a professora, os encarregados de educação e os alunos. Só desta forma teríamos acesso ao ponto de vista dos principais atores que estão ligados ao trabalho com o PIT.

² Segundo o Decreto-Lei 6/2001, este documento é “concebido, aprovado e avaliado pelo professor titular de turma ou pelo conselho de turma, consoante os ciclos” (p. 3). O PCT é um documento estratégico, criado para um grupo específico de alunos. Este documento é intransmissível e garante da diversificação pedagógica. Acompanha a turma, projeta o trabalho, determina a sua execução e orienta a sua avaliação.

Para a realização das entrevistas foram criados guiões, foram pedidas as devidas autorizações ao agrupamento de escola (anexo 5), bem como encarregados de educação (no caso dos alunos) (anexos 6 e 7). As entrevistas foram realizadas sem qualquer tipo de constrangimento, tendo os intervenientes liberdade para se exprimirem consoante achassem melhor. Após a realização das entrevistas, passámos à sua transcrição e, posteriormente, usando a técnica de análise de conteúdo, organizámos o *corpus* em unidades de sentido que arrumámos nas respetivas categorias.

Em síntese, e no que se refere às nossas fontes de informação, foram recolhidos dados a partir de uma entrevista realizada à professora cooperante; duas entrevistas realizadas a dois alunos que, por motivos de salvaguarda da sua identidade, passaremos a designar de alunos A e B; entrevistas aos respetivos encarregados de educação (EE), que serão designados neste estudo por X e Z; e, finalmente, analisámos os PIT dos alunos entrevistados, e centrámo-nos nos comentários que fizeram sobre o trabalho que tinham efetuado.

Passamos, de seguida, a referir-nos a cada uma destas estratégias de recolha de dados e ao processo de análise que realizámos:

Projeto Curricular de Turma – Foi feita uma análise do seu conteúdo, com o objetivo de identificar as referências ao PIT e à função destes planos de trabalho como organizadoras do processo de reflexão dos alunos sobre a sua aprendizagem. Nesta análise foram criadas categorias e subcategorias e foram elaboradas tabelas de categorização que se encontram nos anexos 8 a 10.

Planos Individuais de Trabalho dos alunos – Analisámos o seu conteúdo, ao nível dos comentários feitos pelos alunos e pela professora, e organizámos o seu conteúdo nos anexos 11 a 13.

Entrevistas à docente, aos alunos e aos seus encarregados de educação – Foram feitas entrevistas a estes protagonistas (anexos 14 a 20). Em qualquer dos casos tratou-se de entrevistas semiestruturadas. A estruturação do guião da entrevista à docente está organizada tendo em conta três pontos: 1) questões pessoais – pretendemos conhecer o percurso profissional da professora cooperante e o ambiente educativo; 2) trabalho em sala de aula (curricular) – teve como objetivo identificar como se processa o trabalho relativo ao PIT, tendo em conta a professora, os alunos e encarregados de educação, e

ainda identificar outros instrumentos de trabalho associados ao PIT; 3) comentários/opiniões – teve como propósito criar um espaço de questionamento em que a docente se exprimisse livremente sobre os assuntos tratados nos pontos anteriores.

Nas entrevistas que realizámos aos alunos e aos EE, o primeiro bloco dizia respeito ao trabalho com o PIT, e pretendia obter a visão dos entrevistados quanto às rotinas de trabalho que este instrumento permite, bem como à sua eficácia no plano da aprendizagem. Um outro bloco de questões focava a recolha de comentários/opiniões, com a intenção de conhecer outros aspetos que considerassem importantes sobre o tema em análise.

Às entrevistas realizadas foi feita uma análise de conteúdo, que se encontra em anexo a este relatório. Os anexos correspondentes à análise efetuada às entrevistas encontram-se nos anexos 21 a 36.

Capítulo 3 - Análise e interpretação de dados

1. Fundamentação teórica

Antes de iniciarmos a apresentação e análise de dados torna-se essencial enquadrar teoricamente o trabalho. A fundamentação teórica apresentada visa constituir um suporte de referência para a análise dos dados e para as interpretações realizadas. Neste suporte teórico foram tidos em consideração os pressupostos que sustentam o trabalho relativamente ao PIT, pois o estudo centrou-se neste instrumento de trabalho.

1.1 Os instrumentos do Movimento de Escola Moderna

O PIT está inegavelmente associado aos princípios de filosofia educativa e pedagógicos que são defendidos pelo Movimento da Escola Moderna (MEM).

Este movimento, inicialmente criado em fevereiro de 1965, segue as filosofias de Vigotski e de Bruner, entre outros. Os pressupostos teóricos de trabalho de formação cooperada e modelo pedagógico de intervenção escolar, para uma perspetiva cultural e comunicativa, são a base do MEM.

Quanto ao modelo de pedagogia do MEM podemos destacar os seguintes módulos: “Trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos”; “Trabalho curricular participado pela turma”; “Circuitos de comunicação para difusão e partilha dos produtos culturais”; “Trabalho autónomo e acompanhamento individual”; e “Organização e gestão cooperada em conselho de cooperação educativa”.

No sítio da internet do MEM³ podemos encontrar informação pertinente sobre estas diferentes atividades. É dito que “o Trabalho de aprendizagem curricular por projetos é um trabalho cooperativo em projetos temáticos de estudo, de produção artística, de pesquisa científica ou de intervenção social, para o desenvolvimento das aprendizagens curriculares, acompanhado rotativamente pelo professor”.

“Os circuitos de comunicação” para difusão e partilha dos produtos culturais visam a comunicação e difusão do trabalho em projetos, apresentação de produções, divulgação de publicações, exposição de trabalhos, troca de correspondência e interação virtual. Estas ações são submetidas à reflexão sobre os efeitos da sua apropriação ou utilização social”.

³ www.movimentoescolamoderna.pt/modelo-pedagogico/sintaxe-do-modelo

No “Trabalho curricular compartilhado pela turma”, em colaboração com os professores e nunca segundo as leis dos professores, “os alunos constroem o seu conhecimento, efetuam as suas aprendizagens e reveem ou reescrevem textos, que são utilizados em diferentes áreas curriculares”.

Já em estreita ligação com o trabalho do PIT, o sítio da internet faz referência ao “Trabalho autónomo de acompanhado individual”. É referido que esta atividade de diferenciação pedagógica consiste num “estudo e aprofundamento dos conteúdos disciplinares, treino e produção intelectual dos alunos guiados por um PIT periódico”.

O que une todas estas atividades de diferenciação pedagógica é a “Organização e gestão cooperada em conselho de cooperação educativa”, visto que é no conselho que se planifica, avalia e analisam ocorrências significativas, e onde se realiza uma reflexão, dita ética, para a clarificação e construção de regras de vida para o desenvolvimento sociomoral.

1.2 A avaliação vista como reguladora

Atendendo ao trabalho proposto, torna-se essencial referir como pode a avaliação ser vista como reguladora. É dito por Leite e Fernandes (2002) que a avaliação como regulação tem “um papel de controlo de etapas e dos procedimentos” (p. 39), tanto ao nível da atividade do professor, como também dos alunos e alunas.

Assim, podemos dizer que a avaliação é utilizada para averiguar em que estado está o processo e de que forma se estão a obter resultados favoráveis aos objetivos traçados. De igual modo, é de destacar que esta avaliação não se cinge apenas ao aluno, tendo o professor de ser alvo de avaliação também. Hadji (1994) explica, de modo muito semelhante, no que se traduz o conceito de regulação. Para o autor, trata-se de “uma operação de condução de uma ação feita com suporte a instrumentos, para modelar a ação concretizada ao fim esperado” (p. 188).

Isto leva-nos a pensar que este tipo de avaliação está ligado à avaliação formativa. Vilar (1993) diz que a “avaliação formativa deve assumir sempre um carácter sistemático e contínuo, ou seja, as decisões que se tomam sobre o andamento do processo de aprendizagem e ensino deverão decorrer sempre do juízo de valor a que se chega sobre a totalidade das informações recolhidas e tratadas durante esse processo”. (p. 15).

1.3 O Diário de Turma e o Conselho de Cooperação Educativa

Nesta secção optou-se por incluir o Diário de Turma e o Conselho de Cooperação Educativa, pois não faria sentido existir Diário de Turma se não existisse Conselho de Cooperação Educativa. Isso fica muito evidente, quando acedemos ao que alguns autores dizem sobre o assunto.

Trindade (2002) diz que o Diário de Turma é um instrumento de trabalho que “visa promover e instituir um espaço de regulação e autorregulação da vida das turmas, servindo para que os alunos e os professores possam registar os incidentes quotidianos, emitir opiniões, produzir propostas e sugestões ou avaliar situações. É, pois, um instrumento de partilha”. (p. 58) Santana (1999), por seu lado, diz que “a sua discussão em Conselho, permite gerir e regular conflitos, aferir processos, valorizar percursos, corrigir aspetos menos conseguidos, enfim, ir reinstituindo o dispositivo de organização por participação direta de todos os elementos envolvidos” (p. 21). A autora diz ainda que “para além de ser o momento onde se analisam e discutem os assuntos registados no Diário de Turma, é também onde se avalia o PIT, onde se explicitam os critérios de avaliação e se vão clarificando as diferentes modalidades de trabalho” (p. 21).

Portanto, podemos dizer que estes instrumentos, que são complementares, são transversais a todo o trabalho da turma. No diário de turma é feito um registo de incidentes ligados ao dia-a-dia da turma, nomeadamente quanto ao trabalho feito nas aulas que, por sua vez, são discutidos durante o conselho de cooperação educativa. Sendo assim, também podemos dizer que é neste conselho que se reflete sobre o trabalho do PIT.

1.4 O Plano Individual de Trabalho (PIT)

O PIT, segundo González (2002), está inserido nos “elementos que apoiam a organização das atividades pedagógicas e que, ao mesmo tempo, funcionam como informantes no processo de avaliação” (p. 217). Este autor diz ainda que o PIT faz parte dos instrumentos de pilotagem, “dado que permite acompanhar, avaliar, orientar e reorientar o processo de aprendizagem do grupo e de cada um dos alunos” (p. 217).

O ritmo de trabalho do PIT é regulado tendo em conta o Conselho de Cooperação Educativa e as reflexões do professor e alunos. Santana (1999) diz que a “autoavaliação, registada em local próprio e lida no final da semana, assim como as suas

sugestões do professor e dos colegas, vão regulando o ritmo de produção e ajudando a selecionar a planificação do trabalho para a semana”. (p. 21)

Esta autora diz também que o PIT “constitui um registo do projeto individual de trabalho para a semana, que decorre das motivações e das necessidades tornadas conscientes através das várias formas de avaliação” e que “permite a cada um trabalhar segundo as necessidades que progressivamente vai consciencializando na interação com os outros” (p. 21).

González (2002) descreve de forma mais sucinta, que “o PIT possibilita a previsão e a planificação das atividades a realizar, o acompanhamento da sua execução e a realização de um balanço regulador dos trabalhos de aprendizagens” (p. 219).

Por fim, González (2002), diz que os objetivos do PIT passam por “ sublinhar o papel de orientação (regulação) do processo ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo que se intenta que os alunos cheguem a desenvolver a consciência e competências de autorregulação do seu próprio processo de aprendizagem” (p. 221).

Assim, no plano teórico, podemos assumir que este instrumento de pilotagem está ligado ao trabalho dos alunos. Este registo, quanto ao trabalho realizado durante a semana, é lido no final da semana, sendo posteriormente feita uma nova planificação semanal, com base no trabalho efetuado. Este instrumento permite acompanhar o trabalho dos alunos, regulando-o de acordo com as suas próprias necessidades.

Tendo em consideração a fundamentação teórica apresentada, passamos, seguidamente, para a apresentação e análise dos dados.

2. Apresentação e análise dos dados

Neste ponto do presente relatório importa clarificar que a apresentação e análise dos dados é apresentada segundo os objetivos mencionados na metodologia.

Começamos pela perspetiva oficial da professora, quanto ao modo de operacionalização do PIT, apresentando e interpretando a análise do projeto curricular de turma. Seguidamente é apresentada uma caracterização do ambiente educativo em que foi feita a investigação, de forma a contextualizar a mesma, com o auxílio da análise à entrevista realizada à professora cooperante.

São ainda apresentados e analisados os dados recolhidos nas entrevistas realizadas à professora cooperante, aos encarregados de educação X e Z e aos alunos A e B, com a intenção de entender como se processa o trabalho do PIT na perspetiva de

vários elementos da comunidade educativa. Por fim, com o auxílio de dados como os comentários efetuados nos PIT dos alunos, são enumeradas as diferentes potencialidades deste trabalho.

2.1 Perspetiva oficial da professora, quanto ao modo de operacionalização do PIT

Após o tratamento da informação recolhida no Projeto Curricular de Turma sobre o PIT, foi criada a categoria “o PIT” que, por sua vez, foi dividida em quatro subcategorias, nomeadamente a “pertença”, os “objetivos”, a “realização” e a “avaliação”.

Os quadros 13, 14 e 15 sintetizam a informação recolhida, sobre a qual é possível conhecer melhor a visão oficial da escola.

Quadro 13 – Pertença do PIT, segundo o projeto curricular de turma

Coleção de instrumentos de planeamento, registo e regulação do trabalho dos alunos (...) (1)
--

Pode-se afirmar que no PCT é revelado que o PIT deve ser visto como pertencente a uma “*Coleção de instrumentos de planeamento, registo e regulação do trabalho dos alunos*”, o que vai ao encontro do que González (2002) refere, nomeadamente que o PIT faz parte dos “elementos que apoiam a organização das atividades pedagógicas e que, ao mesmo tempo, funcionam como informantes no processo da avaliação” (p. 217).

Quadro 14 – Objetivos do trabalho do PIT, segundo o projeto curricular de turma

“Permitir à criança ir tomando consciência do seu percurso escolar, das suas dificuldades e do seu ritmo de trabalho (...)” (2)
“Permitir a diferenciação do trabalho aprendizagem.” (3)
“Promover o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de ação (realização) das crianças no seu tempo/trabalho.” (4)

Como objetivos do trabalho do PIT, no PCT, são apresentados três. A intenção desta estratégia passa por “*permitir à criança ir tomando consciência do seu percurso escolar, das suas dificuldades e do seu ritmo de trabalho*”, “*permitir a diferenciação do trabalho aprendizagem*” e “*promover o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de ação (realização) das crianças no seu tempo/trabalho*”. González (2002) frisa que “este instrumento é constituído por uma folha estruturada que permite aos alunos auto-organizarem as suas atividades” e “possibilita a previsão e planificação das atividades a

realizar, o acompanhamento da sua execução e a realização de um balanço regulador dos trabalhos de aprendizagens” (p.217).

Quadro 15 – Modo de funcionamento do trabalho do PIT, segundo o projeto curricular de turma

“É elaborado por cada criança após a avaliação do PIT anterior e da construção de um novo Plano semanal (...)” (5)
“(...) partindo das necessidades sentidas, das sugestões apresentadas pela professora e pelos colegas.” (6)
“Modo de operacionalização: logo de manhã, planificando o dia e ao fim da manhã fazendo o balanço. Individualmente e coletivamente no Conselho.” (9)

O modo como o trabalho do PIT é efetivamente realizado sempre nos suscitou algumas dúvidas, embora tivéssemos estado em contacto com este instrumento de pilotagem, em alguns momentos do seu estágio. No documento oficial já referido, é dito que em determinados momentos, dentro da sala de aula, os alunos têm oportunidade de trabalhar no PIT. Passamos a citar: “*Modo de operacionalização: logo de manhã, planificando o dia e ao fim da manhã fazendo o balanço. Individualmente e coletivamente no Conselho*”. Os alunos trabalham no PIT dentro da sala de aula, visto que as aulas são realizadas da parte da manhã. Ainda mais especificamente, os alunos são informados pela professora, sobre o plano que esta traçou, podendo eles mesmos dar opiniões e questionar sobre as estratégias pensadas pela professora. No final da manhã é sempre feito um balanço, no qual a professora pergunta sempre aos alunos o que foi cumprido e o que não foi.

É ainda dito que os alunos trabalham individualmente no Conselho. Santana (1999) diz que o Conselho ou o “Conselho de Cooperação Educativa, gerido com progressiva autonomia pelos alunos, para além de ser o momento onde se analisam e discutem os assuntos registados no Diário de Turma, é também onde se avalia o PIT, onde se explicitam critérios de avaliação e se vão clarificando as diferentes modalidades de trabalho” (p. 21).

Neste sentido, é ainda referido no PCT que o PIT, “*é elaborado por cada criança após a avaliação do PIT anterior e da construção de um novo Plano semanal*” “*partindo das necessidades sentidas, das sugestões apresentadas pela professora e pelos colegas*” (p. 21).

Quadro 16 – Avaliação do trabalho do PIT, segundo o projeto curricular de turma

“O P.I.T. é avaliado diariamente pela criança no registo das atividades e todas as segundas aquando da avaliação coletiva.” (7)
“Quem participa: os alunos e professor.” (8)

Vilar (1993) diz que “a avaliação formativa deve assumir sempre um carácter sistemático e contínuo, ou seja, as decisões que se tomam sobre o andamento do processo de aprendizagem e ensino deverão decorrer sempre do juízo de valor a que se chega sobre a totalidade das informações recolhidas e tratadas durante esse processo”. (p. 15). Estando o PIT intrinsecamente relacionado com a avaliação formativa é de fácil entendimento que “*O P.I.T. é avaliado diariamente pela criança no registo das atividades cumpridas e todas as segundas aquando da avaliação coletiva.*”, visto esta avaliação ser feita regularmente, tanto por alunos, como professora. A questão de ser identificada a segunda-feira, como alvo de especial atenção, está ligada ao Conselho de Cooperação Educativa, já que é nesse dia da semana que se realiza o Conselho de Turma.

2.2 Caracterização do ambiente educativo - turma

Com suporte na entrevista realizada à professora optou-se por realizar esta secção, pois considerou-se importante conhecer o ambiente educativo em que foi feito o estudo, tendo em conta a opinião de um elemento muito ativo na comunidade escolar e responsável pela turma onde realizámos o estágio.

Quadro 17 – Formação académica da professora

(...) professora desde outubro de 1980. (1)

Esta professora assumiu o cargo “*desde outubro de 1980*”. É de referir que é uma pessoa com grande experiência no campo da educação e, mais especificamente, do ensino.

Quadro 18 – Percurso profissional da professora

Sempre tenho trabalhado no 1.º ciclo. (2)

(...) algumas abordagens com a Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve. (3)

(...) estive no Secretariado Nacional da Educação Cristã e depois na Direção Regional de Educação, nos Serviços Técnico-pedagógicos. (4)
--

É de salientar que a professora, embora tenha trabalhado sempre no 1.º ciclo, durante estes quase trinta anos, esteve no “*Secretariado Nacional de Educação Cristã e depois na Direção Regional de Educação, nos Serviços Técnico-pedagógicos*”. Também tem trabalhado com a Universidade do Algarve, como professora cooperante.

Quadro 19 – Dificuldades gerais sentidas pela professora

(...) a quantidade de reuniões, documentos, papéis, registos, que a escola nos propõe a fazer. (5)
(...) o 1.º ciclo está muito disciplinarizado. (6)
(...) no princípio do ano temos (...) de estabelecer uma proposta de horário. (7)
Temos duplo da manhã e duplo da tarde, portanto não podemos ter montado na sala, como alguns colegas do Movimento, que trabalham em regime normal. (11)

No quadro que acima se apresenta transparecem algumas das dificuldades sentidas pela professora. “*a quantidade de reuniões, documentos, papéis, registos, que a escola nos propõe a fazer*” e “*o 1.º ciclo está muito disciplinarizado*”. Estes são aspetos que a professora frisou durante a entrevista. A professora também diz que “*no princípio do ano temos (...) de estabelecer uma proposta de horário*”, o que não acaba por ser verdadeiro, pois muitos dos trabalhos que utiliza são feitos tendo em conta diversas áreas curriculares. Existe, também, a questão do horário “*duplo da manhã e duplo da tarde*”, que não permite à professora organizar a sala da forma que gostaria.

Quadro 20 – Dificuldades sentidas pela professora ao nível da escola

As escolas não têm verbas e têm relativa pouca autonomia. (8)

Ao nível da escola, a professora generaliza e diz que “*as escolas não têm verbas e têm (...) pouca autonomia*”. Isto leva-nos a pensar que muitas das decisões são tomadas ao nível do agrupamento, sendo posteriormente implementadas ao nível da escola.

Quadro 21 – Dificuldades da professora na relação com os membros da comunidade educativa

Não tenho dificuldades em trabalhar com colegas, embora trabalhemos de forma diferente, de modos diferentes de encarar os alunos e a escola, mas isso também é positivo. (9)
(...) não tenho dificuldades em trabalhar com os pais. Sempre considerei que são os maiores aliados que temos. Acho que são sempre uns bons aliados e tenho sempre bons colaboradores. (10)

No seu testemunho transparece a ideia de que acolhe todas as ideias dos seus colegas e reconhece que, embora muitas vezes tenha ideias diferentes, as opiniões destes são tão válidas como as suas. Fica evidente que a professora atribui uma especial atenção ao papel dos pais no processo de ensino-aprendizagem, assumindo que considera os pais “*sempre uns bons aliados*”.

Quadro 22 – Caracterização da turma, segundo a professora

A turma tem vinte e seis meninos, tem treze rapazes e treze raparigas. (17)
Em alguns nota-se (...) que existe uma maturidade diferente do que outros. (18)
Eu acho que é uma turma com quem se trabalha muito bem, tem miúdos muito muito interessantes e muito interessados.
Constantemente a questionarem muito as coisas. (19)
Existem casos de meninos hiperativos, no sentido de muito dinâmicos (...) precisam muitas vezes de chamar a atenção. (20).

“A turma tem vinte e seis meninos, tem treze rapazes e treze raparigas”. Esta turma é caracterizada pela professora como “*interessada*” e que está constantemente a levantar questões. Existem alguns alunos que têm mais maturidade que os outros, mas isso é típico em miúdos do 1.º ciclo. A professora diz, ainda, que os alunos são “*muito dinâmicos*” e que “*precisam muitas vezes de chamar a atenção*”.

2.3 Perspetiva da professora quanto ao trabalho do PIT, tendo em conta o Diário de Turma

Nesta secção pretendemos analisar os dados recolhidos na entrevista à professora cooperante e interpretá-los no sentido de conhecer o trabalho do PIT.

Quadro 23 – O Conselho de Turma

(...) antes de falar do Plano Individual de Trabalho temos de partir do conselho. (21)
O Conselho de Turma (...) é feito à segunda-feira, logo que chegamos. (22)
Faz parte daquilo a que podíamos chamar de Formação Cívica. (23)
(...) no conselho planificamos as nossas rotinas, (...) vamos encher estas áreas de conteúdos. (24)
(...) o Conselho de Turma tem planificação, tem a avaliação e mudança de tarefas. (25)
(...) todos os alunos têm responsabilidades, desde de marcar o leite consumido, distribuir materiais, realizar os trabalhos de casa, realizar as correções de trabalho, (...)distribuir materiais, fazer um registo da água, (...) distribuir a fruta, fazer a limpeza das mesas, apagar o quadro, (...) tem o presidente (...) e o secretariado que ajuda. (26)
Outra função do conselho é que nós vamos gerindo quem é que apoia quem. (27)

Inicialmente esta categoria não estava presente nas perguntas que pensávamos colocar à professora, no entanto os dados recolhidos permitiram construir este quadro, pois a professora considera que “*antes de falar do PIT temos de partir do conselho*”, porque é no conselho que se planifica, avalia e mudam as tarefas a realizar. Quanto às tarefas, existe uma nova designação de responsáveis para cada tarefa. A professora diz que “*todos os alunos têm responsabilidades, desde de marcar o leite consumido, distribuir materiais, realizar os trabalhos de casa, realizar as correções de trabalho, (...) distribuir materiais, fazer um registo da água, (...) distribuir a fruta, fazer a*

limpeza das mesas, apagar o quadro, (...) tem o presidente (...) e o secretariado que ajuda”.

É ainda dito que “*outra função do conselho é que nós vamos gerindo quem é que apoia quem*”, pois todos se ajudam uns aos outros dentro da sala de aula e todos parecem ter consciência que trabalhando cooperativamente têm maiores hipóteses de ultrapassar as suas dificuldades.

Quadro 24 – Modo de operacionalização do PIT

Vamos avaliar/ver como o PIT correu na semana anterior, depois de eles avaliarem, depois dos pais avaliarem, depois de eu avaliar. (28) Começámos este ano, de uma forma mais rigorosa, com um PIT que eles registavam, (...) que foi um PIT de quinze dias e outro PIT de quinze dias. (...) (32) É no conselho que vemos essas alterações. (33)

O modo de operacionalização do PIT apresentado no quadro anterior, surgiu no seguimento da categoria sobre o Conselho de Turma, estando assim estritamente ligada ao PIT. Através dos excertos apresentados neste quadro, a professora explica a relação que estabelece entre o Conselho de Turma e o PIT.

É dito que é no Conselho de Turma que a turma vai “*avaliar/ver como o PIT correu na semana anterior, depois de eles avaliarem, depois dos pais avaliarem*” e depois de a professora avaliar. Ou seja, é necessário a avaliação individual de todos os elementos diretamente ligados ao PIT antes de se proceder à discussão do desempenho dos alunos.

Fica presente a ideia que o PIT deve ser feito quinzenalmente e só este ano os alunos têm realizado o seu trabalho rigorosamente, refletindo sobre ele, no sentido de ultrapassarem as suas dificuldades. Santana (1998, cit. por González, 2002) diz que o Conselho de Colaboração Educativa tem “a ver com uma maneira de estar democrática que nós vamos aprendendo” (p. 219). Desta forma o trabalho do PIT não deve ser estável, inicialmente não era tão rigoroso, porque os alunos ainda não tinham conseguido a autonomia suficiente, mas agora já o é.

2.4 As rotinas da professora, encarregados de educação e alunos, quanto ao trabalho do PIT

Este ponto surgiu devido à necessidade de compreender como se processa o trabalho do PIT, tendo em conta a visão dos três elementos da comunidade educativa,

que mais estão em contacto com este trabalho. Contudo, queríamos deixar claro que consideramos que todos os elementos da comunidade são importantes, apenas se optou pelo estudo das rotinas dos elementos identificados, pois são os que mais facilmente se podiam estudar.

Na apresentação e análise dos resultados abaixo referidos, tivemos em conta os dados recolhidos na entrevista à professora titular da turma, aos EE X e Z e aos alunos A e B sendo, posteriormente, feita uma análise de conteúdo e a informação recolhida foi categorizada. Por fim, nesta apresentação e análise, fez-se a triangulação dessa informação, levando à conclusão de certos aspetos que caracterizam as rotinas da docente, EE e alunos.

É de notar que a análise às rotinas da docente deve ser vista tendo em conta apenas a entrevista à docente.

Quadro 25 – As rotinas da professora, quanto ao trabalho do PIT

O meu papel é de apoiar, supervisionar. (...) Tentando fazer a supervisão, sempre tentando não controlar, para que eles fiquem cada vez mais autónomos (...). (3)
O meu papel nas rotinas do Plano Individual de Trabalho é propor. (...) (4)
(...) É mudar os ficheiros. Como estamos a trabalhar conteúdos diferentes (...). (5)
Eu dou sugestões muito concretas (...) podias trabalhar mais, estás com algumas dificuldades nas operações, podias levar ficheiros com as operações para casa, atenção que marcaste coisas, mas que depois não marcaste. (2)

Quanto ao seu papel no trabalho que é desenvolvido no âmbito do PIT, a professora diz que o seu papel é “*de apoiar, supervisionar*”, “*é propor*”, mas sempre de uma forma um pouco distante, para que os alunos se tornem cada vez mais autónomos.

As sugestões que a professora faz ao trabalho dos alunos, dependem bastante do que estes propõem e daquilo em que têm mais dificuldades. A docente dá o exemplo: “*podias trabalhar mais, estás com algumas dificuldades nas operações, podias levar ficheiros com as operações para casa, atenção que marcaste coisas, mas que depois não marcaste*”, contudo este exemplo serve apenas para aquele aluno que tem dificuldades nas operações ou dificuldades no registo do trabalho.

Isso também fica presente após vermos os exemplos de comentários feitos pela professora aos PIT dos alunos A e B. Por exemplo, vemos “*Parabéns! Esta semana proponho que possas resolver ficheiros de ortografia, pode ser?*”, e, no exemplo dois, “*Como foste pouco responsável, eu diria mesmo até um pouco descuidado com o teu trabalho e aprendizagem proponho que esta semana leves todos os dias ficheiros para poderes ter ajuda na realização do PIT, pode ser?*”.

No entanto, quando a professora observa que existem imensas dificuldades comuns a todos os alunos da turma, escreve comentários no geral, por exemplo “*Hoje o meu escrito é geral. Esta semana, vários pais que avaliaram o PIT referiram que os meninos (as) não tinham sido muito autónomos (as) no trabalho*”.

Quadro 26 – As rotinas dos encarregados de educação, segundo a docente

O dos pais, de certa forma é acompanhar. (6)

Às vezes os pais dão sugestões, de um modo geral, pela positiva (muito bem, esforçaste-te, cumpriste o PIT e tal). (1)

Quadro 27 – As rotinas do encarregado de educação X

A minha relação com o PIT do meu educando tem a ver com o próprio educando (...). (9)

Quadro 28 – As rotinas do encarregado de educação Z

(...) sou muito fã do PIT (...) porque não é só aquilo que aprende, mas porque é bom planear, executar e avaliar (...). (17)

(...) ajuda-me a perceber e a estar mais com ele e ajuda-o a tornar-se mais autónomo. (18)

O PIT tem a particularidade de aproximar o meu educando da vida lá fora, porque neste é necessário propor objetivos e executá-los e isso é o que acontece na vida real. (19)

Até aqui verificamos que o trabalho do professor passa por acompanhar/organizar/refletir, fazer executar e avaliar. Ao observarmos os quadros apresentados (26, 27 e 29) considerou-se que o trabalho dos EE não é assim tão diferente do trabalho da professora.

Em ambas as entrevistas realizadas aos EE, bem como na entrevista feita à docente, percebemos que o papel dos pais passa por acompanhar os alunos no seu trabalho, mas sempre tendo a ideia de que a finalidade do trabalho do PIT, é que os alunos se tornem cada vez mais autónomos no seu trabalho e na sua capacidade de avaliar. Isto fica evidente quando a docente diz que o papel dos pais passa por “*de certa forma (...) acompanhar*”.

O EE Z diz que “*sou muito fã do PIT (...) porque não é só aquilo que aprende, mas porque é bom planear, executar e avaliar*”. Isto levou-nos a concluir que o EE Z, nas suas rotinas, centra-se mais em comentar a organização, a execução e avaliação do seu educando, o que remete para o que tínhamos dito anteriormente, ou seja, que as rotinas dos EE seguem os mesmos princípios que as da professora. Apenas o que diferencia o trabalho da professora, do trabalho dos EE é que a professora dirige o trabalho dentro da sala de aula, enquanto os pais orientam o trabalho fora da sala de aula.

Também se concluiu que os EE entrevistados valorizam bastante este trabalho, pois, como dizem, “*o PIT tem a particularidade de aproximar o meu educando da vida lá fora, porque neste é necessário propor objetivos e executá-los, e isso é o que acontece na vida real.*”. Assim, consideramos que existe uma real motivação dos EE para com o trabalho do PIT, porque eles assumem que este instrumento é importante para o desenvolvimento dos alunos. É dito várias vezes pelos EE nas entrevistas realizadas, que é promovida a organização e a autonomia dos alunos.

Outra constante que importa assinalar é a avaliação. Os EE têm a possibilidade de avaliar o trabalho realizado pelo aluno. Ao verificar-se o exemplo 1, presente no anexo 11, “*embora aluno B tenha cumprido o PIT tal como o proposto, continua um pouco desorganizado e às vezes pouco preocupado com as suas obrigações e deverá ter muito mais cuidado com isso*”, no exemplo 4 “*Cada vez mais o aluno A é autónomo e responsável na execução do PIT. O meu contributo resume-se a fotocopiar fichas e a ajudá-lo no preenchimento da tabela de previsão de trabalhos que pensa realizar e a corrigir os trabalhos. Está de parabéns.*” Considera-se que os EE, na sua avaliação, se centram bastante em refletir sobre os processos, levando a considerar que é uma avaliação reguladora. Remetendo para a fundamentação teórica é necessário referir Leite e Fernandes (2002), quando consideram que a avaliação como regulação tem “um papel de controlo de etapas e dos procedimentos” (p. 39).

Quadro 29 – Ideias, quanto ao modo de trabalho, segundo o encarregado

Eu acho que o PIT é um instrumento que deve ser trabalhado a três, a professora, a criança e os pais. (15)

(...) acho que seria muito difícil que uma criança, por si só, conseguisse gerir as suas coisas, portanto tem de haver aqui uma triangulação. (16)

O trabalho do PIT é um trabalho que exige pelo menos três intervenientes, que são o docente, o aluno e os encarregados de educação. A EE X realça esta tripla responsabilidade, quando diz “*eu acho que o PIT é um instrumento que deve ser trabalhado a três, a professora, a criança e os pais*” e “*acho que seria muito difícil que uma criança, por si só, conseguisse gerir as suas coisas, portanto tem de haver aqui uma triangulação.*”. Este tipo de trabalho necessita duma constante ligação e comunicação entre os três, para que o trabalho seja realizado da melhor forma. Pela nossa experiência pessoal enquanto estagiário, tivemos oportunidade de vivenciar momentos, em que verificámos que a professora e os EE dialogavam sobre o trabalho

efetuado pelos alunos, mesmo durante o tempo de aulas, pois nestes tempos os alunos estavam a realizar trabalho individual.

Quadro 30 – Ideias, quanto ao modo de trabalho, segundo o encarregado Z

Ele é autónomo para saber o que faz na escola (...) pode escolher se faz na escola ou no ATL. (21)

Quadro 31 – Trabalho feito pelo aluno A referente à escola

Eu costumo trabalhar (...) fazer vários tipos de tarefas para cumprir o PIT. (22)

Quadro 32 – Trabalho feito pelo aluno A referente ao ATL

Faço os trabalhos também. (23)

Sou eu [quem propõe os trabalhos]. (24)

Quadro 33 – Trabalho feito pelo aluno A referente a casa

Eu costumo fazer sozinho, apenas quando tenho dúvidas é que pergunto. (25)

O que eu faço é mais desenhos, mas às vezes faço fichas. (26)

Quadro 34 – Trabalho feito pelo aluno B referente à escola

Faço contas, faço escrita, várias coisas de matemática, depois faço textos, escrita e estudo do meio. (29)

Quadro 35 – Trabalho feito pelo aluno B referente ao ATL

Eu peço à professora para fazer ou então ela pede para ver o que falta e depois faço no caderno ou então numa ficha. (30)

Quadro 36 – Trabalho feito pelo aluno B referente a casa

Não [preciso de ajuda] (...) [só] quando calha. (33)

Nas entrevistas realizadas quisemos entender como se processa o trabalho dos alunos, visto que se considerou que o conhecimento destas suas rotinas seria importante na concretização dos objetivos propostos.

A primeira conclusão a que chegámos é que os alunos utilizam muito o verbo “fazer”, o que nos permite concluir que, para eles, o trabalho do PIT passa muito por realizar atividades, por “trabalhar”. Fica-nos, portanto, a ideia de que a noção de objetivo já está muito presente nestes alunos, e que o trabalho que realizam é feito com a intenção de concretizarem objetivos.

Existem três grandes espaços, que são referidos como locais de trabalho dos alunos: a escola, o ATL e as suas casas. Na análise efetuada optou-se por apresentar os dados tendo por base estes locais de trabalho.

Quanto ao trabalho que realizam no âmbito do PIT, os alunos realizam-no em qualquer destes locais. Contudo existem alguns momentos em que os responsáveis pela

gestão, ou seja, a professora titular da turma, a professora do ATL ou o EE, assumem um papel na organização do trabalho dos alunos. Pelas palavras do aluno B quanto ao trabalho referente ao ATL, é dito “*eu peço à professora para fazer ou então ela pede para ver o que falta e depois faço no caderno ou então numa ficha.*”.

Quadro 37 – Rotinas dos alunos, segundo a docente

Eles propõem-se a algumas tarefas de resolução de ficheiros, de leituras, de coisas que têm a ver com o funcionamento da língua, de estudo. (7) O papel deles é planificar, tendo em conta as dificuldades, executar e avaliar. (8)
--

É dito pela professora que os alunos podem escolher o que vão realizar, mas que devem ter em conta as suas dificuldades. A professora resume o papel dos alunos, dizendo que “*o papel deles é planificar, tendo em conta as dificuldades, executar e avaliar*”. Comparando o papel dos alunos com o papel da docente e EE, as rotinas são efetivamente muito semelhantes.

Quadro 38 – Quem propõe o trabalho, segundo o aluno B

Em casa sou eu que proponho, mas na escola e no ATL são as professoras. (31)
--

É dito pelo aluno B “*Em casa sou eu que proponho, mas na escola e no ATL são as professoras*”, o que reforça a ideia de que este é um trabalho conjunto e que todos são peças importantes no sucesso do trabalho dos alunos.

Quanto à avaliação, os alunos têm a possibilidade de comentar o trabalho que realizam. No exemplo 1, presente no anexo 13, é dito “*Acho que tudo o que tinha a aprender, estou a aprender e já começo a ficar com menos dificuldade.*”, o que nos leva a pensar que este aluno entende qual a razão pela qual o PIT existe, e que procura ultrapassar as suas dificuldades. Noutros comentários apurados, os alunos analisam se foram ou não capazes de concluir o respetivo PIT, ou dão sugestões sobre o que têm que fazer para melhorar.

2.5 Competências promovidas com a utilização do PIT

Esta categoria procura responder à questão “Porque se utiliza o PIT?”. Mais do que pressupostos teóricos, o que realmente causa impacto num professor em formação é a prática, ou seja, a razão pela qual determinadas estratégias são utilizadas. Neste pontos da nossa apresentação tivemos em conta os quadros apresentados ao longo do capítulo

da Análise de dados, na tentativa de conhecer algumas competências promovidas com o trabalho do PIT, pois os atores no processo são os que mais informações nos podem fornecer. Assim, os dados recolhidos e analisados, foram meros indícios de competências promovidas com a utilização do PIT, e não identificam, concretamente, que competências são promovidas, pelo que apenas retirámos ilações sobre os dados recolhidos.

O PIT surge no MEM como parte importante nas suas pedagogias. Este modelo de intervenção educativa foi pensado com base numa perspetiva cultural e comunicativa. Deste modo, torna-se de fácil entendimento quando é dito pela pela encarregado X, que “*o PIT é um instrumento que deve ser trabalhado a três, a professora, a criança e os pais.*”, ou seja, que facilita a comunicação, permitindo que o trabalho cooperativo seja promovido.

A planificação, organização e reflexão sobre o trabalho realizado são outras competências desenvolvidas. Os alunos procuram sempre refletir sobre o que necessitam melhorar, aplicado, posteriormente, esse conhecimento na sua planificação. Posteriormente, aquando da realização do PIT, eles assumem o papel de organizadores, em colaboração com os elementos da comunidade que estão mais próximos. Após o trabalho realizado, o ciclo volta ao ponto de partida.

Com a utilização desta estratégia a autonomia também é promovida. Os alunos têm a possibilidade de escolher o que querem fazer, têm a hipótese de escolher onde o querem fazer, e têm a oportunidade de se avaliarem consoante o seu próprio entendimento.

A auto e hétero correção são componentes fundamentais no trabalho do PIT, e estas competências são promovidas quando os alunos realizam as suas avaliações que são reguladoras do processo. Esta avaliação é sempre feita em Conselho, no qual os alunos discutem o que necessitam de continuar a melhorar e como é que o podem fazer. Este processo faz com que o processo de ensino-aprendizagem se concretize de melhor forma, pois os alunos desenvolvem competências de reflexão e de avaliação das suas aprendizagens. Esta conclusão está em consonância com o que afirma González (2002), quando diz que os objetivos do PIT passam por “*sublinhar o papel de orientação (regulação) do processo ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo que se intenta que os alunos cheguem a desenvolver a consciência e competências de autorregulação do seu próprio processo de aprendizagem*”. (p. 221)

2.6 Síntese final sobre a análise de dados efetuada

A realização deste capítulo fez emergir vários aspetos que necessitamos de frisar, pois são importantes para entendermos o quanto aprendemos. Esperamos que o texto que passamos a desenvolver consiga transmitir, com clareza esta nossa perceção e, ainda, demonstre o que se entendeu ser a visão do presente trabalho relativamente aos objetivos atingidos.

Sobre a intenção de entender a perspetiva oficial da professora quanto ao modo de operacionalização do PIT, concluiu-se que foi bem conseguida. Após a análise efetuada ao PCT, conseguiram-se obter informações quanto à sua pertinência, objetivos, realização e avaliação. Deste modo, conseguimos obter informação bastante completa, que serviu de guia para a concretização do trabalho. Todas as conclusões retiradas desta perspetiva oficial foram sustentadas pelas entrevistas à docente, EE e alunos. Assim, considera-se que este documento é, efetivamente, um bom ponto de partida, para quem quer saber mais sobre o trabalho realizado, quanto ao instrumento de pilotagem em estudo.

O objetivo de caracterizar a turma podia ter sido melhor conseguido se tivéssemos tido em conta o PCT, o Projeto Educativo e o Regulamento Interno. No entanto, sentimos que fizemos uma boa escolha ao pedir à professora titular para caracterizar a turma. Num futuro próximo julgamos que, seria interessante dar maior realce ao contexto, pois este pode ser um grande estímulo, para a realização deste tipo de trabalho.

A perspetiva da professora, quanto ao trabalho do PIT, foi extremamente esclarecedora sobre o trabalho que é realmente realizado. Embora após a análise do PCT já se tivessem concluído muitos aspetos sobre este trabalho, a professora desenvolveu essa informação. Gostaríamos de salientar que ficámos com uma noção mais clara e precisa sobre o Diário de Turma e o Conselho, bem como da sua importância para a realização do PIT e que sem estes, não faria sentido a sua utilização.

A análise das rotinas da professora, EE e alunos, foi importante para entender que papéis são atribuídos a estes três atores da comunidade educativa. Ficou-se com a noção de que todos trabalham como uma equipa e que é essencial o “bom entendimento” entre todos para que o trabalho se processe num clima tranquilo, comunicativo e cooperativo. Todos são importantes no processo: a professora e os EE são responsáveis, em certa parte, pela gestão e colaboração quando existem grandes

dificuldades, enquanto os alunos planificam, gerem, executam e avaliam o trabalho que realizam no âmbito do PIT.

A avaliação é uma componente de utilização do PIT em que todos participam, não de uma forma quantitativa, mas qualitativa. Todos procuram refletir sobre o processo e sobre as dificuldades que precisam de ser ultrapassadas.

As competências promovidas com o uso deste trabalho são várias. Após a análise efetuada, destacamos as competências de comunicação, cooperação, planificação, organização, reflexão e autonomia.

Como objetivo geral do presente trabalho pretendíamos conhecer o impacto do PIT como instrumento potenciador da regulação cooperada das aprendizagens, no campo da auto e hétero correção, em contexto do 3.º ano do 1.º ciclo no Ensino Básico, num grupo de crianças de 7/8 anos de idade. Podemos dizer agora que este objetivo foi atingindo.

Através dos dados recolhidos em várias fontes, e que analisámos nos pontos anteriormente apresentados neste relatório, conclui-se que os alunos participam ativamente na avaliação dos seus próprios trabalhos e que esta avaliação incide sobre o processo. Posteriormente, no Conselho, os alunos discutem sobre os seus próprios trabalhos, existindo assim uma auto e hétero avaliação que regulam o processo, pois quando surge a proposta da realização de um novo PIT os alunos têm em consideração o que pensam, o que foi dito no Conselho, e ainda o que necessitam de melhorar.

Considerações finais

Neste ponto faremos as considerações finais relativas ao presente relatório. Estas considerações estão divididas em quatro pontos essenciais: i) o nosso percurso formativo; ii) os resultados do estudo; iii) os limites e a relevância do estudo; iv) os contributos do estudo em termos pessoais e profissionais.

Quanto ao nosso percurso formativo, considera-se que este foi ascendente. Inicialmente cheio de inquietações, mas com o passar do tempo as inseguranças foram ultrapassadas e conseguimos realizar aprendizagens significativas. Gostaríamos de destacar o quanto o estágio realizado no 1.º ciclo contribuiu para o desenvolvimento do professor-estagiário, como futuro profissional no ramo da educação.

Um ambiente acessível, onde se processe um trabalho cooperativo, é a condição básica e essencial para que exista reflexão sobre os procedimentos e processos concretizados. Pensamos que ao longo deste percurso nos centrámos bastante em nós, como profissionais, e não tanto nas crianças. Contudo, entendemos que isto se verificou, pois somos bastante novos no ramo e muitas vezes temos medo que as estratégias escolhidas possam não surtir o efeito desejado. Temos a plena noção de que a nossa formação não termina agora e que ainda temos muito a aprender no futuro.

Os resultados do estudo mostraram-se satisfatórios. Seguindo a metodologia adotada, conseguimos perceber como se processa o trabalho do PIT e como este pode ser potenciador do desenvolvimento de competências auto e hétero avaliativas, mas também comunicativas, de reflexão e de trabalho cooperativo.

Pensamos que o objetivo geral do trabalho podia ter sido melhor conseguido se tivéssemos realizado um trabalho de acompanhamento contínuo. Devíamos ter procurado recolher dados e ter feito observações ao longo de todo o ano letivo, pois só assim obtínhamos uma noção real do processo.

Estamos certos de que aprendemos muito sobre a estratégia que tomámos como objeto de estudo, o PIT, contudo, e com a realização deste relatório, também tomámos consciência do “muito” que ainda temos que aprender para exercermos, de forma competente, a nossa profissão.

Em suma, sentimos que este trabalho contribuiu bastante para o nosso desenvolvimento como futuro professor.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de e PINTO, José Madureira – A investigação nas ciências sociais. 5.^a Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1995. ISBN 972-23-1231-6.
- BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari Knopp – Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1997. ISBN 972-0-34112-2.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle, GOYETTE, Gabriel e BOUTIN, Gerald – Investigação qualitativa: Fundamentos e Práticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. ISBN 972-9295-75-1.
- GONÇALVES, José – Desenvolvimento profissional e carreira docente – Fases da carreira, currículo e supervisão. Revista de Ciências de Educação. ISSN 1646-4990. N.º 8 (2009), p. 23-35.
- GONZÁLEZ, Pedro – O movimento da escola moderna: Um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar. Porto: Porto Editora, 2002. ISBN 972-0-34459-8.
- HADJI, Charles - A avaliação, regras do jogo: Das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora, 1994. 972-0-34115-7
- QUINTAS, Helena – Desenvolvimento profissional de alunos em formação inicial através da reflexão sobre a prática pedagógica. Universidade do Algarve. Faro: 1998.
- JESUS, Maria – Tornar-se professor do 1.º ciclo do Ensino Básico: Um estudo sobre o início de carreira docente. Universidade do Algarve. Faro: 2011.
- LEITE, Carlinda e FERNANDES, Preciosa - Avaliação das aprendizagens dos alunos: Novos contextos novas práticas. 1.^a Edição. Porto: Edições ASA, 2002. ISBN 972-41-2934-9.
- SANTANA, Inês - O plano individual de trabalho como instrumento de pilotagem das aprendizagens no 1º CEB. Escola Moderna. N.º5 (1999) p. 15-24.
- SIMÃO, Ana – Seminário de modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores: Integrar os princípios da aprendizagem estratégia no processo formativo dos professores. Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia de Ciências de Educação. Lisboa: 2001.
- TRINDADE, Rui – Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem: Novas práticas pedagógicas. Edições ASA.
- VILAR, Alcino – A avaliação dos alunos no ensino básico. 1.^a Edição. Porto: Edições ASA, 1993.

Documentos consultados:

- Projeto curricular de turma (2011/2012)

Referências eletrónicas:

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diário da República- I Série A – Lei 6/2001. [Consult. 13 Set. 2012]. Disponível em WWW:http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=decreto_lei_6_2001.pdf/>.
- MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA. Sintaxe do modelo. [Consult. 15 Agos. 2012]. Disponível em

WWW:<http://www.movimentoescolamoderna.pt/modelo-pedagogico/sintaxe-do-modelo/>>.

- MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA. Referências históricas. [Consult. 15 Agos. 2012]. Disponível em WWW: <http://www.movimentoescolamoderna.pt/associacao/referencias-historicas/>>.

Anexos

Índice de anexos

- Anexo 1 – Excertos das reflexões feitas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada
- Anexo 2 - Unidades de sentido da análise das reflexões no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada
- Anexo 3 - Grelha de categorização da análise das reflexões escritas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada
- Anexo 4 – Quadros referentes à análise de conteúdo realizada às reflexões semanais/quinzenais
- Anexo 5 – Aval da Direção do Agrupamento de escolas D. Afonso III à realização das entrevistas
- Anexo 6 – Pedido de autorização para a realização da entrevista a um dos alunos
- Anexo 7 – Pedido de autorização para a realização da entrevista a outro dos alunos
- Anexo 8 - Análise documental do Projeto Curricular de Turma
- Anexo 9 - 1º Tratamento da análise documental do Projeto Curricular de Turma
- Anexo 10 - Grelha de categorização da análise documental do projeto Curricular de Turma
- Anexo 11 - Exemplos de comentários feitos pela professora aos planos individuais de trabalho dos alunos A e B
- Anexo 12 - Exemplos de comentários feitos pelos encarregados de educação dos alunos A e B
- Anexo 13 - Exemplos de comentários feitos pelos alunos nos seus planos individuais de trabalho
- Anexo 14 – Guião da entrevista realizada à docente
- Anexo 15 – Entrevista à professora cooperante
- Anexo 16 - Guião da entrevista realizada aos encarregados de educação
- Anexo 17 - Entrevista ao encarregado X
- Anexo 18 - Entrevista ao encarregado Z
- Anexo 19 - Guião da entrevista realizada aos alunos
- Anexo 20 - Entrevista ao aluno A
- Anexo 21 - Primeiro tratamento à entrevista realizada à docente
- Anexo 22 - Segundo tratamento à entrevista realizada à docente
- Anexo 23 - Unidades de sentido da entrevista à docente
- Anexo 24 - Grelha de categorização da entrevista à docente

- Anexo 25 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao encarregado X
- Anexo 26 - Segundo tratamento à entrevista realizada ao encarregado X
- Anexo 27 - Unidades de sentido da entrevista ao encarregado X
- Anexo 28 - Grelha de categorização da entrevista ao encarregado X
- Anexo 29 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao encarregado Z
- Anexo 30 - Segundo tratamento à entrevista realizada ao encarregado Z
- Anexo 31 - Grelha de categorização da entrevista ao encarregado Z
- Anexo 32 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao aluno A
- Anexo 33 - Entrevista ao aluno B
- Anexo 34 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao aluno B
- Anexo 35 - Unidades de sentidos resultantes das entrevistas à professora, EE e alunos
- Anexo 36 - Grelha de categorização das entrevistas à professora, EE e alunos

Anexo 1 – Excertos das reflexões feitas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada

GESTÃO DO PROCESSO EDUCATIVO

Excertos sobre a Organização metodológica

Reflexão referente ao 1.º ano, 1.ª Semana de PES

Um aspeto que achei interessante e que é importante referir é o facto de os alunos de semana em semana mudarem de lugar. O objetivo da professora passa por alunos, com diferentes tipos de capacidades e de utilização de estratégias, se puderem ajudar mutuamente. Penso que esta estratégia pode ser bastante positiva, pois incentiva à comunicação dos alunos, levando-os a discutir estratégias para a conclusão dos trabalhos propostos pela professora cooperante.

Reflexão referente ao 1.º ano, 4.ª Semana de PES

Ainda durante a semana, a professora cooperante sugeriu-me que fizesse um plano da atividade que iríamos realizar, na área da matemática. Esta foi a terceira vez que criei um plano, pois só tinha criado para um trabalho e numa das aulas de Prática de Ensino Supervisionada.

Para o fazer, tive em conta a aula anterior de PES I, onde a aula tinha sido feita tendo em conta a realização de planos de aula. O que eu fiz, foi pegar nas minhas noções, tendo em conta aspetos que nunca tinha feito bem, pois o que interessa é melhorar, para mais tarde os planos serem o melhor que é possível.

Assim, comecei por ver as competências essenciais que iriam ser trabalhadas com a atividade, depois vi os tópicos específicos no programa de matemática. Estes foram dois momentos que me levaram tanto tempo a procurar, como a realização do plano em si, pois primeiramente comecei por ver as competências essenciais para o Ensino Básico e só depois me incidi sobre as competências essenciais da matemática.

Num segundo momento da realização do plano, tentei criar uma estrutura que tivesse uma certa lógica e só depois comecei realmente a criar o plano no papel.

Eu penso que no geral, a minha maior dificuldade foi mesmo encontrar as competências essenciais, pois são documentos com os quais, até agora, não tinha muito contacto.

O momento referente à comunicação, já na terça-feira, também poderia ter corrido de melhor forma, pois houve algumas situações que foram menos positivas, tais como:

- O barulho influenciou a forma como os alunos tentavam transmitir o que fizeram, na medida que não se conseguiram fazer ouvir;
- O material que eles tinham como suporte à apresentação era apenas a folha A3 onde o enunciado das tarefas estava.

Reflexão referente ao 1.º ano, 12.ª Semana de PES

Na minha opinião, poderíamos ter alterado o plano, para que novos conteúdos pudessem ser abordados com a turma toda ou na próxima aula existir um momento dedicado ao reconto do que trabalhámos enquanto os alunos se ausentaram.

Reflexão referente ao 1.º ano, 7.ª Semana de PES

Acredito que propor aos alunos e alunas situações de observação ou interpretação durante a leitura de contos faz com que eles se tentem concentrar mais.

Reflexão referente ao 1.º ano, 8.ª Semana de PES

Contudo, penso que a minha preocupação em chegar à sala de aula mais cedo, acabou por fazer alguma diferença quanto ao tempo perdido. Em futuras práticas continuarei a chegar mais cedo à sala de aula, porque acabamos por ganhar mais tempo útil de trabalho, mas isto não invalida que tenha ficado com a noção de que nos temos de adaptar consoante a situação, pois vão existir sempre variáveis que não podemos controlar.

Reflexão referente ao 1.º ano, 20.ª Semana de PES

Na quinta-feira, tive a oportunidade de confrontar a professora, com a necessidade de começarmos a utilizar o dicionário como ferramenta de grande utilidade que é.

Reflexão referente ao 1.º ano, 21.ª Semana de PES

Em Ciências da Natureza iniciámos o estudo da reprodução dos animais pedindo aos alunos para realizar trabalhos de pesquisa em contexto de sala de aula, contudo tentámos previamente criar um *brainstorming*, com a utilização do *Edistorm*, presente em www.edistorm.com.

3.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Penso que o trabalho cooperativo é uma boa estratégia e os professores têm tentado colocá-la em prática, mas penso que o problema deste menino e menina terá primeiramente de ser identificado no seio da família, pois penso que seja destes que as crianças não estão tendo o apoio que lhes é devido.

7.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

A primeira situação a evidenciar tem a ver com as planificações de aulas assistidas. Atendo ao facto de que as professoras cooperantes vão assistir, considero que as planificações devem ser o mais pormenorizado que for possível fazer. Eu cheguei a esta conclusão devido à última aula observada, em que apenas coloquei tópicos na área das estratégias a utilizar, não podendo o professor cooperante analisar devidamente o que pensei em trabalhar com os alunos e alunas.

Outra questão que se coloca, quando se está a realizar um ensino em que a comunicação é maioritariamente realizada pelo professor, surge na colocação de questões curtas ou que possibilitam a comunicação de opiniões. Penso que estas questões têm de ser muito bem pensadas, tendo o professor de as identificar previamente à aula. Isto se o professor ser o responsável pela maioria da comunicação.

8.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Já em Matemática a professora cooperantes propôs que realizássemos o teste de avaliação que os alunos e alunas iriam realizar. Penso que esta proposta foi interessante e permitiu que tomasse consciência dos passos a realizar na criação do enunciado. Deste modo passo a citar o que fizemos: identificámos os conteúdos trabalhados até então; criámos uma estrutura lógica tendo em conta a ordem do trabalho efetuado com os alunos e alunas; procurámos possíveis questões; e estruturámos a cotação tendo em conta os passos pedidos em cada alínea do texto.

9.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

A História e Geografia de Portugal é importante destacar que esta semana procedemos de forma diferente, ou seja, planificámos tudo com grande antecedência. Penso que isto contribui bastante para um melhor desempenho nas aulas lecionadas, pois permitiu que fôssemos melhor preparados. A juntar a isto é importante referir que considero que as planificações mais pormenorizadas também foram benéficas para o melhor desempenho.

Excertos sobre a Gestão integrada do currículo

4.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Outra situação que queria destacar, decorre de um comentário feito pela Professora Teresa Vitorino aquando a sua visita a uma das nossas aulas. A professora, enquanto fazíamos jogos tradicionais disse que podíamos ter interligado estes com a Matemática. Neste seguimento a professora cooperante e eu, durante a 8.ª semana de Prática de Ensino Supervisionada, interligámos os jogos tradicionais e a numeração romana, bem como o trabalho no Magalhães. O que fizemos passou primeiramente por colocar os pontos do jogo do burro em numeração romana, tendo os alunos de fazer a soma das suas pontuações. Posteriormente utilizámos estes para fazer tabelas e gráficos no *Excel*. Penso que foi um bom comentário que a Professora Teresa fez e nós conseguimos utilizar esse comentário de uma forma positiva, para as nossas práticas profissionais. Conseguimos fazer uma boa interligação entre atividades ligadas à Expressão Motora, a Matemática e as Tecnologias de Informação.

Excertos sobre as Estratégias de motivação dos alunos

Reflexão referente ao 1.º ano, 5.ª Semana de PES

Como aspeto positivo, relativo aos jogos didáticos, é de realçar que os alunos e alunas pareciam muito mais motivados em aprender, talvez porque para eles apenas se trata-se de um momento divertido, mas para mim exista algo mais, que era eles conhecerem as profissões presentes no jogo.

Excertos de Estratégias potenciadoras de fatores de mudança

Reflexão referente ao 1.º ano, 16.ª Semana de PES

Como ponto positivo, penso que o momento dedicado à discussão é essencial, porque os alunos têm de pensar sobre o que fizeram, levando os alunos a olhar para a ficha como um instrumento e não como um fim.

Reflexão referente ao 1.º ano, 16.ª Semana de PES

Numa reflexão atendendo a futuras práticas pedagógicas, é importante referir que o texto poderia ter sido trabalhado de melhor forma. Isto, porque ele fala sobre um abrigo de burros, podendo os alunos pesquisar sobre o tema, sendo assim atribuído um carácter mais de estudo do meio, ao momento.

Reflexão referente ao 1.º ano, 17.ª Semana de PES

Nesta semana, em Ciências da Natureza, conseguimos trabalhar conteúdos, recorrendo a trabalhos de pesquisa, que os alunos realizaram. Considero este momento importante, pois conseguimos partir do trabalho de explorações dos alunos, deixando de lado fichas, em que os alunos apenas necessitam de seleccionar informação ou notícias de jornais, previamente escolhidas por nós, em que o professor já tem tudo previamente revisto.

2.^a Reflexão referente ao 2.^o ano de PES

Como aspeto positivo é importante realçar que devemos de encarar as atividades como tendo obrigatoriamente algo que os motive. A estratégia de escolher três alunos para comunicar aos restantes, o texto que produziram deve ser feita, mas apenas se conseguirmos definir e transmitir aos alunos os nossos critérios de escolha. Penso que estes critérios devem ter apenas o fundamento de transmitir ideias positivas, por exemplo: “apesar do texto deste aluno ter alguns erros ortográficos, acho que deve ser valorizado, pois as suas ideias estão muito bem estruturadas”.

5.^a Reflexão referente ao 2.^o ano de PES

Eu considero que este *peddy-paper* será muito importante para o meu futuro profissional, pois considero esta estratégia realmente eficaz no que diz respeito ao conhecimento do meio, porque permite que os alunos e alunas possam ir para o exterior, colocando em prática o que aprenderam na sala de aula.

Excertos de Gestão da turma

Reflexão referente ao 1.^o ano, 5.^a Semana de PES

A formação de grupos ainda continua a ser algo que me intriga e no qual sinto falta de bases para poder escolher se um aluno fica neste grupo ou naquele. Esta necessidade surge, porque por vezes existem um ou outro grupo que não funcionam tão bem como eu gostaria, acabando isto por me levar a pensar que a atividade poderia ter corrido de uma forma bastante mais positiva.

Durante esta semana também existiram alguns acontecimentos numa das atividades que também merecem ser alvo de uma reflexão. A atividade de expressão artística não correu tão bem como eu pensava que iria correr. Não ocorreu qualquer tipo de problema com os miúdos, mas comigo. O facto de eu não ter experimentado, em casa, a atividade que iria realizar com os miúdos teve repercussões na atividade.

Reflexão referente ao 1.º ano, 17.ª Semana de PES

Por fim, é de notar que começámos a fazer o sumário apenas no final da aula. Considero que esta mudança foi importante, porque partimos das ideias dos alunos, quanto ao que foi feito durante a aula, para fazer um resumo da aula. Isto também permite realizar uma reflexão no sentido de se aproveitámos bem o tempo ou não, fazendo os alunos parte dessa reflexão.

Excertos de Avaliação do processo educativo

Reflexão referente ao 1.º ano, 3.ª Semana de PES

A parte da realização das tarefas foi bastante interessante, pois deu para fazer alguns reparos.

Penso que a forma como grupos ficaram divididos levou a que ocorressem as seguintes situações:

- Existiram elementos que quase não participaram na resolução;
- Existiram elementos que ainda não arranjam a melhor forma de trabalhar durante momentos do mesmo tipo, ou seja, continuam a realizar as tarefas de modo individual.

Reflexão referente ao 1.º ano, 20.ª Semana de PES

Penso que o brainstorming não correu tão bem como o que esperava, porque os alunos tiveram algumas dificuldades em contribuir com as suas ideias, embora fôssemos tentando incentivá-los através de algumas questões.

Posteriormente, no trabalho de pesquisa, também ficou visível que os alunos necessitam de orientações fixas sobre alguns pontos a pesquisar, porque não entenderam bem o que nós queríamos com as pesquisas. Embora tivéssemos previamente transmitido algumas orientações, existiu a necessidade de as transmitir novamente em várias ocasiões. Contudo, é de realçar que a pré-seleção de fontes a pesquisar, que nós fizemos, poupou tempo nas pesquisas.

Reflexão referente ao 1.º ano, 22.ª Semana de PES

Penso que um ponto menos positivo consistiu na apresentação de uma série de diapositivos sobre os descobrimentos em que as imagens eram desenhos do género dos desenhos animados. Não acho incorreto estes terem sido mostrados, mas quando se está a estudar História e Geografia, também tem de existir uma grande parte de realidade e por vezes imagens de épocas mais remotas tornam-se mais interessantes que apenas desenhos.

Reflexão referente ao 1.º ano, 24.ª Semana de PES

A primeira situação merecedora de ser mencionada passa-se no seguimento do motorista e os professores não saberem como chegar aos sítios que iríamos visitar. Penso que isto não é admissível, pois atrasámos o que estava previsto, tendo no final do dia chegado mais tarde à escola do que estava previsto.

Durante o decorrer da visita notei que os alunos estavam muito distraídos, levando-me a fazer comparações entre esta visita de estudo e um passeio ou uma excursão. Penso que a professora deveria ter criado algo como um caderno-guia ou um dossier-guia composto por informações e imagens dos espaços em que se encontravam, por onde os alunos se pudessem orientar, levando-os assim a uma maior atenção perante as visitas orientadas pelos guias, que pouco diziam e pouco tempo deixavam os alunos observar o que estava em seu redor. Deste modo fiquei com a sensação de que os alunos não conseguiram fazer a transposição entre o que aprenderam nas aulas de História e Geografia de Portugal e a realidade.

Também penso que uma das formas de motivar os alunos seria incluí-los na planificação da visita, dando-lhes a oportunidade de expressar os seus desejos e comentários sobre o que iriam visitar. Isto também poderia contribuir para uma melhor avaliação sobre o que os alunos sabiam e ficaram a saber. Esta avaliação poderia ser feita através da criação de panfletos para os pais com a informação correspondente à visita que iriam fazer e, posteriormente à visita, a criação de cartazes para a divulgação do que aprenderam, dando assim a oportunidade de partilhar com outros colegas da escola, aquilo que tiveram a oportunidade de observar.

Reflexão referente ao 1.º ano, 26.ª Semana de PES

Quanto às situações, em que tivemos oportunidade de dinamizar, em Matemática, penso que no geral correram bem. No entanto, alguns momentos poderiam ter corrido melhor. O primeiro ponto que poderia ter corrido melhor se poderá questionar, e que eventualmente é qual a finalidade do uso da apresentação em *powerpoint* que criámos? Os conteúdos abordados durante esta sessão foram a noção de equivalência e congruência. Para os trabalhar com os alunos, uma das estratégias que utilizámos passou pela verificação da existência de equivalência e congruência em várias figuras, através do recurso a uma apresentação com imagens animadas.

Penso que a utilização deste recurso foi boa, visto que só o uso, por si só, faz com que eles tenham interesse no que estão a observar. No entanto, podíamos ter poupado imenso tempo na criação da apresentação, utilizando apenas algumas folhas A4 com várias figuras, onde fosse possível verificar as noções e teria a vantagem de os alunos puderem manusear o material.

1.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

A gestão do tempo é uma das *skills* que necessito de desenvolver. Durante a atividade que realizei, notei que tenho de estabelecer limites de tempo para cada momento que sou responsável, mesmo que isso implique que alguns alunos não consigam finalizar certas atividades individualmente. Penso que uma das estratégias a utilizar, pode passar por realizar os últimos pontos de uma dada atividade em grande grupo, embora seja sempre necessário ter em atenção que tipo de atividade se trata.

Esta gestão de tempo será sempre crucial no desenrolar de um dado momento, podendo ser causadora de uma positiva ou negativa execução da planificação.

ALUNOS E APRENDIZAGEM

Excertos das Características individuais dos alunos

Reflexão referente ao 1.º ano, 9.ª Semana de PES

Por conversas informais soube que um dos alunos frequentou a E. B. 1 do Alto de Rodes, a antiga professora é a Professora Manuela e o aluno quer ser jogador de

futebol, não dando importância à escola, porque considera que esta de nada lhe serve na sua futura profissão.

3.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Eu penso que estes meninos muitas vezes se sentem sozinhos, de certa forma rejeitados. Não que sejam rejeitados pelos professores, nem pelos colegas (dentro da sala de aula), mas fora da sala de aula (no recreio) noto que estes estão muitas vezes isolados dos restantes colegas.

Excertos da Avaliação dos alunos

Reflexão referente ao 1.º ano, 12.ª Semana de PES

Por fim, tentando ver também pontos positivos ao longo desta semana, é de frisar, que o aluno que nunca lia começou a ler. Para mim foi uma sensação enorme de alegria, porque gradualmente ele vai começando a ler.

Também é de referir que o grupo está a tornar-se cada vez mais unido. Embora seja pouco visível a progressão, eu consigo detetar que eles são cada vez mais solidários uns com os outros e isso tem feito com que certos alunos demonstrem um maior rendimento escolar.

Reflexão referente ao 1.º ano, 14.ª Semana de PES

Existindo apenas a preocupação dos professores cooperante e estagiários em “preparar” os alunos, em Língua Portuguesa existiu uma sessão apenas para o esclarecimento de dúvidas. Nesta sessão procurámos saber as incertezas que os alunos tinham, primeiramente em termos orais, e, *à posteriori*, realizámos alguns exercícios, que ficaram registados, embora continuasse a existir uma comunicação oral, através da opinião dos alunos.

Já em Ciências da Natureza, a questão da avaliação foi abordada de forma diferente. Quanto a esclarecimento de dúvidas, somente houve um momento de alguns minutos, pois partimos da questão sobre quais eram os conteúdos em que os alunos tinham mais dificuldades.

Reflexão referente ao 1.º ano, 14.ª Semana de PES

Penso que a melhor forma de abordar um momento de avaliação, que englobe um tão grande número de conteúdos, passa, indubitavelmente, pela forma como procedemos em Língua Portuguesa, visto que provavelmente apenas dois ou três alunos das duas turmas devem ter revisto os conteúdos e apenas esses tinham dúvidas a colocar aos professores. Assim, em Língua Portuguesa partimos deste princípio, enquanto em Ciências da Natureza partimos do princípio de que os alunos já tinham revisto os conteúdos.

A situação da Avaliação já tinha sido referida por mim, em reflexões anteriores, como sendo uma questão em que me sinto demasiado inseguro e contínuo a sentir ainda demasiada insegurança, apesar de ter tido contacto com novos modelos de avaliação, que as professoras cooperantes utilizam.

Reflexão referente ao 1.º ano, 15.ª Semana de PES

Penso que a construção do teste poderia ter muitas vantagens, tais como em termos de motivação, revisões para o teste e um assumir de um papel importante, por parte dos alunos, em situações de sala de aula.

Reflexão referente ao 1.º ano, 19.ª Semana de PES

Em Ciências da Natureza, no momento em que os alunos realizaram o teste de avaliação, reparei que o aluno, que tem algumas dificuldades motoras, tinha exatamente o mesmo teste que os restantes colegas. Isto, no meu ponto de vista, não devia acontecer, pois, como pode um aluno ser bem avaliado, quando a sua maior dificuldade será conseguir, colocar por palavras, os seus conhecimentos, quando tem várias questões, em que necessita de construir frases completas. Uma solução, simples de implementar, passaria por colocar mais itens de escolha múltipla ou pedir para o aluno legendar mais imagens.

2.^a Reflexão referente ao 2.^o ano de PES

Por fim, como última reflexão, é importante referir que finalmente estou a realizar um tipo de avaliação que considero próximo do ideal, tendo esta avaliação de ser feita atividade a atividade. Penso que esta necessidade de fazer uma avaliação sistemática é importante, pois permite-nos ter uma noção mais pormenorizada da construção das aprendizagens dos alunos.

10.^a Reflexão referente ao 2.^o ano de PES

Em Matemática tive a oportunidade de observar como se fazia a auto e heteroavaliação dos alunos e alunas. Consegui constatar que eles e elas têm uma ficha em que registam a sua opinião sobre vários parâmetros a ver com a área curricular em si. Nesta avaliação os alunos e alunas têm a oportunidade de refletir sobre se conseguiram atingir os objetivos propostos e no final os colegas comunicação as suas opiniões sobre a classificação geral de cada um. Penso que é importante, no contexto de sala de aula, que exista uma comunicação em que todos possam intervir e em que todos podem defender o seu ponto de vista. Neste sentido considero que a avaliação é bem feita, no entanto devia ser suportada em evidências maiores que apenas os testes de avaliação.

Excertos do Comportamento e atitudes dos alunos

Reflexão referente ao 1.^o ano, 9.^a Semana de PES

Tentei criar um diálogo socrático, perguntando qual era a razão de não estarem a trabalhar. Também tentei dar-lhes maior atenção, incentivando a que fizessem o que era pretendido e, por fim, à medida que eu ia falando com os outros alunos, tentava manter contacto físico com os dois (mão sobre o ombro), para que soubessem que mesmo estando a dar atenção aos colegas, continuava a estar bastante atento a eles. Nenhuma das estratégias trouxe mudanças no comportamento dos alunos

Visto que os alunos continuavam a brincar e como não tinha tido qualquer resposta por parte destes, optei por utilizar outra estratégia (pedindo autorização à professora cooperante primeiro), em que parecia bastante chateado com eles. Apenas perguntei, em tom mais alto que o normal, se estavam ali para aprender ou brincar. Aqui surgiu finalmente uma reação por parte dos alunos, começando ambos a trabalhar.

8.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Outra situação importante ser referida passa pelo modo como se controla a comunicação indesejada dentro da sala de aula. Penso que eu sou uma pessoa que prefere dialogar, em vez de falar mais alto. No entanto, durante esta semana senti que por vezes o professor também tem de dramatizar, mas esta dramatização deve ser feita com sentido. Por vezes alguns alunos e alunas que estão desconcentrados, não reagem aos meus pedidos para tomar atenção e cabe a mim procurar estratégias para que prestem atenção, pois os alunos e alunas são crianças e procuram brincar, sempre que lhes é permitido.

Excertos da Relação com os alunos

A minha relação com os alunos tem-se mantido um pouco distante, apesar de por vezes ter algum tipo de contacto com eles.

Reflexão referente ao 1.º ano, 1.ª Semana de PES

A minha relação com os alunos tem-se mantido um pouco distante, apesar de por vezes ter algum tipo de contacto com eles.

Reflexão referente ao 1.º ano, 2.ª Semana de PES

Acho interessante o facto de muitos dos alunos não me tratarem realmente como professor, talvez por explicação da professora ou pelos pais do que é um estagiário.

Reflexão referente ao 1.º ano, 3.ª Semana de PES

A minha interação com os alunos já não se cinge apenas a situações ocasionais do tipo pergunta/resposta, já existe diálogo em vários momentos da aula. Deixei de estar situado apenas na “zona segura” e agora, frequentemente circulo pela sala de aula, de forma a tornar mais rápido o contacto com os alunos em situações como resolução de tarefas.

Reflexão referente ao 1.º ano, 4.ª Semana de PES

É interessante ver que, ao longo destes momentos, os miúdos vão ganhando cada vez mais confiança comigo pois, apesar de por vezes ainda se dirigirem à professora para fazerem “queixinhas” ou pedirem para ir à casa de banho, já se dirigem muito mais a mim, do que se dirigiam no início.

COLABORAÇÃO NO PROCESSO FORMATIVO

Excertos de Reflexões positivas da colaboração

Reflexão referente ao 1.º ano, 6.ª Semana de PES

Acredito que, a cada semana que passa, tenho melhorado bastante e isso acontece, em grande parte, devido à forma como eu e a professora cooperante nos conseguimos relacionar, em que cada um entende a outra parte.

Reflexão referente ao 1.º ano, 1.ª Semana de PES

A professora mostrou-se acessível a qualquer questão que lhe coloquei.

Reflexão referente ao 1.º ano, 2.ª Semana de PES

Durante a sessão a professora veio ao pé de mim para falar sobre alguns assuntos e no meio da conversa eu disse que pensava que a aula não estava a correr muito bem, porque apenas dois alunos trabalhavam nos espaldares, enquanto os outros ficavam a ver, levando isto a que os que ficavam a ver se distraíssem muito. De imediato a

professora levantou-se e arranhou uma estratégia simples para que eles parassem de se distrair

Excertos das Inquietações pessoais

Reflexão referente ao 1.º ano, 1.ª Semana de PES

Antes de iniciar este novo percurso, surgiram-me algumas dúvidas, tais como: como será o ambiente educativo; serei eu capaz de corresponder ao que é pedido; que instrumentos deverei utilizar na minha observação; o que pensarão os pais de mim; deverei ter uma relação mais próxima dos alunos ou mais distante ; será a professora acessível; e serei capaz de observar o essencial.

Reflexão referente ao 1.º ano, 26.ª Semana de PES

A História e Geografia de Portugal é, em concordância com Língua Portuguesa, aquela onde me sinto mais inseguro em termos de estratégias a utilizar em sala de aula.

Excertos de Sentimentos de agrado

Reflexão referente ao 1.º ano, 1.ª Semana de PES

O primeiro contacto correu muito bem. Os auxiliares estavam informados quanto à minha chegada e a professora cooperante estava inteirada sobre qual seria o meu trabalho inicial.

Reflexão referente ao 1.º ano, 4.ª Semana de PES

Para finalizar, durante esta semana a mãe de um aluno deixou, com a professora, dois bolinhos que tinha feito, em que um deles era para mim. Eu fiquei bastante contente, por receber aquele “mimo” e até me fez estar mais à vontade dentro da sala de aula. Talvez, porque um dos meus maiores receios demonstrados inicialmente era: o que os pais pensaram de mim.

Reflexão referente ao 1.º ano, 5.ª Semana de PES

Contudo, existe um aspeto positivo que é importante realçar, que é a forma como a professora cooperante entendeu a minha situação.

É importante realçar que, até ao momento, a professora cooperante tem-se demonstrado sempre uma pessoa acessível e esclarecida sobre as minhas maiores dificuldades.

10.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Nestas semanas conseguimos observar vídeos e fazer dramatizações de textos por nós criados. No final, na aula observada pela professora Aurizia Anica senti que tinha conseguido que os alunos e alunas se sentissem mais motivados, pois o tipo de trabalho mudou, levando a que estes encarassem as minhas propostas como interessantes.

Excertos de Sentimento de desagrado

Reflexão referente ao 1.º ano, 5.ª Semana de PES

Aqui surge de novo a questão do tempo e experimentação que devem ser vistas como muito importantes, pois como tive “pouco” tempo para realizar a planificação do que iria trabalhar, senti-me quase em pânico.

Este sentimento fez com que ainda me fosse mais difícil concentrar na elaboração das tarefas.

Reflexão referente ao 1.º ano, 12.ª Semana de PES

Eu perguntei como tinha tratado outros conteúdos gramaticais, pois se o que estamos a tentar aplicar não funciona, então será melhor ter uma visão sobre outras estratégias que já tenham dado resultado. A professora desviou a conversa, embora lhe tenha pedido por duas vezes para nos dizer. Não entendo qual será a razão de a professora não ter dito, apenas fiquei com insegurança e desilusão, pois a forma que

estávamos a aplicar não estava a produzir resultados. Penso que teríamos ficado a entender melhor, se nos tivesse explicado como procedia em outros momentos, visto que, pelos vistos, as estratégias aplicadas pela professora cooperante no seu entender, funcionam.

Excertos de Avaliação do desenvolvimento profissional

Reflexão referente ao 1.º ano, 5.ª Semana de PES

Como tem isso em conta, a professora tenta realizar comigo um trabalho que vai ao encontro das minhas exigências e ao nível em que me encontro, ou seja, em todas as semanas de estágio vai subindo o nível de exigência da professora cooperante, bem como o meu nível de desenvolvimento, que se traduz numa resposta ao que a docente pede.

Reflexão referente ao 1.º ano, 6.ª Semana de PES

No entanto, é essencial ter em conta que existe muito a melhorar e a aprender, e que ainda cometo erros que necessita de ser melhorados, como por exemplo: o nível de disciplina.

Reflexão referente ao 1.º ano, 7.ª Semana de PES

Como pontos importantes a retirar das várias reflexões realizadas até agora é de notar os seguintes pontos:

Relativo a momentos dentro da sala de aula:

- É necessário experimentar todas as situações que vamos propor aos alunos, nomeadamente em termos de expressão artística e outras áreas. Torna-se essencial experimentar o plano, pois por vezes podem ocorrer situações que não tínhamos previamente observado, levando esta experimentação a uma drástica diminuição do risco de ocorrerem imprevistos.
- Utilizar metodologias ligadas à observação quantas vezes se conseguir, pois a melhor forma de conhecer a turma e as suas necessidades passa pela observação em todos os momentos de trabalho.

- As situações a trabalhar com os alunos têm de ter uma sequência lógica (do mais simples, para o mais complexo), não deixando de realizar passos mais simples, pensando que os alunos já têm essa capacidade desenvolvida.
- A gestão do tempo é preciosa, podendo fazer a diferença entre um objetivo atingido e um objetivo atingido de forma “apressada” ou não atingido.
- A organização de grupos de trabalho é muito importante, pois alguns elementos de um dado grupo podem entrar em conflito, desligando-se completamente do que deveriam estar a trabalhar.

1.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Ao longo dos anos de licenciatura ou até mesmo de mestrado, nunca demonstrei grande atenção para com a variável política e como ela consegue ser bastante relevante na educação.

2.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Como primeiro caso, que considero que deva ter extrema importância para práticas futuras, passa por saber como o professor(a) deve proceder em certos casos que necessitam de ser resolvidos fora da sala de aula, ou seja, até ao momento penso que temos sido muitos protegidos pela professora orientadora e pelas professoras cooperantes quanto a situações que envolvam a Proteção de Menores ou outras organizações jurídicas, como é o caso de uma aluno da turma que estou a acompanhar neste momento.

Excertos de Avaliação do desenvolvimento pessoal

1.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Ao longo destas semanas de observação, senti que muitas vezes fiz comparações entre a prática no 2.º ciclo e a prática no 1.º ciclo. Devido a isto, houve uma frase que a professora cooperante disse: o livro é sempre um instrumento de consulta. Por vezes, durante a minha prática no 2.º ciclo, as professoras pediam para os alunos não consultarem o livro, mesmo em situações que não exigiam avaliação. Concordo com a

visão da professora cooperante no 1.º ciclo, pois o livro pode e deve ser visto como um instrumento, sendo por vezes capaz de ser muito útil para os alunos esclarecerem certas dúvidas.

1.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Penso que o 1.º ciclo seja onde me sinto mais confortável, porque o ambiente educativo está organizado de forma muito positiva e tenho uma orientadora cooperante que considero ser bastante atenta e compreensiva quanto às minhas dificuldades, mas também valorizadora quanto ao meu trabalho.

9.ª Reflexão referente ao 2.º ano de PES

Por fim, fiquei com a noção de que o professor que realmente procura dar resposta a todos os alunos e alunas é aquele que identifica sempre pontos negativos, quanto às estratégias utilizadas. Por vezes sinto-me frustrado por ver que nem tudo corre tão bem como o que tinha planificado, mas de certo modo fico contente por ter sempre presente esta preocupação de dar resposta aos alunos e alunas.

Anexo 2 - Unidades de sentido da análise das reflexões no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada

Unidades de sentido quanto à gestão do processo educativo

- 1) [Organização metodológica] (...) é o facto de os alunos de semana em semana mudarem de lugar. O objetivo da professora passa por alunos, com diferentes tipos de capacidades e de utilização de estratégias, se puderem ajudar mutuamente (...) esta estratégia pode ser bastante positiva, pois incentiva à comunicação dos alunos, levando-os a discutir estratégias (...).
- 2) Assim, comecei por ver as competências essenciais que iriam ser trabalhadas com a atividade, depois vi os tópicos específicos, (...) tentei criar uma estrutura que tivesse uma certa lógica(...).
- 3) (...) poderíamos ter alterado o plano, para que novos conteúdos pudessem ser abordados com a turma toda (...).
- 4) Acredito que propor aos alunos e alunas situações de observação ou interpretação durante a leitura de contos faz com que eles se tentem concentrar mais.
- 5) (...) penso que a minha preocupação em chegar à sala de aula mais cedo, acabou por fazer alguma diferença quanto ao tempo perdido.
- 6) (...) tive a oportunidade de confrontar a professora, com a necessidade de começarmos a utilizar o dicionário como ferramenta de grande utilidade que é.
- 7) (...) iniciámos o estudo da reprodução dos animais pedindo aos alunos para realizar trabalhos de pesquisa em contexto de sala de aula, contudo tentámos previamente criar um *brainstorming*, com a utilização do *Edistorm*, presente em www.edistorm.com.
- 8) Penso que o trabalho cooperativo é uma boa estratégia e os professores têm tentado colocá-la em prática (...).
- 9) (...) tem a ver com as planificações de aulas assistidas. Atendo ao facto de que as professoras cooperantes vão assistir, considero que as planificações devem ser o mais pormenorizado que for possível fazer. Eu cheguei a esta conclusão devido à última aula observada, em que apenas coloquei tópicos na área das estratégias a utilizar, não podendo o professor cooperante analisar devidamente o que pensei em trabalhar com os alunos e alunas.

- 10)**(...) quando se está a realizar um ensino em que a comunicação é maioritariamente realizada pelo professor, surge na colocação de questões curtas ou que possibilitam a comunicação de opiniões. Penso que estas questões têm de ser muito bem pensadas, tendo o professor de as identificar previamente à aula.
- 11)**(...) a professora cooperantes propôs que realizássemos o teste de avaliação que os alunos e alunas iriam realizar. Penso que esta proposta foi interessante e permitiu que tomasse consciência dos passos a realizar na criação do enunciado. Deste modo passo a citar o que fizemos: identificámos os conteúdos trabalhados até então; criámos uma estrutura lógica tendo em conta a ordem do trabalho efetuado com os alunos e alunas; procurámos possíveis questões; e estruturámos a cotação tendo em conta os passos pedidos em cada alínea do texto.
- 12)**(...) planificámos tudo com grande antecedência. Penso que isto contribui bastante para um melhor desempenho nas aulas lecionadas(...)é importante referir que considero que as planificações mais pormenorizadas também foram benéficas para o melhor desempenho.
- 13)** [Gestão integrada do currículo] A professora, enquanto fazíamos jogos tradicionais disse que podíamos ter interligado estes com a Matemática. Neste seguimento a professora cooperante e eu, durante a 8.^a semana de Prática de Ensino Supervisionada, interligámos os jogos tradicionais e a numeração romana, bem como o trabalho no Magalhães. Conseguimos fazer uma boa interligação entre atividades ligadas à Expressão Motora, a Matemática e as Tecnologias de Informação.
- 14)** [Estratégias de motivação dos alunos] (...) jogos didáticos, (...) os alunos (...) pareciam muito mais motivados em aprender, talvez porque para eles apenas se trata-se de um momento divertido, mas para mim exista algo mais, que era eles conhecerem as profissões presentes no jogo.
- 15)** [Estratégias potenciadoras de fatores de mudança] (...) penso que o momento dedicado à discussão é essencial, porque os alunos têm de pensar sobre o que fizeram, levando os alunos a olhar para a ficha como um instrumento e não como um fim.
- 16)**(...) o texto poderia ter sido trabalhado de melhor forma. Isto, porque ele fala sobre um abrigo de burros, podendo os alunos pesquisar sobre o tema, sendo assim atribuído um carácter mais de estudo do meio, ao momento.

- 17) (...) conseguimos trabalhar conteúdos, recorrendo a trabalhos de pesquisa, que os alunos realizaram.
- 18) (...) devemos de encarar as atividades como tendo obrigatoriamente algo que os motive. A estratégia de escolher três alunos para comunicar aos restantes, o texto que produziram deve ser feita, mas apenas se conseguirmos definir e transmitir aos alunos os nossos critérios de escolha.
- 19) (...) *peddy-paper* (...) considero esta estratégia realmente eficaz no que diz respeito ao conhecimento do meio, porque permite que os alunos e alunas possam ir para o exterior, colocando em prática o que aprenderam na sala de aula.
- 20) [Gestão da turma] A formação de grupos ainda continua a ser algo que me intriga e no qual sinto falta de bases para poder escolher (...).
- 21) O facto de eu não ter experimentado (...) a atividade que iria realizar (...) teve repercussões na atividade.
- 22) (...) começámos a fazer o sumário apenas no final da aula. Considero que esta mudança foi importante, porque partimos das ideias dos alunos (...).
- 23) [Avaliação do processo educativo] (...) a forma como grupos ficaram divididos levou a que existiram elementos que quase não participaram na resolução (...), existiram elementos que ainda não arranjaram a melhor forma de trabalhar
- 24) (...) o brainstorming não correu tão bem como o que esperava, porque os alunos tiveram algumas dificuldades em contribuir com as suas ideias (...).
- 25) (...) no trabalho de pesquisa (...) os alunos necessitam de orientações fixas sobre alguns pontos a pesquisar (...) embora tivéssemos previamente transmitido algumas orientações.
- 26) Penso que um ponto menos positivo consistiu na apresentação de uma série de diapositivos (...). Não acho incorreto estes terem sido mostrados, mas quando se está a estudar História e Geografia, também tem de existir uma grande parte de realidade (...).
- 27) (...) deveria ter criado algo como um caderno-guia (...) composto por informações e imagens dos espaços em que se encontravam, (...) os alunos não conseguiram fazer a transposição entre o que aprenderam (...) e a realidade. (...) penso que uma das formas de motivar os alunos seria incluí-los na planificação (...). (...) poderia contribuir para uma melhor avaliação (...). Esta avaliação

poderia ser feita através da criação de panfletos (...) e, posteriormente à visita, a criação de cartazes para a divulgação do que aprenderam (...).

- 28) (...) qual a finalidade do uso da apresentação em *powerpoint* que criámos?(...) podíamos ter poupado imenso tempo na criação da apresentação, utilizando apenas algumas folhas A4 (...).
- 29) A gestão do tempo é uma das *skills* que necessito de desenvolver.

Unidades de sentido quanto aos alunos e aprendizagem

- 30) [Características individuais dos alunos] (...) soube que um dos alunos frequentou a E. B. 1 do Alto de Rodes, a antiga professora é a Professora Manuela e o aluno quer ser jogador de futebol, não dando importância à escola.
- 31) (...) estes meninos muitas vezes se sentem sozinhos (...) mas fora da sala de aula (no recreio) noto que estes estão muitas vezes isolados dos restantes colegas.
- 32) [Avaliação dos alunos] (...) o aluno que nunca lia começou a ler.
- 33) (...) o grupo está a tornar-se cada vez mais unido. Embora seja pouco visível a progressão, eu consigo detetar que eles são cada vez mais solidários uns com os outros
- 34) [na aula de revisões] partimos da questão sobre quais eram os conteúdos em que os alunos tinham mais dificuldades.
- 35) (...) da Avaliação (...) me sinto demasiado inseguro (...).
- 36) Penso que a construção do teste poderia ter muitas vantagens, tais como em termos de motivação, revisões para o teste e um assumir de um papel importante, por parte dos alunos (...).
- 37) (...) reparei que o aluno, que tem algumas dificuldades motoras, tinha exatamente o mesmo teste que os restantes colegas. Uma solução (...) colocar mais itens de escolha múltipla ou pedir para (...) legendar mais imagens.
- 38) (...) esta necessidade de fazer uma avaliação sistemática é importante, pois permite-nos ter uma noção mais pormenorizada da construção das aprendizagens dos alunos.
- 39) (...) heteroavaliação dos alunos e alunas (...) devia ser suportada em evidências maiores que apenas os testes de avaliação.

- 40) [Comportamento e atitudes dos alunos] Tentei criar um diálogo socrático (...), Também tentei dar-lhes maior atenção, (...) tentava manter contacto físico com os dois (mão sobre o ombro).
- 41) (...) por vezes o professor também tem de dramatizar, mas esta dramatização deve ser feita com sentido.
- 42) [Relação com os alunos] A minha relação com os alunos tem-se mantido um pouco distante (...).
- 43) Acho interessante o facto de muitos dos alunos não me tratarem realmente como professor (...).
- 44) A minha interação com os alunos já não se cinge apenas a situações ocasionais do tipo pergunta/resposta, já existe diálogo em vários momentos da aula.
- 45) (...) os miúdos vão ganhando cada vez mais confiança comigo (...).

Unidades de sentido quanto à colaboração no processo formativo

- 46) [Reflexões positivas de colaboração] (...) a cada semana que passa, tenho melhorado bastante e isso acontece, em grande parte, devido à forma como eu e a professora cooperante nos conseguimos relacionar.
- 47) A professora mostrou-se acessível a qualquer questão que lhe coloquei.
- 48) (...) eu disse que pensava que a aula não estava a correr muito bem (...). De imediato a professora levantou-se e arranjou uma estratégia simples para que eles parassem de se distrair.
- 49) [Inquietações pessoais] (...) surgiram-me algumas dúvidas, tais como: como será o ambiente educativo; serei eu capaz de corresponder ao que é pedido; que instrumentos deverei utilizar na minha observação; o que pensarão os pais de mim; deverei ter uma relação mais próxima dos alunos ou mais distante; será a professora acessível; e serei capaz de observar o essencial.
- 50) A História e Geografia de Portugal é, em concordância com Língua Portuguesa, aquela onde me sinto mais inseguro em termos de estratégias a utilizar em sala de aula.
- 51) [Sentimentos de agrado] O primeiro contacto correu muito bem. Os auxiliares estavam informados quanto à minha chegada e a professora cooperante estava inteirada sobre qual seria o meu trabalho inicial.

- 52)** (...) a mãe de um aluno deixou, com a professora, dois bolinhos que tinha feito, em que um deles era para mim. Eu fiquei bastante contente, por receber aquele “mimo” (...).
- 53)** (...) a professora cooperante entendeu a minha situação.
- 54)** (...) a professora cooperante tem-se demonstrado sempre uma pessoa acessível e esclarecida sobre as minhas maiores dificuldades.
- 55)** (...) senti que tinha conseguido que os alunos e alunas se sentissem mais motivados, pois o tipo de trabalho mudou, levando a que estes encarassem as minhas propostas como interessantes.
- 56)** [Sentimentos de desagrado] (...) a questão do tempo e experimentação. Este sentimento fez com que ainda me fosse mais difícil concentrar na elaboração das tarefas.
- 57)** Eu perguntei como tinha tratado outros conteúdos gramaticais (...). A professora desviou a conversa (...) fiquei com insegurança e desilusão (...).
- 58)** [Avaliação do desenvolvimento profissional] (...) a professora tenta realizar comigo um trabalho que vai ao encontro das minhas exigências e ao nível em que me encontro (...).
- 59)** (...) existe muito a melhorar e a aprender, e que ainda cometo erros que necessita de ser melhorados (...).
- 60)** É necessário experimentar todas as situações que vamos propor aos alunos (...).
- 61)** Utilizar metodologias ligadas à observação quantas vezes se conseguir (...).
- 62)** As situações a trabalhar com os alunos têm de ter uma sequência lógica (...).
- 63)** A gestão do tempo é preciosa (...).
- 64)** A organização de grupos de trabalho é muito importante (...).
- 65)** (...) nunca demonstrei grande atenção para com a variável política e como ela consegue ser bastante relevante na educação.
- 66)** [Necessito de saber] como o professor(a) deve proceder em certos casos que necessitam de ser resolvidos fora da sala de aula.
- 67)** [Avaliação do desenvolvimento pessoal] (...) um instrumento natural para os meninos.
- 68)** (...) o livro pode e deve ser visto como um instrumento, sendo por vezes capaz de ser muito útil para os alunos esclarecerem certas dúvidas.
- 69)** Penso que o 1.º ciclo seja onde me sinto mais confortável, porque o ambiente educativo está organizado de forma muito positiva e tenho uma orientadora

cooperante que considero ser bastante atenta e compreensiva quanto às minhas dificuldades (...).

70) (...) o professor que realmente procura dar resposta a todos os alunos e alunas é aquele que identifica sempre pontos negativos, quanto às estratégias utilizadas. Por vezes sinto-me frustrado por ver que nem tudo corre tão bem como o que tinha planificado, mas de certo modo fico contente por ter sempre presente esta preocupação de dar resposta aos alunos e alunas.

Anexo 3 - Grelha de categorização da análise das reflexões escritas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada

Categorias	Subcategorias	Operacionalização
<p>Gestão do processo educativo</p> <p>– Excertos de reflexões alusivas às opções de gestão do processo educativo, nomeadamente quanto à organização metodológica, transversalidade das atividades pensadas e criadas, motivação e aspetos de mudança. Situações ligadas à gestão da turma e avaliação do processo educativo.</p>	<p>Organização metodológica</p>	<p>(...) é o facto de os alunos de semana em semana mudarem de lugar. O objetivo da professora passa por alunos, com diferentes tipos de capacidades e de utilização de estratégias, se puderem ajudar mutuamente (...) esta estratégia pode ser bastante positiva, pois incentiva à comunicação dos alunos, levando-os a discutir estratégias (...). (1)</p> <p>Assim, comecei por ver as competências essenciais que iriam ser trabalhadas com a atividade, depois vi os tópicos específicos, (...) tentei criar uma estrutura que tivesse uma certa lógica(...). (2)</p> <p>(...) poderíamos ter alterado o plano, para que novos conteúdos pudessem ser abordados com a turma toda (...). (3)</p> <p>Acredito que propor aos alunos e alunas situações de observação ou interpretação durante a leitura de contos faz com que eles se tentem concentrar mais. (4)</p> <p>(...) penso que a minha preocupação em chegar à sala de aula mais cedo, acabou por fazer alguma diferença quanto ao tempo perdido. (5)</p> <p>(...) tive a oportunidade de confrontar a professora, com a necessidade de começarmos a utilizar o dicionário como ferramenta de grande utilidade que é. (6)</p> <p>(...) iniciámos o estudo da reprodução dos animais pedindo aos alunos para realizar</p>

		<p>trabalhos de pesquisa em contexto de sala de aula, contudo tentámos previamente criar um <i>brainstorming</i>, com a utilização do <i>Edistorm</i>, presente em www.edistorm.com. (7)</p> <p>Penso que o trabalho cooperativo é uma boa estratégia e os professores têm tentado colocá-la em prática (...). (8)</p> <p>(...) tem a ver com as planificações de aulas assistidas. Atendo ao facto de que as professoras cooperantes vão assistir, considero que as planificações devem ser o mais pormenorizado que for possível fazer. Eu cheguei a esta conclusão devido à última aula observada, em que apenas coloquei tópicos na área das estratégias a utilizar, não podendo o professor cooperante analisar devidamente o que pensei em trabalhar com os alunos e alunas. (9)</p> <p>(...) quando se está a realizar um ensino em que a comunicação é maioritariamente realizada pelo professor, surge na colocação de questões curtas ou que possibilitam a comunicação de opiniões. Penso que estas questões têm de ser muito bem pensadas, tendo o professor de as identificar previamente à aula. (10)</p> <p>(...) a professora cooperantes propôs que realizássemos o teste de avaliação que os alunos e alunas iriam realizar. Penso que esta proposta foi interessante e permitiu que tomasse consciência dos passos a realizar na criação do enunciado. Deste modo passo a citar o que fizemos: identificámos os conteúdos trabalhados até então; criámos uma estrutura lógica tendo em conta a ordem do trabalho efetuado com os alunos e alunas; procurámos possíveis questões; e estruturámos a cotação tendo em conta os passos</p>
--	--	---

		<p>pedidos em cada alínea do texto. (11)</p> <p>(...) planificámos tudo com grande antecedência. Penso que isto contribui bastante para um melhor desempenho nas aulas lecionadas(...)é importante referir que considero que as planificações mais pormenorizadas também foram benéficas para o melhor desempenho. (12)</p>
	Gestão integrada do currículo	<p>A professora, enquanto fazíamos jogos tradicionais disse que podíamos ter interligado estes com a Matemática. Neste seguimento a professora cooperante e eu, durante a 8.ª semana de Prática de Ensino Supervisionada, interligámos os jogos tradicionais e a numeração romana, bem como o trabalho no Magalhães. Conseguimos fazer uma boa interligação entre atividades ligadas à Expressão Motora, a Matemática e as Tecnologias de Informação. (13)</p>
	Estratégias de motivação dos alunos	<p>(...) jogos didáticos, (...) os alunos (...) pareciam muito mais motivados em aprender, talvez porque para eles apenas se trata-se de um momento divertido, mas para mim exista algo mais, que era eles conhecerem as profissões presentes no jogo. (14)</p>
	Estratégias potenciadoras de fatores de mudança	<p>(...) penso que o momento dedicado à discussão é essencial, porque os alunos têm de pensar sobre o que fizeram, levando os alunos a olhar para a ficha como um instrumento e não como um fim. (15)</p> <p>(...) o texto poderia ter sido trabalhado de melhor forma. Isto, porque ele fala sobre um abrigo de burros, podendo os alunos pesquisar sobre o tema, sendo assim atribuído um carácter mais de estudo do meio, ao momento. (16)</p>

		<p>(...) conseguimos trabalhar conteúdos, recorrendo a trabalhos de pesquisa, que os alunos realizaram. (17)</p> <p>(...) devemos de encarar as atividades como tendo obrigatoriamente algo que os motive. A estratégia de escolher três alunos para comunicar aos restantes, o texto que produziram deve ser feita, mas apenas se conseguirmos definir e transmitir aos alunos os nossos critérios de escolha. (18)</p> <p>(...) <i>peddy-paper</i> (...) considero esta estratégia realmente eficaz no que diz respeito ao conhecimento do meio, porque permite que os alunos e alunas possam ir para o exterior, colocando em prática o que aprenderam na sala de aula. (19)</p>
	Gestão da turma	<p>A formação de grupos ainda continua a ser algo que me intriga e no qual sinto falta de bases para poder escolher (...). (20)</p> <p>O facto de eu não ter experimentado (...) a atividade que iria realizar (...) teve repercussões na atividade. (21)</p> <p>(...) começámos a fazer o sumário apenas no final da aula. Considero que esta mudança foi importante, porque partimos das ideias dos alunos (...). (22)</p>
	Avaliação do processo educativo	<p>(...) a forma como grupos ficaram divididos levou a que existiram elementos que quase não participaram na resolução (...), existiram elementos que ainda não arranjaram a melhor forma de trabalhar. (23)</p> <p>(...) o brainstorming não correu tão bem como o que esperava, porque os alunos tiveram algumas dificuldades em contribuir com as suas ideias (...). (24)</p>

		<p>(...) no trabalho de pesquisa (...) os alunos necessitam de orientações fixas sobre alguns pontos a pesquisar (...) embora tivéssemos previamente transmitido algumas orientações. (25)</p> <p>Penso que um ponto menos positivo consistiu na apresentação de uma série de diapositivos (...). Não acho incorreto estes terem sido mostrados, mas quando se está a estudar História e Geografia, também tem de existir uma grande parte de realidade (...). (26)</p> <p>(...) deveria ter criado algo como um caderno-guia (...) composto por informações e imagens dos espaços em que se encontravam, (...) os alunos não conseguiram fazer a transposição entre o que aprenderam (...) e a realidade. (...) penso que uma das formas de motivar os alunos seria incluí-los na planificação (...). (...) poderia contribuir para uma melhor avaliação (...). Esta avaliação poderia ser feita através da criação de panfletos (...) e, posteriormente à visita, a criação de cartazes para a divulgação do que aprenderam (...). (27)</p> <p>(...) qual a finalidade do uso da apresentação em <i>powerpoint</i> que criámos?(...) podíamos ter poupado imenso tempo na criação da apresentação, utilizando apenas algumas folhas A4 (...). (28)</p> <p>A gestão do tempo é uma das <i>skills</i> que necessito de desenvolver. (29)</p>
<p>Alunos e aprendizagem – Excertos de reflexões</p>	<p>Características individuais dos</p>	<p>(...) soube que um dos alunos frequentou a E. B. 1 do Alto de Rodes, a antiga professora é a Professora Manuela e o aluno quer ser jogador de futebol, não dando importância à</p>

<p>alusivas aos alunos em si, tendo em conta a participação, características individuais, avaliação, comportamentos e atitudes e relação entre o professor-estagiario e estes.</p>	<p>alunos</p>	<p>escola. (30)</p> <p>(...) estes meninos muitas vezes se sentem sozinhos (...) mas fora da sala de aula (no recreio) noto que estes estão muitas vezes isolados dos restantes colegas. (31)</p>
	<p>Avaliação dos alunos</p>	<p>(...) o aluno que nunca lia começou a ler. (32)</p> <p>(...) o grupo está a tornar-se cada vez mais unido. Embora seja pouco visível a progressão, eu consigo detetar que eles são cada vez mais solidários uns com os outros. (33)</p> <p>[na aula de revisões] partimos da questão sobre quais eram os conteúdos em que os alunos tinham mais dificuldades. (34)</p> <p>(...) da Avaliação (...)me sinto demasiado inseguro (...). (35)</p> <p>Penso que a construção do teste poderia ter muitas vantagens, tais como em termos de motivação, revisões para o teste e um assumir de um papel importante, por parte dos alunos (...). (36)</p> <p>(...) reparei que o aluno, que tem algumas dificuldades motoras, tinha exatamente o mesmo teste que os restantes colegas. Uma solução (...) colocar mais itens de escolha múltipla ou pedir para (...) legendar mais imagens. (37)</p> <p>(...) esta necessidade de fazer uma avaliação sistemática é importante, pois permite-nos ter uma noção mais pormenorizada da construção das aprendizagens dos alunos. (38)</p> <p>(...) heteroavaliação dos alunos e alunas (...)devia ser suportada em evidências maiores que apenas os testes de avaliação. (39)</p>

	Comportamento e atitudes dos alunos	Tentei criar um diálogo socrático (...), Também tentei dar-lhes maior atenção, (...) tentava manter contacto físico com os dois (mão sobre o ombro). (40) (...) por vezes o professor também tem de dramatizar, mas esta dramatização deve ser feita com sentido. (41)
	Relação com os alunos	A minha relação com os alunos tem-se mantido um pouco distante (...). (42) Acho interessante o facto de muitos dos alunos não me tratarem realmente como professor (...). (43) A minha interação com os alunos já não se cinge apenas a situações ocasionais do tipo pergunta/resposta, já existe diálogo em vários momentos da aula. (44) (...) os miúdos vão ganhando cada vez mais confiança comigo (...). (45)
Colaboração no processo formativo – Excertos de reflexões centradas no professor-estagiário, nomeadamente no trabalho colaborativo (parceiro de estágio, professores cooperantes e orientadores da	Reflexões positivas da colaboração	(...) a cada semana que passa, tenho melhorado bastante e isso acontece, em grande parte, devido à forma como eu e a professora cooperante nos conseguimos relacionar. (46) A professora mostrou-se acessível a qualquer questão que lhe coloquei. (47) (...) eu disse que pensava que a aula não estava a correr muito bem (...). De imediato a professora levantou-se e arranhou uma estratégia simples para que eles parassem de se distrair. (48)
	Inquietações pessoais	(...) surgiram-me algumas dúvidas, tais como: como será o ambiente educativo; serei eu capaz de corresponder ao que é pedido; que instrumentos deverei utilizar na minha observação; o que pensarão os pais de mim; deverei ter uma relação mais próxima dos

<p>unidade curricular), os seus receios (sensações de medo), sentimentos de agrado e desagrado. Avaliação feita a nível profissional e pessoal.</p>		<p>alunos ou mais distante; será a professora acessível; e serei capaz de observar o essencial. (49)</p> <p>A História e Geografia de Portugal é, em concordância com Língua Portuguesa, aquela onde me sinto mais inseguro em termos de estratégias a utilizar em sala de aula. (50)</p>
	Sentimentos de agrado	<p>O primeiro contacto correu muito bem. Os auxiliares estavam informados quanto à minha chegada e a professora cooperante estava inteirada sobre qual seria o meu trabalho inicial. (51)</p> <p>(...) a mãe de um aluno deixou, com a professora, dois bolinhos que tinha feito, em que um deles era para mim. Eu fiquei bastante contente, por receber aquele “mimo” (...). (52)</p> <p>(...) a professora cooperante entendeu a minha situação. (53)</p> <p>(...) a professora cooperante tem-se demonstrado sempre uma pessoa acessível e esclarecida sobre as minhas maiores dificuldades. (54)</p> <p>(...) senti que tinha conseguido que os alunos e alunas se sentissem mais motivados, pois o tipo de trabalho mudou, levando a que estes encarassem as minhas propostas como interessantes. (55)</p>
	Sentimento de desagrado	<p>(...) a questão do tempo e experimentação. Este sentimento fez com que ainda me fosse mais difícil concentrar na elaboração das tarefas. (56)</p> <p>Eu perguntei como tinha tratado outros conteúdos gramaticais (...).A professora desviou a conversa (...) fiquei com insegurança e desilusão (...). (57)</p>

	<p>Avaliação do desenvolvimento profissional</p>	<p>(...) a professora tenta realizar comigo um trabalho que vai ao encontro das minhas exigências e ao nível em que me encontro (...). (58)</p> <p>(...) existe muito a melhorar e a aprender, e que ainda cometo erros que necessita de ser melhorados (...). (59)</p> <p>É necessário experimentar todas as situações que vamos propor aos alunos (...). (60)</p> <p>Utilizar metodologias ligadas à observação quantas vezes se conseguir (...). (61)</p> <p>As situações a trabalhar com os alunos têm de ter uma sequência lógica (...). (62)</p> <p>A gestão do tempo é preciosa (...). (63)</p> <p>A organização de grupos de trabalho é muito importante (...). (64)</p> <p>(...) nunca demonstrei grande atenção para com a variável política e como ela consegue ser bastante relevante na educação. (65)</p> <p>[Necessito de saber] como o professor(a) deve proceder em certos casos que necessitam de ser resolvidos fora da sala de aula. (66)</p>
	<p>Avaliação do desenvolvimento pessoal</p>	<p>(...) um instrumento natural para os meninos. (67)</p> <p>(...) o livro pode e deve ser visto como um instrumento, sendo por vezes capaz de ser muito útil para os alunos esclarecerem certas dúvidas. (68)</p> <p>Penso que o 1.º ciclo seja onde me sinto mais confortável, porque o ambiente educativo está organizado de forma muito positiva e tenho uma orientadora cooperante que considero ser bastante atenta e compreensiva quanto às minhas dificuldades (...). (69)</p> <p>(...) o professor que realmente procura dar resposta a todos os alunos e alunas é aquele</p>

		que identifica sempre pontos negativos, quanto às estratégias utilizadas. Por vezes sinto-me frustrado por ver que nem tudo corre tão bem como o que tinha planificado, mas de certo modo fico contente por ter sempre presente esta preocupação de dar resposta aos alunos e alunas. (70)
--	--	--

Anexo 4 – Quadros referentes à análise de conteúdo realizada às reflexões semanais/quinzenais

Quadro 1 - Organização metodológica

(...) é o facto de os alunos de semana em semana mudarem de lugar. O objetivo da professora passa por alunos, com diferentes tipos de capacidades e de utilização de estratégias, se puderem ajudar mutuamente (...) esta estratégia pode ser bastante positiva, pois incentiva à comunicação dos alunos, levando-os a discutir estratégias (...). (1)

Assim, comecei por ver as competências essenciais que iriam ser trabalhadas com a atividade, depois vi os tópicos específicos, (...) tentei criar uma estrutura que tivesse uma certa lógica(...). (2)

(...) poderíamos ter alterado o plano, para que novos conteúdos pudessem ser abordados com a turma toda (...). (3)

Acredito que propor aos alunos e alunas situações de observação ou interpretação durante a leitura de contos faz com que eles se tentem concentrar mais. (4)

(...) penso que a minha preocupação em chegar à sala de aula mais cedo, acabou por fazer alguma diferença quanto ao tempo perdido. (5)

(...) tive a oportunidade de confrontar a professora, com a necessidade de começarmos a utilizar o dicionário como ferramenta de grande utilidade que é. (6)

(...) iniciámos o estudo da reprodução dos animais pedindo aos alunos para realizar trabalhos de pesquisa em contexto de sala de aula, contudo tentámos previamente criar um *brainstorming*, com a utilização do *Edistorm*, presente em www.edistorm.com. (7)

Penso que o trabalho cooperativo é uma boa estratégia e os professores têm tentado colocá-la em prática (...). (8)

(...) tem a ver com as planificações de aulas assistidas. Atendo ao facto de que as professoras cooperantes vão assistir, considero que as planificações devem ser o mais pormenorizado que for possível fazer. Eu cheguei a esta conclusão devido à última aula observada, em que apenas coloquei tópicos na área das estratégias a utilizar, não podendo o professor cooperante analisar devidamente o que pensei em trabalhar com os alunos e alunas. (9)

(...) quando se está a realizar um ensino em que a comunicação é maioritariamente realizada pelo professor, surge na colocação de questões curtas ou que possibilitam a comunicação de opiniões. Penso que estas questões têm de ser muito bem pensadas, tendo o professor de as identificar previamente à aula. (10)

(...) a professora cooperantes propôs que realizássemos o teste de avaliação que os alunos e alunas iriam realizar. Penso que esta proposta foi interessante e permitiu que tomasse consciência dos passos a realizar na criação do enunciado. Deste modo passo a citar o que fizemos: identificámos os conteúdos trabalhados até então; criámos uma estrutura lógica tendo em conta a ordem do trabalho efetuado com os alunos e alunas; procurámos possíveis questões; e estruturámos a cotação tendo em conta os passos pedidos em cada alínea do texto. (11)

(...) planificámos tudo com grande antecedência. Penso que isto contribui bastante para um melhor desempenho nas aulas lecionadas(...)é importante referir que considero que as planificações mais pormenorizadas também foram benéficas para o melhor desempenho. (12)

Quadro 2 – Gestão integrada do currículo

A professora, enquanto fazíamos jogos tradicionais disse que podíamos ter interligado estes com a Matemática. Neste seguimento a professora cooperante e eu, durante a 8.ª semana de Prática de Ensino Supervisionada, interligámos os jogos tradicionais e a numeração romana, bem como o trabalho no Magalhães. Conseguimos fazer uma boa interligação entre atividades ligadas à Expressão Motora, a Matemática e as Tecnologias de Informação. (13)

Quadro 3 – Estratégias de motivação dos alunos

(...) jogos didáticos, (...) os alunos (...) pareciam muito mais motivados em aprender, talvez porque para eles apenas se trata-se de um momento divertido, mas para mim exista algo mais, que era eles conhecerem as profissões presentes no jogo. (14)

Quadro 4 – Estratégias potenciadoras de fatores de mudança

(...) penso que o momento dedicado à discussão é essencial, porque os alunos têm de pensar sobre o que fizeram, levando os alunos a olhar para a ficha como um instrumento e não como um fim. (15)

(...) o texto poderia ter sido trabalhado de melhor forma. Isto, porque ele fala sobre um abrigo de burros, podendo os alunos pesquisar sobre o tema, sendo assim atribuído um carácter mais de estudo do meio, ao momento. (16)

(...) conseguimos trabalhar conteúdos, recorrendo a trabalhos de pesquisa, que os alunos realizaram. (17)

(...) devemos de encarar as atividades como tendo obrigatoriamente algo que os motive. A estratégia de escolher três alunos para comunicar aos restantes, o texto que produziram deve ser feita, mas apenas se conseguirmos definir e transmitir aos alunos os nossos critérios de escolha. (18)

(...) *peddy-paper* (...) considero esta estratégia realmente eficaz no que diz respeito ao conhecimento do meio, porque permite que os alunos e alunas possam ir para o exterior, colocando em prática o que aprenderam na sala de aula. (19)

Quadro 5 – Gestão da turma

A formação de grupos ainda continua a ser algo que me intriga e no qual sinto falta de bases para poder escolher (...). (20)

O facto de eu não ter experimentado (...) a atividade que iria realizar (...) teve repercussões na atividade. (21)

(...) começámos a fazer o sumário apenas no final da aula. Considero que esta mudança foi importante, porque partimos das ideias dos alunos (...). (22)

Quadro 6 – Avaliação do processo educativo

(...) a forma como grupos ficaram divididos levou a que existiram elementos que quase não participaram na resolução (...), existiram elementos que ainda não arranjaram a melhor forma de trabalhar. (23)

(...) o brainstorming não correu tão bem como o que esperava, porque os alunos tiveram algumas dificuldades em contribuir com as suas ideias (...). (24)

(...) no trabalho de pesquisa (...) os alunos necessitam de orientações fixas sobre alguns pontos a pesquisar (...) embora tivéssemos previamente transmitido algumas orientações. (25)

Penso que um ponto menos positivo consistiu na apresentação de uma série de diapositivos (...). Não acho incorreto estes terem sido mostrados, mas quando se está a estudar História e Geografia, também tem de existir uma grande parte de realidade (...). (26)

(...) deveria ter criado algo como um caderno-guia (...) composto por informações e imagens dos espaços em que se encontravam, (...) os alunos não conseguiram fazer a transposição entre o que aprenderam (...) e a realidade. (...) penso que uma das formas de motivar os alunos seria incluí-los na planificação (...). (...) poderia contribuir para uma melhor avaliação (...). Esta avaliação poderia ser feita através da criação de panfletos (...) e, posteriormente à visita, a criação de cartazes para a divulgação do que aprenderam (...). (27)

(...) qual a finalidade do uso da apresentação em *powerpoint* que criámos?(...) podíamos ter poupado imenso tempo na criação da apresentação, utilizando apenas algumas folhas A₄(...). (28)

A gestão do tempo é uma das *skills* que necessito de desenvolver. (29)

Quadro 7 – Características individuais dos alunos

(...) soube que um dos alunos frequentou a E. B. 1 do Alto de Rodes, a antiga professora é a Professora Manuela e o aluno quer ser jogador de futebol, não dando importância à escola. (30)

(...) estes meninos muitas vezes se sentem sozinhos (...) mas fora da sala de aula (no recreio) noto que estes estão muitas vezes isolados dos restantes colegas. (31)

Quadro 8 – Avaliação dos alunos

(...) o aluno que nunca lia começou a ler. (32)
(...) o grupo está a tornar-se cada vez mais unido. Embora seja pouco visível a progressão, eu consigo detetar que eles são cada vez mais solidários uns com os outros. (33)
[na aula de revisões] partimos da questão sobre quais eram os conteúdos em que os alunos tinham mais dificuldades. (34)
(...) da Avaliação (...) me sinto demasiado inseguro (...). (35)
Penso que a construção do teste poderia ter muitas vantagens, tais como em termos de motivação, revisões para o teste e um assumir de um papel importante, por parte dos alunos (...). (36)
(...) reparei que o aluno, que tem algumas dificuldades motoras, tinha exatamente o mesmo teste que os restantes colegas. Uma solução (...) colocar mais itens de escolha múltipla ou pedir para (...) legendar mais imagens. (37)
(...) esta necessidade de fazer uma avaliação sistemática é importante, pois permite-nos ter uma noção mais pormenorizada da construção das aprendizagens dos alunos. (38)
(...) Heteroavaliação dos alunos e alunas (...) devia ser suportada em evidências maiores que apenas os testes de avaliação. (39)

Quadro 9 – Comportamento e atitudes dos alunos

Tentei criar um diálogo socrático (...), Também tentei dar-lhes maior atenção, (...) tentava manter contacto físico com os dois (mão sobre o ombro). (40)
(...) por vezes o professor também tem de dramatizar, mas esta dramatização deve ser feita com sentido. (41)

Quadro 10 – Relação com os alunos

A minha relação com os alunos tem-se mantido um pouco distante (...). (42)
Acho interessante o facto de muitos dos alunos não me tratarem realmente como professor (...). (43)
A minha interação com os alunos já não se cinge apenas a situações ocasionais do tipo pergunta/resposta, já existe diálogo em vários momentos da aula. (44)
(...) os miúdos vão ganhando cada vez mais confiança comigo (...). (45)

Quadro 11 – Reflexões positivas de colaboração

(...) a cada semana que passa, tenho melhorado bastante e isso acontece, em grande parte, devido à forma como eu e a professora cooperante nos conseguimos relacionar. (46)
A professora mostrou-se acessível a qualquer questão que lhe coloquei. (47)
(...) eu disse que pensava que a aula não estava a correr muito bem (...). De imediato a professora levantou-se e arranjou uma estratégia simples para que eles parassem de se distrair. (48)

Quadro 12 – Inquietações pessoais

(...) surgiram-me algumas dúvidas, tais como: como será o ambiente educativo; serei eu capaz de corresponder ao que é pedido; que instrumentos deverei utilizar na minha observação; o que pensarão os pais de mim; deverei ter uma relação mais próxima dos alunos ou mais distante; será a professora acessível; e serei capaz de observar o essencial. (49)
A História e Geografia de Portugal é, em concordância com Língua Portuguesa, aquela onde me sinto mais inseguro em termos de estratégias a utilizar em sala de aula. (50)

Anexo 5 – Aval da Direção do Agrupamento de escolas D. Afonso III à realização das entrevistas



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALGARVE
Agrupamento de Escolas D. Afonso III - Faro (145087)
Escola E.B. 2,3 D. Afonso III - 340686
EB1/JI do Carmo - EB1 de Alto de Rodés

Exma. Senhora
Dr^a Teresa Vitorino
Universidade do Algarve- ESE
Campus da Penha- Estrada da Penha
8000 FARO

Sua Referência

Sua Comunicação

Nossa Referência

Data

Of. 418 /6.6.1.

14/06/2012

ASSUNTO: Realização de entrevistas

Venho por este meio informar que a Direção não vê inconveniente na realização de entrevista a alunos e respetivos encarregados de educação uma vez que a docente Eugénia de Jesus já deu o seu aval.

Com os melhores cumprimentos.

A Diretora,

Ester Murta Pereira Custódio Tangarrinha

AS

Rua Luís de Camões
8004-014 Faro

E-Mail: secretaria@escolaafonso3.net

Telef: 289 892710
Fax: 289 892711

Anexo 6 – Pedido de autorização para a realização da entrevista a um dos alunos



Escola Superior de Educação
Universidade do Algarve

Ex.ª Sr.ª Dr.ª EE,

Eu, Fábio Dias, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II, venho por este meio solicitar a sua participação e a do seu educando no meu presente estudo, que tem como tema «A regulação cooperada das aprendizagens. Assim, com o objetivo de entender a perspetiva dos encarregados de educação e dos alunos, quanto ao uso do PIT, gostaria de realizar uma entrevista a si e ao seu educando.

Por fim, gostaria de lhe agradecer desde já a sua atenção,

Fábio Miguel Prata Dias, aluno n.º 35650, do curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico.

✂.....

Eu _____, autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) que o meu educando _____, aluno do 3º ano da EB1 de Alto de Rodes, colabore no estudo «A regulação cooperada das aprendizagens»⁴. Informo que os dados recolhidos se destinam exclusivamente para este fim estando salvaguardado a confidencialidade dos dados e sigilo dos intervenientes.

Data

Assinatura

_____ de Junho de 2012

⁴ Acompanha este pedido de autorização o Guião da(s) Entrevista(s).

Anexo 7 – Pedido de autorização para a realização da entrevista a outro dos alunos



Escola Superior de Educação
Universidade do Algarve

Ex.ª Sr.ª Dr.ª EE,

Eu, Fábio Dias, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II, venho por este meio solicitar a sua participação e a do seu educando no meu presente estudo, que tem como tema «A regulação cooperada das aprendizagens. Assim, com o objetivo de entender a perspetiva dos encarregados de educação e dos alunos, quanto ao uso do PIT, gostaria de realizar uma entrevista a si e ao seu educando.

Por fim, gostaria de lhe agradecer desde já a sua atenção,

Fábio Miguel Prata Dias, aluno n.º 35650, do curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico.

✂.....

Eu _____, autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) que o meu educando _____, aluno do 3º ano da EB1 de Alto de Rodes, colabore no estudo «A regulação cooperada das aprendizagens»⁵. Informo que os dados recolhidos se destinam exclusivamente para este fim estando salvaguardado a confidencialidade dos dados e sigilo dos intervenientes.

Data

Assinatura

____ de Junho de 2012

⁵ Acompanha este pedido de autorização o Guião da(s) Entrevista(s).

Anexo 8 - Análise documental do Projeto Curricular de Turma

Objetivo: Conhecer o enfoque dado ao trabalho com o PIT no Projeto Curricular de Turma

Conteúdos do Projeto Curricular de Turma relacionados com o Plano Individual de Trabalho

«Coleção de instrumentos de planeamento, registo e regulação do trabalho dos alunos segundo o modelo de planificação por atividades e avaliação dos percursos e aprendizagens sociais e cognitivas (plano curricular, listas de verificação; planos mensais, planos individuais de trabalho; registo de presenças, de material; registos da produção de trabalhos; planos de trabalho projeto). (p. 9)»

«Permitir à criança ir tomando consciência do seu percurso escolar, das suas dificuldades e do seu ritmo de trabalho, importante para cada planificação de cada uma. Permitir a diferenciação do trabalho aprendizagem. Promover o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de ação (realização) das crianças no seu tempo/trabalho.

É elaborado por cada criança após a avaliação do P.I.T. anterior e da construção de um novo Plano semanal, partindo das necessidades sentidas, das sugestões apresentadas pela professoras e pelos colegas.

O P.I.T. é avaliado diariamente pela criança no registo das atividades cumpridas e todas as segundas aquando da avaliação coletiva. A professora e os colegas fazem igualmente uma avaliação. (p.11)»

«O que se avalia: o trabalho coletivo, de grupo e individual. Instrumentos: plano do dia; registo dos projetos; P.I.T. e instrumentos a ele associados. Quem participa: alunos e professor. Modo de operacionalização: logo de manhã, planificando o dia e ao fim da manhã fazendo o balanço. Individualmente e coletivamente no Conselho.» (p.27)

Anexo 9 - 1º Tratamento da análise documental do Projeto Curricular de Turma

[Pertença do PIT aos instrumentos de planeamento] «Coleção de instrumentos de planeamento, registo e regulação do trabalho dos alunos segundo o modelo de planificação por atividades e avaliação dos percursos e aprendizagens sociais e cognitivas (plano curricular, listas de verificação; planos mensais, planos individuais de trabalho; registo de presenças, de material; registos da produção de trabalhos; planos de trabalho projeto).»

[Objetivos da utilização do PIT] «Permitir à criança ir tomando consciência do seu percurso escolar, das suas dificuldades e do seu ritmo de trabalho, importante para cada planificação de cada uma. Permitir a diferenciação do trabalho aprendizagem. Promover o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de ação (realização) das crianças no seu tempo/trabalho.»

[Funcionamento do PIT] «É elaborado por cada criança após a avaliação do P.I.T. anterior e da construção de um novo Plano semanal, partindo das necessidades sentidas, das sugestões apresentadas pela professoras e pelos colegas.»

[Avaliação do PIT] «O P.I.T. é avaliado diariamente pela criança no registo das atividades cumpridas e todas as segundas aquando da avaliação coletiva. A professora e os colegas fazem igualmente uma avaliação.»

[Pertença do PIT aos instrumentos sujeito a avaliação] «O que se avalia: o trabalho coletivo, de grupo e individual. Instrumentos: plano do dia; registo dos projetos; P.I.T. e instrumentos a ele associados.»

[Intervenientes na avaliação do PIT] «Quem participa: alunos e professor.»

[Quando é feita a avaliação do PIT] «Modo de operacionalização: logo de manhã, planificando o dia e ao fim da manhã fazendo o balanço. Individualmente e coletivamente no Conselho.»

Unidades de Sentido

1. «Coleção de instrumentos de planeamento, registo e regulação do trabalho dos alunos (...)»
2. «Permitir à criança ir tomando consciência do seu percurso escolar, das suas dificuldades e do seu ritmo de trabalho (...)»
3. «Permitir a diferenciação do trabalho aprendizagem.»
4. «Promover o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de ação (realização) das crianças no seu tempo/trabalho.»
5. «É elaborado por cada criança após a avaliação do P.I.T. anterior e da construção de um novo Plano semanal (...)»
6. «(...) partindo das necessidades sentidas, das sugestões apresentadas pelas professoras e pelos colegas.»
7. «O P.I.T. é avaliado diariamente pela criança no registo das atividades cumpridas e todas as segundas aquando da avaliação coletiva.»
8. «Quem participa: os alunos e professor.»
9. «Modo de operacionalização: logo de manhã, planificando o dia e ao fim da manhã fazendo o balanço. Individualmente e coletivamente no Conselho.»

Anexo 10 - Grelha de categorização da análise documental do projeto Curricular de Turma

Categorias	Subcategorias	Indicadores
1. O PIT	1.1 Pertença	«Coleção de instrumentos de planeamento, registo e regulação do trabalho dos alunos (...)» (1)
	1.2 Objetivos	«Permitir à criança ir tomando consciência do seu percurso escolar, das suas dificuldades e do seu ritmo de trabalho (...)» (2) «Permitir a diferenciação do trabalho aprendizagem.» (3) «Promover o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de ação (realização) das crianças no seu tempo/trabalho.» (4)
	1.3 Realização	«É elaborado por cada criança após a avaliação do PIT anterior e da construção de um novo Plano semanal (...)» (5) «(...) partindo das necessidades sentidas, das sugestões apresentadas pela professora e pelos colegas.» (6) «Modo de operacionalização: logo de manhã, planificando o dia e ao fim da manhã fazendo o balanço. Individualmente e coletivamente no Conselho.» (9)

	1.4 Avaliação	«O P.I.T. é avaliado diariamente pela criança no registo das atividades cumpridas e todas as segundas aquando da avaliação coletiva.» (7) «Quem participa: os alunos e professor.» (8)
--	---------------	---

Anexo 11 - Exemplos de comentários feitos pela professora aos planos individuais de trabalho dos alunos A e B

Exemplo 1: Parabéns! Esta semana proponho que possas resolver ficheiros de ortografia, pode ser?

Exemplo 2: Como foste pouco responsável, eu diria mesmo até um pouco descuidado com o teu trabalho e aprendizagem proponho que esta semana leves todos os dias ficheiros para poderes ter ajuda na realização do PIT, pode ser?

Exemplo 3: Hoje o meu escrito é geral.

Esta semana, vários pais que avaliaram o PIT referiram que os meninos(as) não tinham sido muito autónomos(as) no trabalho .

Chamo a atenção:

- o PIT é vosso e não dos pais , eles já estudaram o 3º ano há muito tempo e por isso temos que os libertar desse *stress*. ..

- alguns meninos e meninas não ligam muito ao que eu digo no PIT e por isso continuam planificar sem ter em conta o que precisam ...

- alguns meninos meninas não entregam com o PIT as produções, e como é que eu a posso corrigir, fazer propostas, ...?

- alguns precisam de ler, o ano está a acabar e não têm livros nenhum registados como lidos, outros têm que ler em voz alta para não se engasgarem e leram muito alto e com expressividade, outros têm que ser humildades (os que dizem que não pareciam de aprende nada!)

Não quero distrações, brincadeiras, risotas, bilhetinhos durante a aula. Podemos distrair-nos em conjunto, rir em conjunto porque há tempo para tudo isso!

Vamos planificar todos na aula e todos vão levar ficheiros para casa todos os dias!

Anexo 12 - Exemplos de comentários feitos pelos encarregados de educação dos alunos A e B

Exemplo 1: Cada vez mais o aluno A é autónomo e responsável na execução do PIT. O meu contributo resume-se a fotocopiar fichas e a ajudá-lo no preenchimento da tabela de previsão de trabalhos que pensa realizar e a corrigir os trabalhos. Está de parabéns.

Exemplo 2: Penso que o Aluno B não cumpriu o PIT n.º 2. Não realizou o trabalho a que se propôs nomeadamente na Matemática – tabuadas- contas e reduções. A matemática deverá ser uma preocupação do pedro para o PIT n.º 3.

Exemplo 3: Incentivei-o a adiantar, procurei na Internet e elaborei fichas e corrigir com ele. Está mais uma vez de parabéns

Exemplo 4: Embora aluno B tenha cumprido o PIT tal como o proposto, continua um pouco desorganizado e às vezes pouco preocupado com as suas obrigações e deverá ter muito mais cuidado com isso.

Exemplo 5: Não considero que tivesse havido muitas diferenças das quinzenas anteriores porque as propostas obrigatórias tanto em número como em género forma similares ao que o aluno A, por regra, se propõe realizar, nos PIT antecedentes.

Exemplo 6: Procuramos que o aluno B seja autónomo no PIT mesmo que correndo o risco de não ser sempre totalmente cumpridor.

Anexo 13 - Exemplos de comentários feitos pelos alunos nos seus planos individuais de trabalho

Exemplo 1: Acho que tudo o que tinha a aprender estou a aprender e já começo a ficar com menos dificuldades.

Exemplo 2: Não preciso de aprender nada.

Exemplo 3: Problemas.

Exemplo 4: Cumpri o PIT e até ultrapassei.

Exemplo 5: O PIT correu-me muito bem.

Anexo 14 – Guião da entrevista realizada à docente

Tema: A regulação cooperada das aprendizagens

Objetivos gerais:

- Caracterizar o ambiente educativo;
- Procurar entender como a professora cooperante faz uso do PIT, com a intenção dos alunos e alunas, através da auto e heterocorreção, desenvolverem as suas competências avaliativas.

BLOCOS	OBJETIVOS	TEMAS PARA QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
I • Questões pessoais	Conhecer o percurso profissional da professora cooperante. Conhecer o ambiente educativo.	Solicitar uma caracterização do percurso profissional da professora cooperante, referindo que este é importante para entender o trabalho feito com os alunos. Pedir que a professora explique a razão de optar por seguir o Movimento de Escola Moderna. Requisitar uma descrição sobre as dificuldades, ao nível da profissão, que lhe têm surgido ao longo do seu trabalho, nomeadamente ao nível do	Tentar que o entrevistador responda com clareza às questões da entrevistada. Procurar que a entrevistada descreva pormenorizadamente, se questione e infira causas e/ou consequências.

		sistema, Movimento de Escola Moderna, turma, etc.	
<p style="text-align: center;">II</p> <p>• Trabalho em sala de aula (curricular)</p>	<p>Identificar como se processa o trabalho relativo ao PIT, tendo em conta a professora, os alunos e encarregados de educação.</p> <p>Identificar outros instrumentos de trabalho associados ao PIT.</p>	<p>Requerer como se processa o trabalho dos alunos, professora e encarregados de educação, quanto ao PIT.</p> <p>Procurar entender o ponto de vista da professora, quanto ao trabalho do PIT e o feedback recebido pelos alunos e encarregados de educação.</p> <p>Investigar sobre outros instrumentos que potenciem o trabalho do PIT.</p>	
<p style="text-align: center;">III</p> <p>• Comentários/Opinões</p>	<p>Identificar e conhecer outros aspetos relativos a assuntos ligados aos objetivos referidos no bloco I e II.</p>	<p>Registar as opiniões ou comentários, ligadas ao bloco I e II, mas que não estejam referidas como questão no guião da entrevista.</p>	

Anexo 15 – Entrevista à professora cooperante

[Após a autorização da professora cooperante para gravar, demos início à mesma]

Desde já queria-lhe agradecer pelo tempo que vai ocupar e queria também agradecer pelo material dispensado para a gravação desta entrevista, visto ter tido alguns problemas técnicos com o meu gravador.

Inserido no tema «A regulação cooperada das aprendizagens» e com a intenção de atingir os objetivos propostos. Nomeadamente caracterizar o ambiente educativo e procurar entender como a professora cooperante faz uso do PIT, com a intenção dos alunos e alunas, através da auto e hétero correção desenvolverem as suas competências avaliativas, gostaria de realizar esta entrevista.

A entrevista será dividida em três blocos. O primeiro é sobre questões pessoais, no sentido de entender a visão da professora, quanto ao ambiente educativo. Depois segue-se um bloco sobre o trabalho curricular dentro da sala de aula. Por fim um bloco sobre comentários e opiniões que queira sempre referir e que sejam ligados aos assuntos falados nos blocos anteriores.

Bloco I

O primeiro bloco tem como objetivos conhecer o percurso profissional da professora cooperante, eventualmente ligado a este assunto alguma questão sobre si própria, que ache que é importante referir e como segundo objetivo surge a necessidade de conhecer o ambiente educativo, visto «aos seus olhos», que certamente terá por base muito boas evidências.

Entrevistado M – Então também agradeço a colaboração, porque é sempre bom refletirmos sobre o nosso trabalho. Sou professora desde outubro de 1980. Sempre tenho trabalhado no 1.º ciclo, com algumas abordagens com a Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve. Tive algum tempo fora da escola, porque estive no Secretariado Nacional da Educação Cristã e depois na Direção Regional de Educação, nos Serviços Técnico-pedagógicos.

Gosto muito de trabalhar com «gente pequena», com o 1.º ciclo muito em particular e com «gente grande», como vocês alunos em formação inicial.

Sobre o ambiente educativo eu não posso deixar de falar no ambiente educativo, sem falar no Movimento da Escola Moderna, porque a forma como eu trabalho e organizo em sala de aula tem a ver com o Movimento da Escola Moderna. Eu conheço o Movimento da Escola Moderna desde a minha formação inicial. Não só porque a minha sogra já pertencia ao Movimento da Escola Moderna e sempre foi professora do Movimento da Escola Moderna. Estagiei numa sala de uma professora simpatizante do Movimento da Escola Moderna, depois trabalhei nas escolas anexas ao Magistério, como professora convidada e sempre desenvolvi o trabalho com base no Movimento de Escola Moderna.

O que eu posso dizer sobre estas questões pessoais ligadas a esta questão do Movimento de Escola Moderna... Que encaro o Movimento da Escola Moderna pela forma como uma estratégia preciosa no trabalho na escola. A formação de professores encaro como uma forma de refletir práticas de ensino e de refletir na perspetiva sempre da aprendizagem não na perspetiva do ensino.

A grande diferença do ambiente educativo de algumas salas para outras é o centrar no aluno, o trabalhar com o aluno, o dividir o espaço, instrumentos, planificação e avaliação com os alunos. O ambiente educativo é organizado em função dos alunos e não em função do ensino do professor.

E acaba por existir uma democracia não é?

Entrevistado M – Eu diria democracia, mas de uma forma mais lata. As questões de cidadania, nomeadamente de participação democrática e as questão de não ser por representatividade, mas por participação direta, como por exemplo no Conselho de Turma. A questão dos consensos e menos de eleições. Pronto, são as questões da cidadania. Podemos pensar na turma como uma organização micro. Depois pensar em termos da escola, a relação entre pares dos professores num sistema um bocadinho mais alargado e depois se calhar em termos do sistema, da coordenação, do agrupamento, que acaba por ser um sistema um bocadinho mais meso, partindo assim do particular para o geral, nesta estrutura relacional do ambiente educativo.

Em termos de questões pessoais, sempre tive a «sorte» de os meus filhos estarem sempre em turmas em que os professores também eram da Escola Moderna. Isso também permitiu, com pessoas diferentes, descobrir outras formas de trabalhar e uma aprendizagem importante como mãe, mas simultaneamente como professora. O mais

velho esteve com a Professora Odete, que é uma pessoa das mais antigas do Movimento no Algarve e os outros sempre com professoras do Movimento.

Voltando só um bocadinho atrás, até agora tem descrito um pouco o seu percurso, quanto ao Movimento da Escola Moderna, mas acho que também seria interessante falar um pouco das vantagens e da gratificação que lhe dá a si. Em contrapartida seria importante referir as dificuldades que tem sentido e aqui queria que se incidisse na profissão em si, ao nível do que faz. Depois também ao nível do sistema escolar, em termos de organização. As dificuldades que sente.

Entrevistado M – Pois isso é sempre complicado. É assim... Ao nível das dificuldades, nós professores, podemos enumerar muitas dificuldades. Umas que nos são externas, a quantidade de reuniões, documentos, papéis, registos, que a escola nos propõe (obrigada) a fazer. Quanto a isso não podemos fugir, porque o 1.º ciclo está muito disciplinarizado. No princípio do ano temos cada vez mais de estabelecer uma proposta de horário e isso obriga-nos a trabalhar de uma forma um bocadinho diferente com meninos tão pequenos e muito mais parecida com o 2.º ciclo. Não estou a dizer que é melhor ou pior, estou a dizer que é diferente sendo um professor de regime monodocência. Acho que algumas coisas não justificam esta divisão. A necessidade de criar um horário, a necessidade de cumprir tempos. Umas horas para Língua Portuguesa, outras tantas para a Matemática, até porque há trabalhos que fazemos a Língua Portuguesa que servem a Estudo do Meio, como existem trabalhos/relatórios que fazemos a Estudo do Meio que servem para a Língua Portuguesa. A Matemática também fazemos a comunicação de coisas ligadas ao raciocínio matemático que servem para Língua Portuguesa. Portanto há aqui uma divisão de conteúdos, quando o próprio programa do 1.º ciclo...

Outra dificuldade, eu não vou dizer que as turmas heterogéneas... eu acho que as turmas heterogéneas são uma riqueza, embora existam alunos que avancem muito, enquanto outros nem tanto... Isso é uma riqueza. Não vou dizer o número elevado de alunos por turma. Eu tenho vinte e seis, por exemplo. Não se trabalha com a mesma qualidade do que se tivesse uma turma com vinte, é diferente, mas pronto, temos de arranjar estratégias para acolher todos e para que todos se desenvolvam. As escolas não têm verbas e têm relativa pouca autonomia, com o que tinham há meia dúzia de anos. A questão de termos de ir, estar a trabalhar em agrupamentos, o que se aproxima agora de

mega agrupamentos, perdemos um bocadinho a nossa entidade como escola. Isso às vezes para mim é um bocadinho difícil de entender, mas tenho de aceitar.

Não tenho dificuldades em trabalhar com colegas, embora trabalhemos de forma diferente, de modos diferentes de encarar os alunos e a escola, mas isso também é positivo, não é? Porque não pensamos todos da mesma maneira.

Também não tenho dificuldades em trabalhar com os pais. Sempre considerei que são os maiores aliados que temos não é? Alguns de nós temos os miúdos mais tempo que os próprios pais, meninos que entram às 8:00 na escola, que almoçam na escola, que após a escola vão para o A.T.L., que veem os pais no final do dia, seja em situação de turma, seja em situação de A.T.L., alguns professores estão mais tempo com os meninos do que os pais. Acho que são sempre uns bons aliados e tenho sempre bons colaboradores, pessoas que questionam (o que é muito bom). Por exemplo, agora temos um projeto com os pais em que semanalmente os pais trabalham com a turma. Já trabalharam xadrez, orientação pela bussola, escrita criativa. Portanto isso são maneiras dos professores do movimento seguirem a filosofia de encarar as questões de participação dos pais.

A escola onde trabalha tem uma característica muito especial, em que turmas do mesmo ano estão praticamente ligadas. Acha que isso potencia o desenvolvimento dos alunos?

Entrevistado M – Eu acho que isso podia ser uma mais valia. Já foi mais. Quando trabalhei com alguns colegas interagíamos muito mais do que interagimos agora, mas também compreendo que as turmas cada vez têm mais alunos. Quando nós juntamos duas turmas, nós ficamos com cinquenta alunos. Acaba também por... quando podíamos ficar com trinta e nove, agora ficamos com mais. E também depende da pessoa que está a trabalhar ao nosso lado no núcleo. Já interagi mais, com muita qualidade, trocávamos inclusivamente alunos, trabalhávamos experiências muito interessantes.

Eu pensava que te ias referir ao horário, porque nós temos regime duplo, não é? Temos duplo da manhã e duplo da tarde, portanto não podemos ter montado na sala, como alguns colegas do Movimento, que trabalham em regime normal. Tem os ficheiros sempre à disposição, tem um cantinho com Matemática... Pronto, tem uma sala organizada de uma forma diferente que eu pessoalmente não posso ter, pois chega a

uma hora e tenho de arrumar tudo. Não posso ter os materiais experimentais sempre montados, as balanças, pois está fechado no armário e vai-se buscar. Acaba por se reduzir muito a questão de autonomia dos alunos, nomeadamente no tempo de P.I.T.

Por fim, se calhar ligado um pouco à turma em si, como caracteriza em termos gerais a turma?

Entrevistado M – A turma tem vinte e seis meninos, tem treze rapazes e treze raparigas. Portanto a esse nível está muito equilibrada. Alguns meninos que entraram com cinco anos na escola, que são mais novos e que só fizeram os seis anos já no final de setembro/outubro/novembro/dezembro. Em alguns nota-se de facto que existe uma maturidade diferente do que outros.

Eu acho que é uma turma com quem se trabalha muito bem, tem miúdos muito muito interessantes e muito interessados. Constantemente a questionarem muito as coisas. Eu acho que a última turma com que se trabalha é sempre melhor que a anterior, mas se calhar não é, porque naquele momento estou mais ligada afetivamente aquela turma.

Existem casos de meninos hiperativos, no sentido de muito dinâmicos, não no conceito médico de hiperativo. Precisam muitas vezes de chamar a atenção, que é preciso controlar e regular os comportamentos. Existe uma diferença abismal de como muitos aprendem, sobretudo na rapidez com que aprendem e outros nem tanto. Mas pronto, o conhecimento é assim, faz-se com a integração de todos os meninos. Às vezes os professores consideram que isso é uma maçada, mas é porque ensinam a turma como se fosse só um, mas aliás estão ali vinte e seis pessoas, mas é sempre desafiante.

É um ano um bocadinho parvo, porque eles já não são bem pequeninos, mas também não são bem grandes, portanto é muito aquela idade em que muitos têm a mania que sabem tudo, que já querem mandar, mas isso é característico. É um programa muito vasto, com conceitos muito abstratos, muito pouco atualizados, por exemplo no Estudo do Meio. Portanto é preciso arranjar sempre estratégias de projetos, de intervenções, de recursos, que permitam este equilíbrio entre a vida real e o que é escolarizado.

Bloco II

Relativamente ao Bloco II, o trabalho em sala de aula, gostaria que a professora, se possível, me conseguisse caracterizar como se dividem as rotinas quanto aos alunos, à professora e aos pais. Aquilo que é pedido por si e ao que observa que os alunos fazem, quanto ao P.I.T. (estrutura física) e o que daí advém).

Entrevistado M – Pronto, então antes de falar do PIT, que vamos chamar sempre de P.I.T., não é? Porque é mais económico na escrita... Temos de partir do conselho.

E o que é o conselho? O conselho de turma, que já se chamou assembleia de turma, é feito à segunda-feira, logo que chegamos. Faz parte daquilo a que podíamos chamar de Formação Cívica. É do Conselho que parte toda a semana.

Porquê? Porque no conselho planificamos as nossas rotinas. Temos um horário e planificamos as nossas rotinas. Já sabemos que à segunda-feira temos a Educação Física, que temos o conselho, a comunicação de produções, o Estudo Meio e depois a Matemática e fazemos a rotina de toda a semana.

O que é que vamos fazer no Conselho? Vamos encher estas áreas de conteúdos. Portanto nós combinamos aquilo que vamos trabalhar durante a semana.

Então no Estudo do Meio... O que vamos trabalhar esta semana? Que projetos vamos ter? Quais são os conteúdos? Quais são os temas? Planificamos em função daquilo que foi ou não feito na semana anterior.

Imaginemos que nós tínhamos planificado e já tem acontecido algumas tarefas do Estudo do Meio. Depois aparece alguma saída, em que foi alterado o dia ou alguma instituição que vem à escolar falar sobre determinado assunto e por isso não cumprimos aquilo que tínhamos em termos de conteúdos. Planificamos sempre, novamente esse conteúdo.

Então o Conselho de Turma tem planificação, tem a avaliação e mudança de tarefas. Portanto todos os alunos têm responsabilidades, desde de marcar o leite consumido, distribuir materiais, realizar os trabalhos de casa, realizar as correções de trabalho, porque todos os dias é um que faz em coletivo, distribuir materiais e fazer um registo da água, porque é um projeto que temos sobre a medida do contador da água. Distribuir a fruta, fazer a limpeza das mesas, apagar o quadro, portanto são tarefas de todos. Tem o presidente, que faz a gestão do conselho e o secretário que o ajuda. A função do secretário também é apoiar os meninos que na comunicação comunicam

coisas através de *powerpoints*. Portanto, como o computador não está ao pé do ecrã, eles fazem sinal ao secretário e o secretário vai passando. Portanto, planificação e tarefas.

Portanto, outra função do Conselho é que nós vamos gerindo quem é que apoia quem. Isso está escrito nas atas. Vamos gerindo, por exemplo, se a Leonor fica ao pé da Beatriz. Nessa semana a Leonor ajuda a Beatriz na resolução das tarefas.

Para quê? Para me disponibilizar a mim para apoiar outros meninos que têm de ter um apoio mais especializado da professora e não tanto de colegas.

Temos mais o que no Conselho? Temos os projetos, como o andamento em que estão os projetos, se eles têm feito individuais ou fazem a meias. Se fazem em grupo, etc. e temos também o P.I.T. (PIT).

O que é que temos de PIT? Vamos avaliar/ver como o PIT correu na semana anterior, depois de eles avaliarem, depois dos pais avaliarem, depois de eu avaliar. Às vezes os pais dão sugestões, de um modo geral, pela positiva (muito bem, esforçaste-te, cumpriste o PIT e tal). Eu dou sugestões muito concretas. Por exemplo, podias trabalhar mais, estás com algumas dificuldades nas operações, podias levar ficheiros com as operações para casa, atenção que marcaste coisas, mas que depois não marcaste.

Tem de haver alguma seriedade, porque o que é que eles fazem no PIT? Eles propõem-se a algumas tarefas de resolução de ficheiros, de leituras, de coisas que têm a ver com o funcionamento da língua, de estudo. Portanto, o que tem a ver com o Estudo do Meio. Fazer projetos, interagir com a turma, por exemplo através do blogue e então a utilização das tecnologias da informação e comunicação. O trabalho nos Magalhães. Pronto, quer dizer, é um leque muito grande de áreas curriculares/disciplinares, mas também não disciplinares, não é? Portanto é mais ou menos esta rotina.

O meu papel é de apoiar, supervisionar. Tentando fazer a supervisão, sempre tentando não controlar, para que eles fiquem cada vez mais autónomos, embora alguns meninos não seja possível trabalharem muito de forma autónoma.

Às vezes eu digo «pronto, vou-me armar em polícia, tirei o curso de professora, mas agora vou ser polícia». Então vou de mesa em mesa quase policiar. Não gosto muito de fazer isso, mas às vezes a pessoa tem que fazer, mas eles percebem que eu não gosto de fazer.

O meu papel nas rotinas do PIT é propor. É mudar os ficheiros. Como estamos a trabalhar conteúdos diferentes, os ficheiros são diferentes. Portanto vamos transformar os ficheiros em autocorretivos, de forma a que eles de forma autónoma realizem e vão verificar.

O papel deles é planificar, tendo em conta as dificuldades, executar e avaliar.

O dos pais, de certa forma é acompanhar.

Não sei se te respondi.

Sim

Entrevistado M – Quais são os instrumentos que eu utilizo? Portanto, é a folha de registo do PIT, que vai sendo alterado na forma. Tem uma matriz mais ou menos comum, mas que vai sendo alterada conforme, também eles às vezes dizem «Gena devíamos por aqui no PIT cópias», não é? Então há sempre uma linha em branco, que eles podem colocar outras atividades que fazem. Então agora estamos a trabalhar as conversões, porque não colocamos no PIT as conversões e vamos gerindo. Não tem sempre a mesma **estrutura**.

Começámos este ano, de uma forma mais rigorosa, com um PIT que eles registavam, por exemplo em dezembro, que foi um PIT de quinze dias e outro PIT de quinze dias, mas com o mesmo registo. Portanto vamos aferindo isso, mais ou menos. É no Conselho que vemos essas alterações.

Alguns colegas do Movimento têm o PIT um bocadinho diferente. Muito muito elaborado, muito cheio, onde têm também o que eles realizam em comum, o que realizam em particular, em turma, mas eu acho que para alguns meninos e tendo em conta alguns meninos da turma é muito complicado, mas eu posso fornecer esse PIT. É muito denso e tem tudo da vida da turma.

É muito interessante, mas é muito denso. Para alguns meninos, dois ou três ali ainda se perdem um bocadinho. Marco, não marco ou faço, não faço.

Bloco III

Relativamente a estes aspetos, referidos nos Blocos I e II, não sei se quer acrescentar algo que seria interessante.

Entrevistado M – Eu só quero dizer que o PIT acaba por funcionar um pouco como instrumento de pilotagem e como instrumento de auto e hétero avaliação e de auto e hétero correção. Uma vez que eles têm o feedback deles próprios, o que fizeram,

propuseram-se realizar determinadas tarefas. Se conseguiram ou não conseguiram e porquê.

Porque a avaliação tem sempre a vertente se foi cumprido ou não foi cumprido e depois porquê. Por acaso o PIT que temos agora em uso tem isso. Porquê? Ou porque não houve tempo, a questão do tempo é sempre muito polémica.

Porquê? Porque todos os dias eles têm momento de PIT na aula. Ou têm uma hora ou uma hora e um quarto ou três quartos de hora. Geralmente é por volta de uma hora. Depois eles podem fazer o PIT na aula, se quiserem podem levar para o A. T. L., porque às vezes à tarefas de casa ou para o A. T. L. ou para casa. Portanto podem levar ficheiros, podem trabalhar em coisas que não sejam preciso ficheiros. Por exemplo, estudar a tabuada, levar os manuais para estudar.

Portanto o PIT acaba por ser um instrumento também de autorregulação do próprio conhecimento. Do trabalho curricular que se fez na aula. Quando eu digo «tu deves investir mais na ortografia, porque estás a trocar». Eles têm uma capa de ortografia onde têm os casos todos de leitura, as trocas todas, os brs, os trs, os vrs, os drzs, aquilo tudo.

Olha é um trabalho muito cirúrgico, não é? Não interessa a todos os meninos fazer aqueles ficheiros, interessa aos meninos que fazem as trocas. Quando eu digo «tu deves escrever números, porque trocas a escrita de números por ordens e por classes». Se calhar os ficheiros de escrita de números não interessam ao menino a, b ou c, mas interessam ao f ou g.

De certa forma PIT acaba por ser também uma mais valia para os meninos. Para eles aferirem aquilo que precisam mais de trabalhar. Claro que nós adultos se sabemos que temos um trabalho para entregar para semana, sabemos que no início da semana dá para fazer e alguns meninos acabam por fazer isso.

Supostamente a lógica das rotinas era semanal, mas como no 3.º ano existem muitos conteúdos novos, nos quais temos de estar em coletivo a trabalhar esses conteúdos novos, a fazer apresentações em grupo. O trabalho individual fica para quinze dias. Alguns meninos como têm quinze dias para o PIT, na primeira semana não trabalham muito e a última é a muito atribulada. Às vezes na avaliação eu ponho «utiliza melhor o trabalho em sala de aula, porque se utilizares melhor o trabalho em sala de aula acabas por ter uma segunda semana com menos stress».

A leitura, por exemplo, não precisa de fazer na escola, obras completas podem ler durante a semana. Depois têm um guião próprio para registar.

Quando eu digo para terem atenção à ortografia ou quando eu digo parabéns pelo teu trabalho, por seres organizada ou organizado. A turma toda verifica que tens evoluído. Ou quando eu digo como é possível teres marcado três reescritas de texto, quando não planificaste escrever, não é?

Dá trabalho, dá! Temos de ter a sala organizada na perspetiva dos alunos e não na perspetiva com o manualzinho, que toda a gente faz a página quinze e depois passa para a página dezoito e depois passa para a dezanove. Não! Dá trabalho!

É a aula e o trabalho curricular organizado de forma a atender todas as diferenças que a turma tem. A mim pessoalmente também é isso que me dá muito prazer.

Pronto, queria-lhe agradecer pelo seu tempo.

Entrevistado M – Muito obrigada

Anexo 15 – Entrevista à professora cooperante

[Após a autorização da professora cooperante para gravar, demos início à mesma]

Desde já queria-lhe agradecer pelo tempo que vai ocupar e queria também agradecer pelo material dispensado para a gravação desta entrevista, visto ter tido alguns problemas técnicos com o meu gravador.

Inserido no tema «A regulação cooperada das aprendizagens» e com a intenção de atingir os objetivos propostos. Nomeadamente caracterizar o ambiente educativo e procurar entender como a professora cooperante faz uso do PIT, com a intenção dos alunos e alunas, através da auto e hétero correção desenvolverem as suas competências avaliativas, gostaria de realizar esta entrevista.

A entrevista será dividida em três blocos. O primeiro é sobre questões pessoais, no sentido de entender a visão da professora, quanto ao ambiente educativo. Depois segue-se um bloco sobre o trabalho curricular dentro da sala de aula. Por fim um bloco sobre comentários e opiniões que queira sempre referir e que sejam ligados aos assuntos falados nos blocos anteriores.

Bloco I

O primeiro bloco tem como objetivos conhecer o percurso profissional da professora cooperante, eventualmente ligado a este assunto alguma questão sobre si própria, que ache que é importante referir e como segundo objetivo surge a necessidade de conhecer o ambiente educativo, visto «aos seus olhos», que certamente terá por base muito boas evidências.

Entrevistado M – Então também agradeço a colaboração, porque é sempre bom refletirmos sobre o nosso trabalho. Sou professora desde outubro de 1980. Sempre tenho trabalhado no 1.º ciclo, com algumas abordagens com a Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve. Tive algum tempo fora da escola, porque estive no Secretariado Nacional da Educação Cristã e depois na Direção Regional de Educação, nos Serviços Técnico-pedagógicos.

Gosto muito de trabalhar com «gente pequena», com o 1.º ciclo muito em particular e com «gente grande», como vocês alunos em formação inicial.

Sobre o ambiente educativo eu não posso deixar de falar no ambiente educativo, sem falar no Movimento da Escola Moderna, porque a forma como eu trabalho e organizo em sala de aula tem a ver com o Movimento da Escola Moderna. Eu conheço o Movimento da Escola Moderna desde a minha formação inicial. Não só porque a minha sogra já pertencia ao Movimento da Escola Moderna e sempre foi professora do Movimento da Escola Moderna. Estagiei numa sala de uma professora simpatizante do Movimento da Escola Moderna, depois trabalhei nas escolas anexas ao Magistério, como professora convidada e sempre desenvolvi o trabalho com base no Movimento de Escola Moderna.

O que eu posso dizer sobre estas questões pessoais ligadas a esta questão do Movimento de Escola Moderna... Que encaro o Movimento da Escola Moderna pela forma como uma estratégia preciosa no trabalho na escola. A formação de professores encaro como uma forma de refletir práticas de ensino e de refletir na perspetiva sempre da aprendizagem não na perspetiva do ensino.

A grande diferença do ambiente educativo de algumas salas para outras é o centrar no aluno, o trabalhar com o aluno, o dividir o espaço, instrumentos, planificação e avaliação com os alunos. O ambiente educativo é organizado em função dos alunos e não em função do ensino do professor.

E acaba por existir uma democracia não é?

Entrevistado M – Eu diria democracia, mas de uma forma mais lata. As questões de cidadania, nomeadamente de participação democrática e as questão de não ser por representatividade, mas por participação direta, como por exemplo no Conselho de Turma. A questão dos consensos e menos de eleições. Pronto, são as questões da cidadania. Podemos pensar na turma como uma organização micro. Depois pensar em termos da escola, a relação entre pares dos professores num sistema um bocadinho mais alargado e depois se calhar em termos do sistema, da coordenação, do agrupamento, que acaba por ser um sistema um bocadinho mais meso, partindo assim do particular para o geral, nesta estrutura relacional do ambiente educativo.

Em termos de questões pessoais, sempre tive a «sorte» de os meus filhos estarem sempre em turmas em que os professores também eram da Escola Moderna. Isso também permitiu, com pessoas diferentes, descobrir outras formas de trabalhar e uma aprendizagem importante como mãe, mas simultaneamente como professora. O mais

velho esteve com a Professora Odete, que é uma pessoa das mais antigas do Movimento no Algarve e os outros sempre com professoras do Movimento.

Voltando só um bocadinho atrás, até agora tem descrito um pouco o seu percurso, quanto ao Movimento da Escola Moderna, mas acho que também seria interessante falar um pouco das vantagens e da gratificação que lhe dá a si. Em contrapartida seria importante referir as dificuldades que tem sentido e aqui queria que se incidisse na profissão em si, ao nível do que faz. Depois também ao nível do sistema escolar, em termos de organização. As dificuldades que sente.

Entrevistado M – Pois isso é sempre complicado. É assim... Ao nível das dificuldades, nós professores, podemos enumerar muitas dificuldades. Umas que nos são externas, a quantidade de reuniões, documentos, papéis, registos, que a escola nos propõe (obrigada) a fazer. Quanto a isso não podemos fugir, porque o 1.º ciclo está muito disciplinarizado. No princípio do ano temos cada vez mais de estabelecer uma proposta de horário e isso obriga-nos a trabalhar de uma forma um bocadinho diferente com meninos tão pequenos e muito mais parecida com o 2.º ciclo. Não estou a dizer que é melhor ou pior, estou a dizer que é diferente sendo um professor de regime monodocência. Acho que algumas coisas não justificam esta divisão. A necessidade de criar um horário, a necessidade de cumprir tempos. Umas horas para Língua Portuguesa, outras tantas para a Matemática, até porque há trabalhos que fazemos a Língua Portuguesa que servem a Estudo do Meio, como existem trabalhos/relatórios que fazemos a Estudo do Meio que servem para a Língua Portuguesa. A Matemática também fazemos a comunicação de coisas ligadas ao raciocínio matemático que servem para Língua Portuguesa. Portanto há aqui uma divisão de conteúdos, quando o próprio programa do 1.º ciclo...

Outra dificuldade, eu não vou dizer que as turmas heterogéneas... eu acho que as turmas heterogéneas são uma riqueza, embora existam alunos que avancem muito, enquanto outros nem tanto... Isso é uma riqueza. Não vou dizer o número elevado de alunos por turma. Eu tenho vinte e seis, por exemplo. Não se trabalha com a mesma qualidade do que se tivesse uma turma com vinte, é diferente, mas pronto, temos de arranjar estratégias para acolher todos e para que todos se desenvolvam. As escolas não têm verbas e têm relativa pouca autonomia, com o que tinham há meia dúzia de anos. A questão de termos de ir, estar a trabalhar em agrupamentos, o que se aproxima agora de

mega agrupamentos, perdemos um bocadinho a nossa entidade como escola. Isso às vezes para mim é um bocadinho difícil de entender, mas tenho de aceitar.

Não tenho dificuldades em trabalhar com colegas, embora trabalhem de forma diferente, de modos diferentes de encarar os alunos e a escola, mas isso também é positivo, não é? Porque não pensamos todos da mesma maneira.

Também não tenho dificuldades em trabalhar com os pais. Sempre considerei que são os maiores aliados que temos não é? Alguns de nós temos os miúdos mais tempo que os próprios pais, meninos que entram às 8:00 na escola, que almoçam na escola, que após a escola vão para o A.T.L., que veem os pais no final do dia, seja em situação de turma, seja em situação de A.T.L., alguns professores estão mais tempo com os meninos do que os pais. Acho que são sempre uns bons aliados e tenho sempre bons colaboradores, pessoas que questionam (o que é muito bom). Por exemplo, agora temos um projeto com os pais em que semanalmente os pais trabalham com a turma. Já trabalharam xadrez, orientação pela bussola, escrita criativa. Portanto isso são maneiras dos professores do movimento seguirem a filosofia de encarar as questões de participação dos pais.

A escola onde trabalha tem uma característica muito especial, em que turmas do mesmo ano estão praticamente ligadas. Acha que isso potencia o desenvolvimento dos alunos?

Entrevistado M – Eu acho que isso podia ser uma mais valia. Já foi mais. Quando trabalhei com alguns colegas interagíamos muito mais do que interagimos agora, mas também compreendo que as turmas cada vez têm mais alunos. Quando nós juntamos duas turmas, nós ficamos com cinquenta alunos. Acaba também por... quando podíamos ficar com trinta e nove, agora ficamos com mais. E também depende da pessoa que está a trabalhar ao nosso lado no núcleo. Já interagi mais, com muita qualidade, trocávamos inclusivamente alunos, trabalhávamos experiências muito interessantes.

Eu pensava que te ias referir ao horário, porque nós temos regime duplo, não é? Temos duplo da manhã e duplo da tarde, portanto não podemos ter montado na sala, como alguns colegas do Movimento, que trabalham em regime normal. Tem os ficheiros sempre à disposição, tem um cantinho com Matemática... Pronto, tem uma sala organizada de uma forma diferente que eu pessoalmente não posso ter, pois chega a

uma hora e tenho de arrumar tudo. Não posso ter os materiais experimentais sempre montados, as balanças, pois está fechado no armário e vai-se buscar. Acaba por se reduzir muito a questão de autonomia dos alunos, nomeadamente no tempo de P.I.T.

Por fim, se calhar ligado um pouco à turma em si, como caracteriza em termos gerais a turma?

Entrevistado M – A turma tem vinte e seis meninos, tem treze rapazes e treze raparigas. Portanto a esse nível está muito equilibrada. Alguns meninos que entraram com cinco anos na escola, que são mais novos e que só fizeram os seis anos já no final de setembro/outubro/novembro/dezembro. Em alguns nota-se de facto que existe uma maturidade diferente do que outros.

Eu acho que é uma turma com quem se trabalha muito bem, tem miúdos muito muito interessantes e muito interessados. Constantemente a questionarem muito as coisas. Eu acho que a última turma com que se trabalha é sempre melhor que a anterior, mas se calhar não é, porque naquele momento estou mais ligada afetivamente aquela turma.

Existem casos de meninos hiperativos, no sentido de muito dinâmicos, não no conceito médico de hiperativo. Precisam muitas vezes de chamar a atenção, que é preciso controlar e regular os comportamentos. Existe uma diferença abismal de como muitos aprendem, sobretudo na rapidez com que aprendem e outros nem tanto. Mas pronto, o conhecimento é assim, faz-se com a integração de todos os meninos. Às vezes os professores consideram que isso é uma maçada, mas é porque ensinam a turma como se fosse só um, mas aliás estão ali vinte e seis pessoas, mas é sempre desafiante.

É um ano um bocadinho parvo, porque eles já não são bem pequeninos, mas também não são bem grandes, portanto é muito aquela idade em que muitos têm a mania que sabem tudo, que já querem mandar, mas isso é característico. É um programa muito vasto, com conceitos muito abstratos, muito pouco atualizados, por exemplo no Estudo do Meio. Portanto é preciso arranjar sempre estratégias de projetos, de intervenções, de recursos, que permitam este equilíbrio entre a vida real e o que é escolarizado.

Bloco II

Relativamente ao Bloco II, o trabalho em sala de aula, gostaria que a professora, se possível, me conseguisse caracterizar como se dividem as rotinas quanto aos alunos, à professora e aos pais. Aquilo que é pedido por si e ao que observa que os alunos fazem, quanto ao P.I.T. (estrutura física) e o que daí advém).

Entrevistado M – Pronto, então antes de falar do PIT, que vamos chamar sempre de P.I.T., não é? Porque é mais económico na escrita... Temos de partir do conselho.

E o que é o conselho? O conselho de turma, que já se chamou assembleia de turma, é feito à segunda-feira, logo que chegamos. Faz parte daquilo a que podíamos chamar de Formação Cívica. É do Conselho que parte toda a semana.

Porquê? Porque no conselho planificamos as nossas rotinas. Temos um horário e planificamos as nossas rotinas. Já sabemos que à segunda-feira temos a Educação Física, que temos o conselho, a comunicação de produções, o Estudo Meio e depois a Matemática e fazemos a rotina de toda a semana.

O que é que vamos fazer no Conselho? Vamos encher estas áreas de conteúdos. Portanto nós combinamos aquilo que vamos trabalhar durante a semana.

Então no Estudo do Meio... O que vamos trabalhar esta semana? Que projetos vamos ter? Quais são os conteúdos? Quais são os temas? Planificamos em função daquilo que foi ou não feito na semana anterior.

Imaginemos que nós tínhamos planificado e já tem acontecido algumas tarefas do Estudo do Meio. Depois aparece alguma saída, em que foi alterado o dia ou alguma instituição que vem à escolar falar sobre determinado assunto e por isso não cumprimos aquilo que tínhamos em termos de conteúdos. Planificamos sempre, novamente esse conteúdo.

Então o Conselho de Turma tem planificação, tem a avaliação e mudança de tarefas. Portanto todos os alunos têm responsabilidades, desde de marcar o leite consumido, distribuir materiais, realizar os trabalhos de casa, realizar as correções de trabalho, porque todos os dias é um que faz em coletivo, distribuir materiais e fazer um registo da água, porque é um projeto que temos sobre a medida do contador da água. Distribuir a fruta, fazer a limpeza das mesas, apagar o quadro, portanto são tarefas de todos. Tem o presidente, que faz a gestão do conselho e o secretário que o ajuda. A função do secretário também é apoiar os meninos que na comunicação comunicam

coisas através de *powerpoints*. Portanto, como o computador não está ao pé do ecrã, eles fazem sinal ao secretário e o secretário vai passando. Portanto, planificação e tarefas.

Portanto, outra função do Conselho é que nós vamos gerindo quem é que apoia quem. Isso está escrito nas atas. Vamos gerindo, por exemplo, se a Leonor fica ao pé da Beatriz. Nessa semana a Leonor ajuda a Beatriz na resolução das tarefas.

Para quê? Para me disponibilizar a mim para apoiar outros meninos que têm de ter um apoio mais especializado da professora e não tanto de colegas.

Temos mais o que no Conselho? Temos os projetos, como o andamento em que estão os projetos, se eles têm feito individuais ou fazem a meias. Se fazem em grupo, etc. e temos também o P.I.T. (PIT).

O que é que temos de PIT? Vamos avaliar/ver como o PIT correu na semana anterior, depois de eles avaliarem, depois dos pais avaliarem, depois de eu avaliar. Às vezes os pais dão sugestões, de um modo geral, pela positiva (muito bem, esforçaste-te, cumpriste o PIT e tal). Eu dou sugestões muito concretas. Por exemplo, podias trabalhar mais, estás com algumas dificuldades nas operações, podias levar ficheiros com as operações para casa, atenção que marcaste coisas, mas que depois não marcaste.

Tem de haver alguma seriedade, porque o que é que eles fazem no PIT? Eles propõem-se a algumas tarefas de resolução de ficheiros, de leituras, de coisas que têm a ver com o funcionamento da língua, de estudo. Portanto, o que tem a ver com o Estudo do Meio. Fazer projetos, interagir com a turma, por exemplo através do blogue e então a utilização das tecnologias da informação e comunicação. O trabalho nos Magalhães. Pronto, quer dizer, é um leque muito grande de áreas curriculares/disciplinares, mas também não disciplinares, não é? Portanto é mais ou menos esta rotina.

O meu papel é de apoiar, supervisionar. Tentando fazer a supervisão, sempre tentando não controlar, para que eles fiquem cada vez mais autónomos, embora alguns meninos não seja possível trabalharem muito de forma autónoma.

Às vezes eu digo «pronto, vou-me armar em polícia, tirei o curso de professora, mas agora vou ser polícia». Então vou de mesa em mesa quase policiar. Não gosto muito de fazer isso, mas às vezes a pessoa tem que fazer, mas eles percebem que eu não gosto de fazer.

O meu papel nas rotinas do PIT é propor. É mudar os ficheiros. Como estamos a trabalhar conteúdos diferentes, os ficheiros são diferentes. Portanto vamos transformar os ficheiros em autocorretivos, de forma a que eles de forma autónoma realizem e vão verificar.

O papel deles é planificar, tendo em conta as dificuldades, executar e avaliar.

O dos pais, de certa forma é acompanhar.

Não sei se te respondi.

Sim

Entrevistado M – Quais são os instrumentos que eu utilizo? Portanto, é a folha de registo do PIT, que vai sendo alterado na forma. Tem uma matriz mais ou menos comum, mas que vai sendo alterada conforme, também eles às vezes dizem «Gena devíamos por aqui no PIT cópias», não é? Então há sempre uma linha em branco, que eles podem colocar outras atividades que fazem. Então agora estamos a trabalhar as conversões, porque não colocamos no PIT as conversões e vamos gerindo. Não tem sempre a mesma **estrutura**.

Começámos este ano, de uma forma mais rigorosa, com um PIT que eles registavam, por exemplo em dezembro, que foi um PIT de quinze dias e outro PIT de quinze dias, mas com o mesmo registo. Portanto vamos aferindo isso, mais ou menos. É no Conselho que vemos essas alterações.

Alguns colegas do Movimento têm o PIT um bocadinho diferente. Muito muito elaborado, muito cheio, onde têm também o que eles realizam em comum, o que realizam em particular, em turma, mas eu acho que para alguns meninos e tendo em conta alguns meninos da turma é muito complicado, mas eu posso fornecer esse PIT. É muito denso e tem tudo da vida da turma.

É muito interessante, mas é muito denso. Para alguns meninos, dois ou três ali ainda se perdem um bocadinho. Marco, não marco ou faço, não faço.

Bloco III

Relativamente a estes aspetos, referidos nos Blocos I e II, não sei se quer acrescentar algo que seria interessante.

Entrevistado M – Eu só quero dizer que o PIT acaba por funcionar um pouco como instrumento de pilotagem e como instrumento de auto e hétero avaliação e de auto e hétero correção. Uma vez que eles têm o feedback deles próprios, o que fizeram,

propuseram-se realizar determinadas tarefas. Se conseguiram ou não conseguiram e porquê.

Porque a avaliação tem sempre a vertente se foi cumprido ou não foi cumprido e depois porquê. Por acaso o PIT que temos agora em uso tem isso. Porquê? Ou porque não houve tempo, a questão do tempo é sempre muito polémica.

Porquê? Porque todos os dias eles têm momento de PIT na aula. Ou têm uma hora ou uma hora e um quarto ou três quartos de hora. Geralmente é por volta de uma hora. Depois eles podem fazer o PIT na aula, se quiserem podem levar para o A. T. L., porque às vezes à tarefas de casa ou para o A. T. L. ou para casa. Portanto podem levar ficheiros, podem trabalhar em coisas que não sejam preciso ficheiros. Por exemplo, estudar a tabuada, levar os manuais para estudar.

Portanto o PIT acaba por ser um instrumento também de autorregulação do próprio conhecimento. Do trabalho curricular que se fez na aula. Quando eu digo «tu deves investir mais na ortografia, porque estás a trocar». Eles têm uma capa de ortografia onde têm os casos todos de leitura, as trocas todas, os brs, os trs, os vrs, os drzs, aquilo tudo.

Olha é um trabalho muito cirúrgico, não é? Não interessa a todos os meninos fazer aqueles ficheiros, interessa aos meninos que fazem as trocas. Quando eu digo «tu deves escrever números, porque trocas a escrita de números por ordens e por classes». Se calhar os ficheiros de escrita de números não interessam ao menino a, b ou c, mas interessam ao f ou g.

De certa forma PIT acaba por ser também uma mais valia para os meninos. Para eles aferirem aquilo que precisam mais de trabalhar. Claro que nós adultos se sabemos que temos um trabalho para entregar para semana, sabemos que no início da semana dá para fazer e alguns meninos acabam por fazer isso.

Supostamente a lógica das rotinas era semanal, mas como no 3.º ano existem muitos conteúdos novos, nos quais temos de estar em coletivo a trabalhar esses conteúdos novos, a fazer apresentações em grupo. O trabalho individual fica para quinze dias. Alguns meninos como têm quinze dias para o PIT, na primeira semana não trabalham muito e a última é a muito atribulada. Às vezes na avaliação eu ponho «utiliza melhor o trabalho em sala de aula, porque se utilizares melhor o trabalho em sala de aula acabas por ter uma segunda semana com menos stress».

A leitura, por exemplo, não precisa de fazer na escola, obras completas podem ler durante a semana. Depois têm um guião próprio para registar.

Quando eu digo para terem atenção à ortografia ou quando eu digo parabéns pelo teu trabalho, por seres organizada ou organizado. A turma toda verifica que tens evoluído. Ou quando eu digo como é possível teres marcado três reescritas de texto, quando não planificaste escrever, não é?

Dá trabalho, dá! Temos de ter a sala organizada na perspetiva dos alunos e não na perspetiva com o manualzinho, que toda a gente faz a página quinze e depois passa para a página dezoito e depois passa para a dezanove. Não! Dá trabalho!

É a aula e o trabalho curricular organizado de forma a atender todas as diferenças que a turma tem. A mim pessoalmente também é isso que me dá muito prazer.

Pronto, queria-lhe agradecer pelo seu tempo.

Entrevistado M – Muito obrigada

Anexo 17 - Entrevista ao encarregado X

[Após a autorização para gravar, demos início à mesma]

Queria-lhes agradecer por terem vindo cá e por ter tido a disponibilidade para a realização desta entrevista. Peço desculpa por ter sido agendada apenas para o último dia de aulas, mas foi necessário pedir autorizações. Neste sentido vamos proceder ao início desta entrevista.

Como objetivo desta entrevista surge a necessidade de procurar entender a perspetiva dos encarregados de educação, quanto ao uso do PIT com os seus educandos.

A entrevista será dividida em dois blocos, o primeiro incide no trabalho do PIT e o segundo destina-se a aspetos que o entrevistado pode considerar como importantes a serem referidos. Assim, passaremos então à entrevista, mais propriamente dita.

Como primeira questão, gostaria de saber quais são as suas rotinas relativamente ao PIT.

Encarregado X – O PIT é algo familiar lá em casa. É uma coisa que sempre existiu. Portanto, a partir de uma certa altura, mesmo já com as irmãs, as professoras falaram-nos do PIT e apresentaram-nos como sendo um instrumento natural para os meninos. O PIT nunca nos apareceu como sendo uma coisa estranha, ou seja, apareceu-nos sempre como algo a que nos fomos familiarizando.

A minha relação com o PIT do meu educando tem a ver com o próprio educando, pois acaba por ser um bocadinho diferente daquela que tive de ter com as irmãs dele. Eu acho que o PIT acaba por ganhar o «rostro» que eles lhe dão e tem a ver um bocado com eles próprios. Essencialmente para responder à sua pergunta, como eu me relaciono com o PIT... Assumindo como um instrumento de trabalho do meu educando e procuro gerir um pouco na retaguarda. Com as irmãs deixava muito serem elas a fazer, mas com o meu educando foi diferente. Tive de, na retaguarda ajudá-lo por vezes, mas chegou a certa altura em que pensei que o PIT é dele, portanto deixo que ele faça, mesmo correndo o risco de às vezes ele não o cumprir. Essencialmente a minha relação é de supervisão, mas mais na retaguarda.

Queria também saber se me pode dar exemplos concretos do trabalho do seu educando, quanto ao trabalho do PIT, em que se notou que este trabalho foi importante e de que forma o seu educando conseguiu cumprir os objetivos propostos com o PIT.

Encarregado X - Quando falo do PIT lá em casa, centro-me mais na disciplina que o PIT pode inculcar e os propósitos que o PIT lhe pode inculcar, mais do que propriamente no objetivo daquele PIT. Assumo mais o PIT como instrumento para que ele se discipline. Agora de facto gosto que o meu educando atinga aquilo a que se propôs, pois isso é o principal, até mais do que o objetivo específico nesta área e naquela. Mas com o meu educando procuro ver com ele o que ele propõe de forma a gerir o tempo. Por vezes ele propunha coisas que gostava mais do que aquelas que gostava menos, então eu dizia-lhe que assim não podia ser. No essencial acho que o PIT é um instrumento muito interessante para eles se disciplinarem, porque permite que eles tentem gerir as coisas.

Eu acho que o PIT é um instrumento que deve ser trabalhado a três, a professora, a criança e os pais. Não sei se estou a dizer uma coisa muito errada, mas acho que seria muito difícil que uma criança por si só conseguisse gerir as suas coisas, portanto tem de haver aqui uma triangulação.

Acha que o PIT é eficaz para que eles tomem consciência do que precisam de melhorar?

Encarregado X - Eu acho que sim, se for um instrumento apresentado aos pais de forma a que eles o intendam e se for um instrumento trabalhado todos os dias na sala de aula. Penso que este trabalho está muito dependente do professor senão acaba por ser um instrumento que existe por si só. Acho que tem de ser um instrumento muito dinâmico e feito diariamente, para eles assumirem aquilo mesmo como uma tarefa. Se for assim acho que é eficaz.

Muito obrigado pelo seu tempo despendido. Certamente servirá para eu retirar desta entrevista boas conclusões.

Anexo 18 - Entrevista ao encarregado Z

[Após a autorização para gravar, demos início à mesma]

Queria agradecer por ter vindo. É sempre com enorme alegria que entro em contacto com encarregados de educandos de alunos com quem trabalhei.

Como objetivo desta entrevista surge a necessidade de procurar entender a perspetiva dos encarregados de educação, quanto ao uso do PIT com os seus educandos.

A entrevista será dividida em dois blocos, o primeiro incide no trabalho do PIT e o segundo destina-se a aspetos que o entrevistado pode considerar como importantes a serem referidos. Assim, passaremos então à entrevista, mais propriamente dita.

Quais são as rotinas, quanto ao trabalho do PIT, levadas a cabo pela família do educando?

Encarregado Z – Como tenho uma filha mais velha o PIT não é novo para mim, mas com ela tinha uma forma de executar diferente, porque no caso dela o PIT era todo feito em casa. No caso da Gena é feito de forma diferente. Ele é autónomo para saber o que faz na escola. Pode escolher se faz na escola ou no ATL. No caso da filha ela só tinha uma leitura obrigatória, mas com a Gena eles podem escolher.

Em termos de tempo antes o PIT era semanal, mas agora passou a ser quinzenal. Eles também têm uma leitura, mas não faz parte do PIT. A irmã tinha de fazer uma descrição da leitura, mas ele não.

Em relação a ele, tenho a dizer que sou muito fã do PIT. Para já, porque não é só aquilo que aprende, mas porque é bom planear, executar e avaliar e é isso que o PIT faz. Por outro lado ajuda-me a perceber e a estar mais com ele e ajuda-o a tornar-se mais autónomo. Antigamente eu tinha de o acompanhar mais do que agora na parte da execução.

No planear também ganhou um bocadinho mais de autonomia, porque antes ele planeava muitos desenhos e depois ele próprio percebeu que eram mais do que era necessário. Depois ele fazia as fichas e acabava por não tempo para pintar os desenhos, levando-o a pintar à pressa. Por isso acabou por perceber por ele próprio que não devia

planear tantos desenhos, apesar destes também serem muito importantes, mas não é aquilo que ele tem de trabalhar mais.

O que é que acontecia? Ele planeava e acabava por fazer demais, porque ele queria à força terminar o tinha planeado e acabava por ter mais dificuldades em terminar o que tinha proposto. Neste momento ele já tem essa autonomia, escolhe a quantidade de coisas. Entretanto, consoante vai fazendo coisas, tem mais vontade de fazer mais. E o espírito competitivo acaba por surgir com os colegas, mas é uma competição saudável. Isso leva a que tente fazer mais coisas, mas o que importa não é quem faz mais, mas sim os indicadores. Ele acaba por propor sempre mais e executar mais. Até hoje não houve uma semana que ele não tivesse executado o PIT todo.

Encarregado Z – O PIT tem a particularidade de aproximar o meu educando da vida lá fora porque neste é necessário propor objetivos e executá-los e isso é o que acontece na vida real. É neste sentido que acho o PIT importante tendo em conta o que pode e o que consegue fazer.

Agora queria que me desse exemplos de situações em que tenha observado como o trabalho do PIT possa ter contribuído para o atingir de um objetivo específico, por exemplo.

Encarregado Z - As reduções. Com a professora fizemos imensas fichas, muitas mesmo, mas conjuntamente com este trabalho eu fui à internet e fiz o download de outros ficheiros, que também serviram para ultrapassar este problema das reduções.

Que comentários são feitos por si no PIT do seu educando?

Encarregado Z - A parte emocional está muito presente, muitas vezes digo-lhe muito bem parabéns, conseguiu. No entanto também tento fazer comentários que possam ser úteis no seu trabalho, mais em termos de aspetos relativos à organização e à gestão do tempo.

Encerramos assim a nossa entrevista, muito obrigado pelo seu contributo para este trabalho.

Anexo 19 - Guião da entrevista realizada aos alunos

Tema: A regulação cooperada das aprendizagens

Objetivo geral:

- Procurar entender a perspetiva dos alunos, quanto ao uso do PIT com os seus educandos.

BLOCOS	OBJETIVOS	TEMAS PARA QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
I • Trabalho do PIT	Entender a visão dos alunos quanto ao trabalho do PIT, tendo em conta as rotinas que fazem, bem como a docente e os alunos. Conhecer a opinião dos alunos sobre a eficácia do PIT.	Solicitar que os alunos identifiquem as suas rotinas, da professora e dos encarregados de educação. Requisitar uma descrição da sua evolução, quanto ao número de trabalhos que propõem/fazem e as áreas em que os trabalhos no âmbito do PIT têm ajudado a melhorar. Identificar situações reais que possam corroborar	Agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista. Manifestar o agradecimento por fazer parte do estudo. Enumerar os objetivos da entrevista, bem como a divisão dos blocos e objetivos específicos. Solicitar a resposta com clareza e objetividade.

		a evolução dos alunos.	
II Comentários/Opiniões	Conhecer outros aspetos que considerem importantes no sentido de responder aos objetivos específicos do bloco I.	Em conformidade com os objetivos identificados, pedir que os entrevistados imitam opiniões sobre os assuntos tratados no Bloco I.	

Anexo 20 - Entrevista ao aluno A

[Após a autorização para gravar, demos início à mesma]

Ora bem, nós agora vamos passar para ti. Não precisas de estar nervoso, porque isto vai ser muito simples, por isso podes estar à vontade para responderes da melhor forma que entenderes.

Para começar gostaria de saber o que costumavas fazer no trabalho do PIT na escola? O que tu costumavas fazer na escola?

Aluno A - Eu costumo trabalhar. Fazer vários tipos de tarefas para cumprir o PIT.

E no ATL?

Faço os trabalhos também.

Quem propõe fazer o trabalho do PIT no ATL?

Aluno A - Sou eu.

E em casa? Costumas fazer muitas vezes sozinho ou fazes com o resto da família?

Aluno A - Eu costumo fazer sozinho, apenas quando tenho dúvidas é que pergunto. O que eu faço é mais desenhos, mas às vezes faço fichas.

Por fim, quem costumavas propor as coisas para fazer no PIT?

Aluno A - Eu proponho mais. A professora é quem propõe também. Mas é para fazer as coisas que tenho mais dificuldades.

Sinceramente diz-me lá se às vezes não procuras propor coisas que gostes mais de fazer.

Aluno A - Não, eu procuro propor sempre o que tenho mais dificuldades.

Muito bem, terminamos assim a nossa entrevista. Obrigado pelo teu tempo e pelas tuas respostas sinceras.

Anexo 21 - Primeiro tratamento à entrevista realizada à docente

[Formação académica]

Sou professora desde outubro de 1980.

[Percurso profissional]

Sempre tenho trabalhado no 1.º ciclo, com algumas abordagens com a Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve. Tive algum tempo fora da escola, porque estive no Secretariado Nacional da Educação Cristã e depois na Direção Regional de Educação, nos Serviços Técnico-pedagógicos.

[Ambiente educativo]

(...) eu não posso deixar de falar no ambiente educativo, sem falar no Movimento da Escola Moderna, porque a forma como eu trabalho e organizo em sala de aula tem a ver com o Movimento da Escola Moderna. A grande diferença do ambiente educativo de algumas salas para outras é o centrar no aluno, o trabalhar com o aluno, o dividir o espaço, instrumentos, planificação e avaliação com os alunos. O ambiente educativo é organizado em função dos alunos e não em função do ensino do professor.

[Dificuldades sentidas]

(...) Ao nível das dificuldades, nós professores, podemos enumerar muitas dificuldades. Umas que nos são externas, a quantidade de reuniões, documentos, papéis, registos, que a escola nos propõe (obrigada) a fazer. Quanto a isso não podemos fugir, porque o 1.º ciclo está muito disciplinarizado. No princípio do ano temos cada vez mais de estabelecer uma proposta de horário e isso obriga-nos a trabalhar de uma forma um bocadinho diferente com meninos tão pequenos e muito mais parecida com o 2.º ciclo.

[Vantagens de ter uma turma heterogénea]

(...) Eu não vou dizer que as turmas heterogéneas... eu acho que as turmas heterogéneas são uma riqueza, embora existam alunos que avancem muito, enquanto outros nem tanto... Isso é uma riqueza. Não vou dizer o número elevado de alunos por turma. Eu tenho vinte e seis, por exemplo. Não se trabalha com a mesma qualidade do que se tivesse uma turma com vinte, é diferente, mas pronto, temos de arranjar estratégias para acolher todos e para que todos se desenvolvam.

[Dificuldades ao nível da escola]

As escolas não têm verbas e têm relativa pouca autonomia, com o que tinham há meia dúzia de anos. A questão de termos de ir, estar a trabalhar em agrupamentos, o que se aproxima agora de mega agrupamentos, perdemos um bocadinho a nossa entidade como escola.

[Dificuldades na relação interpares]

Não tenho dificuldades em trabalhar com colegas, embora trabalhem de forma diferente, de modos diferentes de encarar os alunos e a escola, mas isso também é positivo, não é? Porque não pensamos todos da mesma maneira. Também não tenho dificuldades em trabalhar com os pais. Sempre considerei que são os maiores aliados que temos. Acho que são sempre uns bons aliados e tenho sempre bons colaboradores, pessoas que questionam (o que é muito bom).

[Dificuldades quanto ao horário]

Eu pensava que te ias referir ao horário, porque nós temos regime duplo, não é? Temos duplo da manhã e duplo da tarde, portanto não podemos ter montado na sala, como alguns colegas do Movimento, que trabalham em regime normal. Tem os ficheiros sempre à disposição, tem um cantinho com Matemática... Pronto, tem uma sala organizada de uma forma diferente que eu pessoalmente não posso ter.

[Organização da sala de aula]

Temos de ter a sala organizada na perspetiva dos alunos e não na perspetiva com o manualzinho, que toda a gente faz a página quinze e depois passa para a página dezoito e depois passa para a dezanove. Não! É a aula e o trabalho curricular organizado de forma a atender todas as diferenças que a turma tem.

[Caracterização da turma]

A turma tem vinte e seis meninos, tem treze rapazes e treze raparigas. Portanto a esse nível está muito equilibrada. Alguns meninos que entraram com cinco anos na escola, que são mais novos e que só fizeram os seis anos já no final de

setembro/outubro/novembro/dezembro. Em alguns nota-se de facto que existe uma maturidade diferente do que outros.

Eu acho que é uma turma com quem se trabalha muito bem, tem miúdos muito muito interessantes e muito interessados. Constantemente a questionarem muito as coisas. Eu acho que a última turma com que se trabalha é sempre melhor que a anterior, mas se calhar não é, porque naquele momento estou mais ligada afetivamente aquela turma.

Existem casos de meninos hiperativos, no sentido de muito dinâmicos, não no conceito médico de hiperativo. Precisam muitas vezes de chamar a atenção, que é preciso controlar e regular os comportamentos. Existe uma diferença abismal de como muitos aprendem, sobretudo na rapidez com que aprendem e outros nem tanto. Mas pronto, o conhecimento é assim, faz-se com a integração de todos os meninos. Às vezes os professores consideram que isso é uma maçada, mas é porque ensinam a turma como se fosse só um, mas aliás estão ali vinte e seis pessoas, mas é sempre desafiante.

[Instrumentos associados ao PIT]

(...) antes de falar do PIT temos de partir do conselho. O que é o conselho? O Conselho de Turma, que já se chamou Assembleia de Turma, é feito à segunda-feira, logo que chegamos. Faz parte daquilo a que podíamos chamar de Formação Cívica. É do Conselho que parte toda a semana. Porquê? Porque no conselho planificamos as nossas rotinas. Temos um horário e planificamos as nossas rotinas.

[Como funciona o Conselho de Turma]

O que é que vamos fazer no Conselho? Vamos encher estas áreas de conteúdos. Portanto nós combinamos aquilo que vamos trabalhar durante a semana.

Então o Conselho de Turma tem planificação, tem a avaliação e mudança de tarefas. Portanto todos os alunos têm responsabilidades, desde de marcar o leite consumido, distribuir materiais, realizar os trabalhos de casa, realizar as correções de trabalho, porque todos os dias é um que faz em coletivo, distribuir materiais e fazer um registo da água, porque é um projeto que temos sobre a medida do contador da água. Distribuir a fruta, fazer a limpeza das mesas, apagar o quadro, portanto são tarefas de todos. Tem o presidente, que faz a gestão do conselho e o secretário que o ajuda. A função do

secretário também é apoiar os meninos que na comunicação comunicam coisas através de *powerpoints*. Portanto, como o computador não está ao pé do ecrã, eles fazem sinal ao secretário e o secretário vai passando. Portanto, planificação e tarefas.

Outra função do conselho é que nós vamos gerindo quem é que apoia quem. Isso está escrito nas atas. Vamos gerindo, por exemplo, se a D fica ao pé da E. Nessa semana a D ajuda a E na resolução das tarefas. Para quê? Para me disponibilizar a mim para apoiar outros meninos que têm de ter um apoio mais especializado da professora e não tanto de colegas.

Temos mais o que no Conselho? Temos os projetos, como o andamento em que estão os projetos, se eles têm feito individuais ou fazem a meias. Se fazem em grupo, etc. e temos também o PIT (PIT).

[Modo de operacionalização do PIT]

O que é que temos de PIT? Vamos avaliar/ver como o PIT correu na semana anterior, depois de eles avaliarem, depois dos pais avaliarem, depois de eu avaliar. Às vezes os pais dão sugestões, de um modo geral, pela positiva (muito bem, esforçaste-te, cumpriste o PIT e tal). Eu dou sugestões muito concretas. Por exemplo, podias trabalhar mais, estás com algumas dificuldades nas operações, podias levar ficheiros com as operações para casa, atenção que marcaste coisas, mas que depois não marcaste.

Tem de haver alguma seriedade, porque o que é que eles fazem no PIT? Eles propõem-se a algumas tarefas de resolução de ficheiros, de leituras, de coisas que têm a ver com o funcionamento da língua, de estudo. Portanto, o que tem a ver com o Estudo do Meio. Fazer projetos, interagir com a turma, por exemplo através do blogue e então a utilização das tecnologias da informação e comunicação. O trabalho nos Magalhães. Pronto, quer dizer, é um leque muito grande de áreas curriculares/disciplinares, mas também não disciplinares, não é? Portanto é mais ou menos esta rotina.

Começámos este ano, de uma forma mais rigorosa, com um PIT que eles registavam, por exemplo em dezembro, que foi um PIT de quinze dias e outro PIT de quinze dias, mas com o mesmo registo. Portanto vamos aferindo isso, mais ou menos. É no conselho que vemos essas alterações.

[Intencionalidade e finalidades do uso do PIT]

Eu só quero dizer que o PIT acaba por funcionar um pouco como instrumento de pilotagem e como instrumento de auto e hétero avaliação e de auto e hétero correção. Uma vez que eles têm o feedback deles próprios, o que fizeram, propuseram-se realizar determinadas tarefas. Se conseguiram ou não conseguiram e porquê. Porque a avaliação tem sempre a vertente se foi cumprido ou não foi cumprido e depois porquê. Por acaso o PIT que temos agora em uso tem isso. Porquê? Ou porque não houve tempo, a questão do tempo é sempre muito polémica.

Portanto o PIT acaba por ser um instrumento também de autorregulação do próprio conhecimento. Do trabalho curricular que se fez na aula. Quando eu digo «tu deves investir mais na ortografia, porque estás a trocar». Eles têm uma capa de ortografia onde têm os casos todos de leitura, as trocas todas, os brs, os trs, os vrs, os drzs, aquilo tudo.»

De certa forma PIT acaba por ser também uma mais valia para os meninos. Para eles aferirem aquilo que precisam mais de trabalhar. Claro que nós adultos se sabemos que temos um trabalho para entregar para semana, sabemos que no início da semana dá para fazer e alguns meninos acabam por fazer isso.

Anexo 22 - Segundo tratamento à entrevista realizada à docente

[Papel da professora quanto ao trabalho do PIT]

O meu papel é de apoiar, supervisionar. Tentando fazer a supervisão, sempre tentando não controlar, para que eles fiquem cada vez mais autónomos, embora alguns meninos não seja possível trabalharem muito de forma autónoma. O meu papel nas rotinas do PIT é propor. É mudar os ficheiros. Como estamos a trabalhar conteúdos diferentes, os ficheiros são diferentes. Portanto vamos transformar os ficheiros em autocorretivos, de forma a que eles de forma autónoma realizem e vão verificar.

[Papel dos alunos quanto ao trabalho do PIT]

O papel deles é planificar, tendo em conta as dificuldades, executar e avaliar.

[Papel dos pais quanto ao trabalho do PIT]

O dos pais, de certa forma é acompanhar.

Anexo 23 - Unidades de sentido da entrevista à docente

1. [Formação académica] (...) professora desde outubro de 1980.
2. [Percurso profissional] Sempre tenho trabalhado no 1.º ciclo.
3. (...) algumas abordagens com a Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve.
4. (...) estive no Secretariado Nacional da Educação Cristã e depois na Direção Regional de Educação, nos Serviços Técnico-pedagógicos.
5. [Dificuldades sentidas como docente] (...) a quantidade de reuniões, documentos, papéis, registos, que a escola nos propõe a fazer.
6. (...) o 1.º ciclo está muito disciplinarizado.
7. (...) no princípio do ano temos (...) de estabelecer uma proposta de horário.
8. [Dificuldades ao nível da escola] As escolas não têm verbas e têm relativa pouca autonomia.
9. [Dificuldades na relação com os membros da comunidade educativa] Não tenho dificuldades em trabalhar com colegas, embora trabalhemos de forma diferente, de modos diferentes de encarar os alunos e a escola, mas isso também é positivo.
10. (...) não tenho dificuldades em trabalhar com os pais. Sempre considerei que são os maiores aliados que temos. Acho que são sempre uns bons aliados e tenho sempre bons colaboradores.
11. [Dificuldades quanto ao horário] Temos duplo da manhã e duplo da tarde, portanto não podemos ter montado na sala, como alguns colegas do Movimento, que trabalham em regime normal.
12. [Princípios ideológicos da docente] (...) eu acho que as turmas heterogéneas são uma riqueza.
13. Temos de ter a sala organizada na perspetiva dos alunos e não na perspetiva com o manualzinho (...) e a aula e o trabalho curricular organizado de forma a atender todas as diferenças que a turma tem.
14. (...) o conhecimento é assim, faz-se com a integração de todos os meninos.
15. (...) a forma como trabalho e organizo a sala tem a ver com o Movimento da Escola Moderna.
16. (...) é o centrar no aluno, o trabalhar com o aluno, o dividir o espaço, instrumentos, planificação e avaliação com os alunos (...) e não em função do ensino do professor.

17. [Caracterização da turma] A turma tem vinte e seis meninos, tem treze rapazes e treze raparigas.
18. Em alguns nota-se (...) que existe uma maturidade diferente do que outros.
19. Eu acho que é uma turma com quem se trabalha muito bem, tem miúdos muito muito interessantes e muito interessados. Constantemente a questionarem muito as coisas.
20. Existem casos de meninos hiperativos, no sentido de muito dinâmicos (...) precisam muitas vezes de chamar a atenção.
21. [Instrumentos associados ao PIT] (...) antes de falar do PIT temos de partir do conselho.
22. O Conselho de Turma (...) é feito à segunda-feira, logo que chegamos.
23. Faz parte daquilo a que podíamos chamar de Formação Cívica.
24. (...) no conselho planificamos as nossas rotinas, (...) vamos encher estas áreas de conteúdos.
25. (...) o Conselho de Turma tem planificação, tem a avaliação e mudança de tarefas.
26. (...) todos os alunos têm responsabilidades, desde de marcar o leite consumido, distribuir materiais, realizar os trabalhos de casa, realizar as correções de trabalho, (...) distribuir materiais, fazer um registo da água, (...) distribuir a fruta, fazer a limpeza das mesas, apagar o quadro, (...) tem o presidente (...) e o secretariado que ajuda.
27. Outra função do conselho é que nós vamos gerindo quem é que apoia quem.
28. [Modo de operacionalização do PIT] Vamos avaliar/ver como o PIT correu na semana anterior, depois de eles avaliarem, depois dos pais avaliarem, depois de eu avaliar.
29. Começámos este ano, de uma forma mais rigorosa, com um PIT que eles registavam, (...) que foi um PIT de quinze dias e outro PIT de quinze dias. (...)
30. É no conselho que vemos essas alterações.
31. Intencionalidade e finalidades do uso do PIT] (...) acaba por funcionar um pouco como instrumento de pilotagem e como instrumento de auto e hetero avaliação e de auto e hetero correção. (...)
32. Uma vez que eles têm o feedback deles próprios, o que fizeram, propuseram-se realizar determinadas tarefas. Se conseguiram ou não conseguiram e porquê.
33. (...) o PIT acaba por ser um instrumento também de autorregulação do próprio conhecimento. (...)
34. Do trabalho curricular que se fez na aula.

35. (...) acaba por ser também uma mais valia para os meninos. (...)

36. Para eles aferirem aquilo que precisam mais de trabalhar.

Anexo 24 - Grelha de categorização da entrevista à docente

Tema: A regulação cooperada das aprendizagens

Categorias	Subcategorias	Indicadores
1.1 Questões pessoais	1.1.1 Formação académica	«(...) professora desde outubro de 1980.» (1)
	1.1.2 Percurso profissional	«Sempre tenho trabalhado no 1.º ciclo.» (2) «(...) algumas abordagens com a Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve.» (3) «(...) estive no Secretariado Nacional da Educação Cristã e depois na Direção Regional de Educação, nos Serviços Técnico-pedagógicos.» (4)
	1.1.3 Dificuldades gerais	«(...) a quantidade de reuniões, documentos, papéis, registos, que a escola nos propõe a fazer.» (5) «(...) o 1.º ciclo está muito disciplinarizado.» (6) «(...) no princípio do ano temos (...) de estabelecer uma proposta de horário.» (7) «Temos duplo da manhã e duplo da tarde, portanto não podemos ter montado na sala, como alguns colegas do Movimento, que trabalham em regime normal.» (11)
	1.1.4 Dificuldades ao nível da	«As escolas não têm verbas e têm relativa pouca autonomia.» (8)

	escola	
	1.1.5 Dificuldades na relação com os membros da comunidade educativa	<p>«Não tenho dificuldades em trabalhar com colegas, embora trabalhem de forma diferente, de modos diferentes de encarar os alunos e a escola, mas isso também é positivo. (9)</p> <p>«(...) não tenho dificuldades em trabalhar com os pais. Sempre considere que são os maiores aliados que temos. Acho que são sempre uns bons aliados e tenho sempre bons colaboradores.» (10)</p>
	1.1.6 Princípios ideológicos da docente	<p>«(...) eu acho que as turmas heterogêneas são uma riqueza.» (12)</p> <p>«Temos de ter a sala organizada na perspetiva dos alunos e não na perspetiva com o manualzinho (...) e a aula e o trabalho curricular organizado de forma a atender todas as diferenças que a turma tem.» (13)</p> <p>«(...) o conhecimento é assim, faz-se com a integração de todos os meninos.» (14)</p> <p>«(...) a forma como trabalho e organizo a sala tem a ver com o Movimento da Escola Moderna.» (15)</p> <p>«(...) é o centrar no aluno, o trabalhar com o aluno, o dividir o espaço, instrumentos, planificação e avaliação com os alunos (...) e não em função do ensino do professor.» (16)</p>
1.2 Trabalho em sala de aula	1.2.1 Caracterização da turma	«A turma tem vinte e seis meninos, tem treze rapazes e treze

(curricular)		<p>raparigas.» (17)</p> <p>« Em alguns nota-se (...) que existe uma maturidade diferente do que outros.» (18)</p> <p>«Eu acho que é uma turma com quem se trabalha muito bem, tem miúdos muito muito interessantes e muito interessados. Constantemente a questionarem muito as coisas.» (19)</p> <p>«Existem casos de meninos hiperativos, no sentido de muito dinâmicos (...) precisam muitas vezes de chamar a atenção. (20)</p>
	1.2.2 O Conselho de Turma	<p>«(...) antes de falar do PIT temos de partir do conselho.» (21)</p> <p>«O Conselho de Turma (...) é feito à segunda-feira, logo que chegamos.» (22)</p> <p>«Faz parte daquilo a que podíamos chamar de Formação Cívica.» (23)</p> <p>«(...) no conselho planificamos as nossas rotinas, (...)vamos encher estas áreas de conteúdos.» (24)</p> <p>«(...) o Conselho de Turma tem planificação, tem a avaliação e mudança de tarefas.» (25)</p> <p>«(...) todos os alunos têm responsabilidades, desde de marcar o leite consumido, distribuir materiais, realizar os trabalhos de casa, realizar as correções de trabalho, (...)distribuir materiais, fazer um registo da água, (...) distribuir a fruta, fazer a limpeza das mesas, apagar o</p>

		quadro, (...) tem o presidente (...) e o secretariado que ajuda.» (26) «Outra função do conselho é que nós vamos gerindo quem é que apoia quem.» (27)
	1.2.3 Modo de operacionalização do PIT	«Vamos avaliar/ver como o PIT correu na semana anterior, depois de eles avaliarem, depois dos pais avaliarem, depois de eu avaliar.» (28) «Começámos este ano, de uma forma mais rigorosa, com um PIT que eles registavam, (...) que foi um PIT de quinze dias e outro PIT de quinze dias. (...)» (29) «É no conselho que vemos essas alterações.» (30)
	1.2.7 Intencionalidade e finalidades do uso do PIT	«(...) acaba por funcionar um pouco como instrumento de pilotagem e como instrumento de auto e hétero avaliação e de auto e hétero correção. (...)» (31) «Uma vez que eles têm o feedback deles próprios, o que fizeram, propuseram-se realizar determinadas tarefas. Se conseguiram ou não conseguiram e porquê.» (32) «(...) o PIT acaba por ser um instrumento também de autorregulação do próprio conhecimento. (...)» (33) «Do trabalho curricular que se fez na aula.» (34) «(...) acaba por ser também uma mais valia para os meninos. (...)» (25)

		«Para eles aferirem aquilo que precisam mais de trabalhar.» (36)
--	--	--

Anexo 25 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao encarregado X

[Antecedentes ligados ao PIT]

O PIT é algo familiar lá em casa. É uma coisa que sempre existiu.

[Definição de PIT]

(...) a partir de uma certa altura, mesmo já com as irmãs, as professoras falaram-nos do PIT e apresentaram-nos como sendo um instrumento natural para os meninos.

Eu acho que o PIT acaba por ganhar o «rosto» que eles lhe dão e tem a ver um bocado com eles próprios.

[Eficácia do instrumento]

Eu acho que sim, se for um instrumento apresentado aos pais de forma a que eles o intendam e se for um instrumento trabalhado todos os dias na sala de aula. Penso que este trabalho está muito dependente do professor senão acaba por ser um instrumento que existe por si só. Acho que tem de ser um instrumento muito dinâmico e feito diariamente, para eles assumirem aquilo mesmo como uma tarefa. Se for assim acho que é eficaz.

Anexo 26 - Segundo tratamento à entrevista realizada ao encarregado X

[Relação com o PIT]

A minha relação com o PIT do meu educando tem a ver com o próprio educando, pois acaba por ser um bocadinho diferente daquela que tive de ter com as irmãs dele.

Essencialmente para responder à sua pergunta, como eu me relaciono com o PIT... Assumindo como um instrumento de trabalho do meu educando e procuro gerir um pouco na retaguarda. Com as irmãs deixava muito serem elas a fazer, mas com o meu educando foi diferente. Tive de, na retaguarda ajudá-lo por vezes, mas chegou a certa altura em que pensei que o PIT é dele, portanto deixo que ele faça, mesmo correndo o risco de às vezes ele não o cumprir. Essencialmente a minha relação é de supervisão, mas mais na retaguarda.

Quando falo do PIT lá em casa, centro-me mais na disciplina que o PIT pode incutir e os propósitos que o PIT lhe pode incutir, mais do que propriamente no objetivo daquele PIT. Assumo mais o PIT como instrumento para que ele se discipline. Agora de facto gosto que o meu educando atinga aquilo a que se propôs, pois isso é o principal, até mais do que o objetivo específico nesta área e naquela. Mas com o meu educando procuro ver com ele o que ele propõe de forma a gerir o tempo.

Por vezes ele propunha coisas que gostava mais do que aquelas que gostava menos, então eu dizia-lhe que assim não podia ser. No essencial acho que o PIT é um instrumento muito interessante para eles se disciplinarem, porque permite que eles tentem gerir as coisas.

[Modo de trabalho]

Eu acho que o PIT é um instrumento que deve ser trabalhado a três, a professora, a criança e os pais. Não sei se estou a dizer uma coisa muito errada, mas acho que seria muito difícil que uma criança por si só conseguisse gerir as suas coisas, portanto tem de haver aqui uma triangulação.

Anexo 27 - Unidades de sentido da entrevista ao encarregado X

1. [Definição de PIT] (...) um instrumento natural para os meninos.
2. (...) acaba por ganhar o «rosto» que eles lhe dão e tem a ver um bocado com eles próprios.
3. [Eficácia do instrumento] (...) se for um instrumento apresentado aos pais de forma a que eles o entendam e se for um instrumento trabalhado todos os dias na sala de aula.
4. (...) este trabalho está muito dependente do professor senão acaba por ser um instrumento que existe por si só.
5. (...) tem de ser um instrumento muito dinâmico e feito diariamente, para eles assumirem aquilo mesmo como uma tarefa.

Anexo 28 - Grelha de categorização da entrevista ao encarregado X

Tema: A regulação cooperada das aprendizagens

Categorias	Subcategorias	Indicadores
1.1 Trabalho do PIT	1.1.1 Definição de PIT	«(...) um instrumento natural para os meninos.» (1) «(...) acaba por ganhar o «rosto» que eles lhe dão e tem a ver um bocado com eles próprios.» (2)
	1.1.2 Eficácia do instrumento	«(...) se for um instrumento apresentado aos pais de forma a que eles o intendam e se for um instrumento trabalhado todos os dias na sala de aula. » (3) «(...) este trabalho está muito dependente do professor senão acaba por ser um instrumento que existe por si só.» (4) «(...) tem de ser um instrumento muito dinâmico e feito diariamente, para eles assumirem aquilo mesmo como uma tarefa.» (5)

Anexo 29 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao encarregado Z

[Eficácia do instrumento]

Antigamente eu tinha de o acompanhar mais do que agora na parte da execução.

No planejar também ganhou um bocadinho mais de autonomia, porque antes ele planeava muitos desenhos e depois ele próprio percebeu que eram mais do que era necessário. Depois ele fazia as fichas e acabava por não tempo para pintar os desenhos, levando-o a pintar à pressa. Por isso acabou por perceber por ele próprio que não devia planejar tantos desenhos, apesar destes também serem muito importantes, mas não é aquilo que ele tem de trabalhar mais.

O que é que acontecia? Ele planeava e acabava por fazer demais, porque ele queria à força terminar o tinha planeado e acabava por ter mais dificuldades em terminar o que tinha proposto. Neste momento ele já tem essa autonomia, escolhe a quantidade de coisas.

Entretanto, consoante vai fazendo coisas, tem mais vontade de fazer mais. E o espírito competitivo acaba por surgir com os colegas, mas é uma competição saudável. Isso leva a que tente fazer mais coisas, mas o que importa não é quem faz mais, mas sim os indicadores. Ele acaba por propor sempre mais e executar mais. Até hoje não houve uma semana que ele não tivesse executado o PIT todo.

As reduções. Com a professora fizemos imensas fichas, muitas mesmo, mas conjuntamente com este trabalho eu fui à internet e fiz o download de outros ficheiros, que também serviram para ultrapassar este problema das reduções.

[Apreciações feitas ao educando]

A parte emocional está muito presente, muitas vezes digo-lhe muito bem, parabéns, conseguiste. No entanto também tento fazer comentários que possam ser úteis no seu trabalho, mais em termos de aspetos relativos à organização e à gestão do tempo.

Anexo 30 - Segundo tratamento à entrevista realizada ao encarregado Z

[Relação com o PIT]

Em relação a ele, tenho a dizer que sou muito fã do PIT. Para já, porque não é só aquilo que aprende, mas porque é bom planear, executar e avaliar e é isso que o PIT faz. Por outro lado ajuda-me a perceber e a estar mais com ele e ajuda-o a tornar-se mais autónomo.

O PIT tem a particularidade de aproximar o meu educando da vida lá fora porque neste é necessário propor objetivos e executá-los e isso é o que acontece na vida real. É neste sentido que acho o PIT importante tendo em conta o que pode e o que consegue fazer.

[Modo de trabalho]

Ele é autónomo para saber o que faz na escola. Pode escolher se faz na escola ou no ATL. No caso da filha ela só tinha uma leitura obrigatória, mas com a Gena eles podem escolher.

Unidades de sentido da entrevista ao encarregado Z

1. [Eficácia do instrumento] Antigamente eu tinha de o acompanhar mais do que agora na parte da execução.
2. No planear também ganhou um bocadinho mais de autonomia, porque antes ele planeava muitos desenhos e depois ele próprio percebeu que eram mais do que era necessário.
3. (...) ele fazia as fichas e acabava por não ter tempo para pintar os desenhos, levando-o a pintar à pressa (...) acabou por perceber por ele próprio que não devia planear tantos desenhos (...).
4. Neste momento ele já tem essa autonomia, escolhe a quantidade de coisas.
5. [Apreciações feitas ao educando] A parte emocional está muito presente (...).
6. (...) digo-lhe muito bem, parabéns, conseguiu.
7. (...) também tento fazer comentários que possam ser úteis no seu trabalho, mais em termos de aspetos relativos à organização e à gestão do tempo.

Anexo 31 - Grelha de categorização da entrevista ao encarregado Z

Tema: A regulação cooperada das aprendizagens

Categorias	Subcategorias	Indicadores
	1.1.1 Eficácia do instrumento	«Antigamente eu tinha de o acompanhar mais do que agora na parte da execução.» (1) «No planear também ganhou um bocadinho mais de autonomia, porque antes ele planeava muitos desenhos e depois ele próprio percebeu que eram mais do que era necessário.» (2) «(...) ele fazia as fichas e acabava por não ter tempo para pintar os desenhos, levando-o a pintar à pressa (...) acabou por perceber por ele próprio que não devia planear tantos desenhos (...).» (3) «Neste momento ele já tem essa autonomia, escolhe a quantidade de coisas.» (4)
	1.1.2 Apreciações feitas ao educando	«A parte emocional está muito presente (...).» (5) «(...) digo-lhe muito bem, parabéns, conseguiste.» (6) «(...) também tento fazer comentários que possam ser úteis no seu trabalho, mais em termos de aspetos relativos à organização e à gestão do tempo.» (7)

Anexo 32 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao aluno A

[Na escola]

Eu costumo trabalhar. Fazer vários tipos de tarefas para cumprir o PIT.

[No ATL]

Faço os trabalhos também.

Sou eu [quem propõe].

[Em casa]

Eu costumo fazer sozinho, apenas quando tenho dúvidas é que pergunto. O que eu faço é mais desenhos, mas às vezes faço fichas.

[Proposta de trabalho]

Eu proponho mais. A professora é quem propõe também. Mas é para fazer as coisas que tenho mais dificuldades.

Não, eu procuro propor sempre o que tenho mais dificuldades.

Anexo 33 - Entrevista ao aluno B

[Após a autorização para gravar, demos início à mesma]

Muito obrigado por teres vindo cá, não precisas estar nervoso porque isto vai ser muito simples. Apenas vou-te fazer umas questões quanto ao trabalho que tu realizas com o PIT.

Quanto ao trabalho do PIT, que tipo de trabalho fazes na sala de aula?

Aluno B – Faço contas, faço escrita, várias coisas de matemática, depois faço textos, escrita e estudo do meio.

E quem propõe o trabalho? É a professora, és tu, a mãe ou pai?

Aluno B – Em casa sou eu que proponho, mas na escola e no ATL já são as professoras.

Como é feito o trabalho no ATL?

Aluno B – Eu peço à professora para fazer ou então ela pede para ver o que falta e depois faço no caderno ou então ela numa ficha.

E como é o trabalho realizado em casa? Precisas da ajuda do pai, da mãe ou do irmão?

Aluno B - Não.

Nem às vezes?

Aluno B - Quando calha.

Então e o que achas do PIT? Achas que ele te ajuda a aprender?

Aluno B - Sim.

O que tu propões tem por base o quê?

Aluno B - Costumo propor o que tenho mais dificuldades.

Muito obrigado por me teres ajudado neste trabalho e por teres dispensado o teu tempo.

Anexo 34 - Primeiro tratamento à entrevista realizada ao aluno B

[Na sala]

Faço contas, faço escrita, várias coisas de matemática, depois faço textos e estudo do meio.

[No ATL]

Eu peço à professora para fazer ou então ela pede para ver o que falta e depois faço no caderno ou então numa ficha.

[Proposta de trabalho]

Em casa sou eu que proponho, mas na escola e no ATL já são as professoras.

Costumo propor o que tenho mais dificuldades.

[Em casa]

Não [preciso de ajuda]. Quando calha.

Anexo 35 - Unidades de sentidos resultantes das entrevistas à professora, EE e alunos

Unidades de sentido realizadas após o segundo tratamento à entrevista realizada à docente

37. Às vezes os pais dão sugestões, de um modo geral, pela positiva (muito bem, esforçaste-te, cumpriste o PIT e tal).
38. Eu dou sugestões muito concretas (...) podias trabalhar mais, estás com algumas dificuldades nas operações, podias levar ficheiros com as operações para casa, atenção que marcaste coisas, mas que depois não marcaste.
39. [Papel da professora no trabalho do PIT] O meu papel é de apoiar, supervisionar. (...) Tentando fazer a supervisão, sempre tentando não controlar, para que eles fiquem cada vez mais autónomos (...).
40. O meu papel nas rotinas do PIT é propor. (...)
41. (...) É mudar os ficheiros. Como estamos a trabalhar conteúdos diferentes (...).
42. [Papel dos pais quanto ao trabalho do PIT] O dos pais, de certa forma é acompanhar.
43. Eles propõem-se a algumas tarefas de resolução de ficheiros, de leituras, de coisas que têm a ver com o funcionamento da língua, de estudo.
44. [Papel dos alunos no trabalho do PIT] O papel deles é planificar, tendo em conta as dificuldades, executar e avaliar.

Unidades de sentido realizadas após o segundo tratamento à entrevista realizada ao encarregado X

45. [Relação com o PIT] A minha relação com o PIT do meu educando tem a ver com o próprio educando (...).
46. Assumindo como um instrumento de trabalho do meu educando e procuro gerir um pouco na retaguarda.
47. Essencialmente a minha relação é de supervisão, mas mais na retaguarda.
48. (...) centro-me mais na disciplina que o PIT pode inculir e os propósitos que o PIT lhe pode inculir (...).
49. (...) gosto que o meu educando atinga aquilo a que se propôs, pois isso é o principal, até mais do que o objetivo específico nesta área e naquela.

50. Mas com o meu educando procuro ver com ele o que ele propõe de forma a gerir o tempo.

51. [Modo de trabalho] Eu acho que o PIT é um instrumento que deve ser trabalhado a três, a professora, a criança e os pais.

52. (...) acho que seria muito difícil que uma criança por si só conseguisse gerir as suas coisas, portanto tem de haver aqui uma triangulação.

Unidades de sentido realizadas após o segundo tratamento à entrevista realizada ao encarregado Z

53. [Relação com o PIT] (...) sou muito fã do PIT (...) porque não é só aquilo que aprende, mas porque é bom planear, executar e avaliar (...).

54. (...) ajuda-me a perceber e a estar mais com ele e ajuda-o a tornar-se mais autónomo.

55. O PIT tem a particularidade de aproximar o meu educando da vida lá fora porque neste é necessário propor objetivos e executá-los e isso é o que acontece na vida real.

56. (...) o que importa não é quem faz mais, mas sim os indicadores.

57. [Modo de trabalho] Ele é autónomo para saber o que faz na escola (...) pode escolher se faz na escola ou no ATL.

Unidades de sentido da entrevista realizada ao aluno A

58. [Trabalho feito na escola] Eu costumo trabalhar (...) fazer vários tipos de tarefas para cumprir o PIT.

59. [Trabalho feito no ATL] Faço os trabalhos também.

60. Sou eu [quem propõe os trabalhos].

61. [Trabalho feito em casa] Eu costumo fazer sozinho, apenas quando tenho dúvidas é que pergunto.

62. O que eu faço é mais desenhos, mas às vezes faço fichas.

63. [Quem propõe o trabalho] Eu proponho mais, (...) a professora propõe também.

64. (...) é para fazer as coisas que tenho mais dificuldade (...) eu procuro propor sempre o que tenho mais dificuldades.

Unidades de sentido da entrevista realizada ao aluno B

- 65.** [Trabalho feito na escola] Faço contas, faço escrita, várias coisas de matemática, depois faço textos, escrita e estudo do meio.
- 66.** [Trabalho feito no ATL] Eu peço à professora para fazer ou então ela pede para ver o que falta e depois faço no caderno ou então numa ficha.
- 67.** [Quem propõe o trabalho] Em casa sou eu que proponho, mas na escola e no ATL são as professoras.
- 68.** Costumo propor o que tenho mais dificuldades.
- 69.** [Trabalho feito em casa] Não [preciso de ajuda] (...) [só] quando calha.

70. Anexo 36 - Grelha de categorização das entrevistas à professora, EE e alunos

71.

1. Rotinas da professora, encarregados de educação e alunos, segundo a docente	1.1. Rotinas da professora	<p>«O meu papel é de apoiar, supervisionar. (...) Tentando fazer a supervisão, sempre tentando não controlar, para que eles fiquem cada vez mais autónomos (...).» (3)</p> <p>«O meu papel nas rotinas do PIT é propor. (...)» (4)</p> <p>«(...) É mudar os ficheiros. Como estamos a trabalhar conteúdos diferentes (...).» (5)</p> <p>«Eu dou sugestões muito concretas (...) podias trabalhar mais, estás com algumas dificuldades nas operações, podias levar ficheiros com as operações para casa, atenção que marcaste coisas, mas que depois não marcaste.» (2)</p>
	1.2 Rotinas dos encarregados de educação	<p>«O dos pais, de certa forma é acompanhar.» (6)</p> <p>«Às vezes os pais dão sugestões, de um modo geral, pela positiva (muito bem, esforçaste-te, cumpriste o PIT e tal).» (1)</p>
	1.3 Rotinas dos alunos	<p>«Eles propõem-se a algumas tarefas de resolução de ficheiros, de leituras, de coisas que têm a ver com o funcionamento da língua, de estudo.» (7)</p> <p>«O papel deles é planificar, tendo em conta as dificuldades, executar e avaliar.» (8)</p>
2. Rotinas do encarregado de educação e modo de	2.1 As rotinas do encarregado de educação X	«A minha relação com o PIT do meu educando tem a ver com o próprio educando (...).» (9)

<p>trabalho, segundo o Encarregado X</p>		<p>«Assumindo como um instrumento de trabalho do meu educando e procuro gerir um pouco na retaguarda.» (10)</p> <p>«Essencialmente a minha relação é de supervisão, mas mais na retaguarda.» (11)</p> <p>«(...) centro-me mais na disciplina que o PIT pode incutir e os propósitos que o PIT lhe pode incutir (...).» (12)</p> <p>«(...) gosto que o meu educando atinga aquilo a que se propôs, pois isso é o principal, até mais do que o objetivo específico nesta área e naquela.» (13)</p> <p>«Mas com o meu educando procuro ver com ele o que ele propõe de forma a gerir o tempo.» (14)</p>
	<p>2.1 Modo de trabalho</p>	<p>«Eu acho que o PIT é um instrumento que deve ser trabalhado a três, a professora, a criança e os pais.» (15)</p> <p>«(...) acho que seria muito difícil que uma criança, por si só, conseguisse gerir as suas coisas, portanto tem de haver aqui uma triangulação. (16)</p>
<p>3. Rotinas do encarregado de educação e modo de trabalho, segundo o Encarregado Z</p>	<p>3.1 As rotinas do encarregado de educação Z</p>	<p>«(...)sou muito fã do PIT (...) porque não é só aquilo que aprende, mas porque é bom planear, executar e avaliar (...).» (17)</p> <p>«(...) ajuda-me a perceber e a estar mais com ele e ajuda-o a tornar-se mais autónomo.» (18)</p> <p>«O PIT tem a particularidade de aproximar o meu educando da vida lá fora porque neste é necessário propor objetivos e executá-los e isso é o que acontece na vida real.» (19)</p>

		«(...) o que importa não é quem faz mais, mas sim os indicadores.» (20)
	3.2 Modo de trabalho	«Ele é autónomo para saber o que faz na escola (...) pode escolher se faz na escola ou no ATL.» (21)
4. Rotinas do aluno, segundo o aluno A	4.1 Trabalho feito na escola	«Eu costumo trabalhar (...) fazer vários tipos de tarefas para cumprir o PIT.» (22)
	4.2 Trabalho feito no ATL	«Faço os trabalhos também.» (23) «Sou eu [quem propõe os trabalhos].» (24)
	4.3 Trabalho feito em casa	«Eu costumo fazer sozinho, apenas quando tenho dúvidas é que pergunto.» (25) «O que eu faço é mais desenhos, mas às vezes faço fichas.» (26)
	4.4 Quem propõe o trabalho	«Eu proponho mais, (...) a professora propõe também.» (27) «(...) é para fazer as coisas que tenho mais dificuldade (...) eu procuro propor sempre o que tenho mais dificuldades.» (28)
5. Rotinas do aluno segundo o aluno B	5.1 Trabalho feito na escola	«Faço contas, faço escrita, várias coisas de matemática, depois faço textos, escrita e estudo do meio.» (29)
	5.2 Trabalho feito no ATL	«Eu peço à professora para fazer ou então ela pede para ver o que falta e depois faço no caderno ou então numa ficha.» (30)
	5.3 Trabalho feito em casa	«Não [preciso de ajuda] (...) [só] quando calha.» (33)
	5.4 Quem propõe o trabalho	«Em casa sou eu que proponho, mas na escola e no ATL são as professoras.» (31)

		«Costumo propor o que tenho mais dificuldades.» (32)
--	--	--